



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE -  
MESTRADO PROFISSIONAL

JULIANA MACIEL DE SOUZA

**TRAJETÓRIA DO ESTUDANTE NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: PERFIL DO  
INGRESSANTE, SITUAÇÃO ACADÊMICA E MOTIVOS DE RETENÇÃO E  
EVASÃO**

Porto Alegre

2014

JULIANA MACIEL DE SOUZA

**TRAJETÓRIA DO ESTUDANTE NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: PERFIL DO  
INGRESSANTE, SITUAÇÃO ACADÊMICA E MOTIVOS DE RETENÇÃO E  
EVASÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre do  
Programa de Pós-Graduação em Ensino na  
Saúde – Mestrado Profissional da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Drª Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Porto Alegre

2014

### CIP - Catalogação na Publicação

Maciel de Souza, Juliana

TRAJETÓRIA DO ESTUDANTE NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: PERFIL DO INGRESSANTE, SITUAÇÃO ACADÊMICA E MOTIVOS DE RETENÇÃO E EVASÃO / Juliana Maciel de Souza. -- 2014.  
99 f.

Orientador: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Evasão Escolar. 2. Educação Superior. 3. Educação em Odontologia. I. Ceriotti Toassi, Ramona Fernanda, orient. II. Título.



## ATA PARA ASSINATURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Nível Mestrado Profissional  
 Ensino na Saúde - Mestrado Profissional  
 Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Juliana Maciel de Souza, com ingresso em 31/08/2012

Título: **TRAJETÓRIA DO ESTUDANTE NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA DA  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: PERFIL DO INGRESSANTE, SITUAÇÃO  
 ACADÊMICA E MOTIVOS DE RETENÇÃO E EVASÃO**

Orientador: Profª Drª Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Data: 30/08/2014

Horário: 10:30

Local: FAMED

Banca Examinadora	Origem
Bettina Steren Dos Santos	PUCRS
Cassiano Kuchenbecker Rösing	UFRGS
Carmen Lucia Bezerra Machado	UFRGS
Cristine Maria Warmling	UFRGS

Porto Alegre, 30 de agosto de 2014.

Membros	Assinatura	Conceito	Indicação de Voto de Louvor
Bettina Steren Dos Santos		Aprovado	<input checked="" type="checkbox"/>
Cassiano Kuchenbecker Rösing		Aprovado	<input checked="" type="checkbox"/>
Carmen Lucia Bezerra Machado (Bacian)		Aprovado	<input checked="" type="checkbox"/>
Cristine Maria Warmling	_____	_____	_____

Conceito Geral da Banca: ( Am ) Correções solicitadas: ( ) Sim ( ) Não  
 Indicação de Voto de Louvor: ( X ) Sim ( ) Não

**Observação:** Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Nível Mestrado Profissional  
 Av. Ramiro Barcelos,, 2400 2º andar - Bairro Santa Cecília - Telefone 51 33085599  
 Porto Alegre -

*Ao concluir esta dissertação, a qual faz parte do meu  
percurso profissional e representa a finalização da  
trajetória no Mestrado Profissional Ensino na Saúde,  
dedico este trabalho a todos os estudantes do curso  
noturno de Odontologia da UFRGS.*

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, não posso deixar de agradecer aqueles que o tornaram possível, contribuindo direta ou indiretamente com a caminhada iniciada dois anos atrás. A todos registro aqui meu agradecimento, em especial àquelas que deixaram marcas tão profundas que precisam ficar registradas.

À Deus, pela presença constante em minha vida.

Aos meus pais, Arminda e Raul, e meu irmão Cristiano. À minha mãe, por estar sempre ao meu lado, pelo carinho, pelo suporte e por jamais me deixar desistir de um sonho.

À orientadora e amiga Ramona Toassi, que tem sido uma grande companheira na minha trajetória pessoal e profissional, compartilhando conhecimento, inspirando e apoiando em todos os momentos.

À direção da Faculdade de Odontologia, professores Pantelis Varvaki Rados e Regis Burmeister dos Santos, pelo incentivo e apoio para a realização desta etapa de formação.

Ao apoio da coordenadora do curso de Odontologia, professora Carmen Borges Fortes, sem o qual esta pesquisa não teria sido possível.

Aos colegas do Núcleo Acadêmico Gustavo, Susana, Maria e Lucio, que acolheram meu projeto e proporcionaram o suporte necessário para que eu o realizasse. À Brunah, pela parceria e carinhosa leitura prévia.

Aos colegas do Núcleo de Avaliação da Unidade, pelas valiosas contribuições na transcrição das entrevistas.

Às colegas e amigas que fiz na Prefeitura Municipal de Gravataí e, em especial, na EMEI Oniva de Moura Brizola, espaços que muito contribuíram para a profissional que sou hoje e que deram apoio incondicional quando precisei optar pelo afastamento para realização deste estudo.

À querida amiga Cátia Zilio, pela generosidade com que compartilha o que tem de melhor, por ter trilhado o caminho do mestrado marcando o trajeto para que eu pudesse seguir seus passos.

Aos meus afilhados Manuela, Isadora e Vinícius, bem como a seus pais, pela alegria que preenche minha vida. À Manuella, querida sobrinha, pelos sorrisos que me iluminam e pela energia de cada encontro.

A todos os amigos que tenho somado em cada fase da vida, pelo apoio, incentivo e compreensão da ausência nestes últimos meses.

À turma do Mestrado Profissional Ensino na Saúde, onde pude conviver com pessoas dedicadas e comprometidas com o seu fazer, e construir amizades que vão além dos muros da faculdade. Em especial à Maria Fernanda, Sirlene e Robianca, pelos incontáveis momentos de aprendizagem, parceria e amizade.

Ao PPG Ensino na Saúde, seus professores e equipe administrativa, pela oportunidade e todo suporte necessário para realização desta etapa de formação.

Aos membros da banca examinadora, por aceitar o convite e dedicar seu tempo na leitura cuidadosa deste texto e construção de sugestões que, tenho certeza, qualificarão minha formação e atuação profissional.

A todos os alunos e professores que aceitaram participar deste trabalho, cujos relatos compõem parte essencial da pesquisa aqui apresentada.

Àquelas pessoas que não nomeiei, e nem por isto são menos importantes em minha vida, trabalho e formação.

*Compreender significa intelectualmente aprender em conjunto, comprehendere, abraçar junto, (...) inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.*

Edgar Morin (2000, p. 94-95)



## RESUMO

**Introdução:** A organização e a oferta do ensino superior têm passado por intensas transformações, contemplando a ampliação de vagas em cursos oferecidos nas instituições públicas de ensino superior. Mas, o sucesso na universidade não se restringe ao acesso à vaga, passa também pela permanência no curso e sua conclusão. **Objetivo:** Analisar a trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio da caracterização do perfil do estudante, situação acadêmica e compreensão dos motivos de retenção e evasão. **Percursos metodológico:** Estudo de caso predominantemente qualitativo, cujo campo de investigação foi o curso noturno de graduação em Odontologia da UFRGS. A coleta de dados aconteceu em três momentos: questionário semiestruturado para caracterizar o perfil sociodemográfico do ingressante, sua opção pela profissão e expectativas em relação ao curso (n=118); análise documental do histórico escolar dos estudantes que ingressaram no curso noturno de Odontologia para verificar sua situação acadêmica (n=121); entrevistas semiestruturadas com os estudantes em situação de retenção e evasão (n=16), e com os professores das disciplinas do curso em que houve a reprovação (n=8). O tamanho da amostra foi definido pelo critério da saturação. Os dados objetivos foram digitados no software *IBM SPSS Statistics* versão 18.0 para Windows e analisados por meio da distribuição de frequências. Já os dados qualitativos foram gravados em equipamento digital, transcritos e importados para o software *ATLAS.ti*, sendo interpretados pela análise temática de conteúdo de Bardin. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade. **Resultados:** O perfil do estudante que ingressou no curso noturno, em sua maior parte, é de jovens, do sexo feminino, solteiro, com formação básica em escola pública e que trabalha. Esses estudantes sentiam-se seguros ou completamente seguros pela escolha profissional e seus principais motivos para esta escolha foram a ‘realização pessoal e profissional’, ‘segurança e tranquilidade no futuro, posição social e conforto financeiro’ e ‘interesse em atuar na comunidade’. As expectativas mais citadas em relação ao curso foram encontrar ‘uma formação qualificada’, ‘realização profissional’ e ‘realização pessoal/de um sonho/vocação’. Sobre a situação acadêmica, 40,4% dos estudantes encontrava-se fora da seriação aconselhada (retenção), principalmente por reprovação ou associação entre reprovação e trancamento de matrícula. O percentual de evasão foi de 19,9% e a maioria dos estudantes que saiu do curso noturno optou por seguir o curso diurno de Odontologia da UFRGS. Dentre os motivos que levaram à evasão e retenção no curso, estudantes e professores destacaram questões relacionadas à chegada e adaptação do estudante no curso, conciliação entre estudo e trabalho, vivências de sala de aula, o processo de avaliação da aprendizagem, o lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes (organização de horários, matrícula anual, integração entre curso diurno e noturno) e o tempo de duração do curso. **Considerações finais:** O curso noturno de Odontologia da UFRGS está inserido no contexto da política de expansão e reestruturação do ensino superior (REUNI). É um curso recente, que ainda não possui nenhuma turma de concluintes e a trajetória acadêmica de seus estudantes está sendo construída a cada semestre. A adaptação no curso, conciliação entre estudo e trabalho, vivências de sala de aula, avaliação da aprendizagem, organização de horários, matrícula anual, integração entre curso diurno e noturno e o tempo de duração do curso foram motivos relacionados à retenção e evasão. Recomenda-se que esta análise seja divulgada e discutida com a comunidade acadêmica da Faculdade de Odontologia, no sentido de promover estratégias para a permanência e conclusão do estudante no curso noturno.

**Palavras-chave:** Evasão Escolar; Educação Superior; Educação em Odontologia.

## ABSTRACT

**Introduction:** The organization and the offer of higher education has been through an intense transformation, concerning places for enrollment on courses in public institutions. However, success at the university is not restricted to vacancy access. It also involves staying the course to its conclusion. **Objective:** Analyze the academic trajectory of students of evening undergraduate degree courses in Dentistry at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), by characterization of student's profile, academic situation and understanding of the reasons for delay in finishing courses and dropout. **Methodological Approach:** Predominantly qualitative case study whose field of research was the evening undergraduate degree in Dentistry at UFRGS. The data collection took place in three stages: semistructured questionnaire to characterize the sociodemographic profile of the incoming student, their choice of profession and expectations for the course (n=118); document analysis of school records of students who enrolled in evening undergraduate degrees in Dentistry to verify their academic situation (n=121); semistructured interviews with students who are repeating and those who are dropping out, and for the teachers of the subjects of the course where there was a failure (n=24). The sample size is defined by saturation criteria. The objective data was entered into the software IBM SPSS Statistics version 18.0 to Windows and analysed through frequency distribution. Qualitative data was recorded digitally, transcribed and imported into the software ATLAS.ti, and interpreted by Bardin thematic content analysis. The research was approved by University Research Ethics Committee. **Results:** The profile of the incoming student of the evening undergraduate degree course in Dentistry was predominantly young, female, single, with basic education in public school and employed. These students feel safe or completely safe about their professional choice with their main reasons for this choice been 'personal and professional fulfillment', 'safety and peace for the future, social position and financial comfort' and 'interest in working in the community'. The most cited expectations about the course were to have 'a qualified education', 'professional fulfillment' and 'personal/dream/vocational fulfillment'. Concerning the academic situation, 40,4% of students remained outside the recommended serialization (delay in finishing courses), mainly because of disapproval or association between disapproval and enrollment locking. The dropout percentage was 19,9% with most of the students who left the evening undergraduate degree choosing to follow the diurnal undergraduate degree in Dentistry at UFRGS. Among the reasons for dropout and delay in finishing courses were students and professors highlighting issues related to student arrival and adaptation of the course, reconciling work and study, experiences of classroom studies, process of learning assessment, the post of the educational institution on student performance (timetabling, annual enrollment, integration between daytime and evening course) and the duration of the course. **Final Considerations:** The evening undergraduate degree in Dentistry at UFRGS is inserted in the context of political expansion and restructuring of higher education (REUNI). It is a recent course, which does not have as yet undergraduate who have fully completed the course. The academic careers are therefore being constructed every semester. Adaptation of the course, reconciling work and study, experiences to the classroom, assessment of learning, organizing schedules, annual enrollment, integration between daytime and evening course and the duration of the course were reasons related to delay in finishing courses and dropout. It is recommended that the analysis presented here is disclosed and discussed within the academic community of the College of Dentistry to promote strategies for permanence and completion of the evening course by students.

**Key words:** Student Dropouts; Education, Higher; Education, Dental

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
2.1 OBJETIVO GERAL .....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>3 REVISAO DE LITERATURA .....</b>	<b>14</b>
3.1 POLÍTICA DE EXPANSÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E OS CURSOS NOTURNOS.....	14
3.2 A INTEGRAÇÃO DO ESTUDANTE AO ENSINO SUPERIOR .....	18
3.3 EVASÃO ACADÊMICA NO ENSINO SUPERIOR .....	20
3.4 EVASÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM ODONTOLOGIA .....	26
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>30</b>
<b>5 RESULTADOS .....</b>	<b>34</b>
5.1 CONHECENDO O INGRESSANTE DO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA .....	34
5.2 SITUAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES: SERIAÇÃO ACONSELHADA, RETENÇÃO E EVASÃO .....	36
5.3 COMPREENDENDO OS MOTIVOS QUE LEVAM À RETENÇÃO E EVASÃO NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES.....	38
<b>5.3.1 Contextualizando a chegada do estudante no curso noturno de Odontologia: adaptação à rotina universitária, formação no ensino básico, processo seletivo e opção pelo curso .....</b>	<b>38</b>
<b>5.3.2 O estudante trabalhador: conciliando as rotinas de trabalho.....</b>	<b>46</b>
<b>5.3.3 Vivências de sala de aula: participação do estudante, perfil do professor, didática docente e metodologias de ensino .....</b>	<b>48</b>
<b>5.3.4 Falando sobre o processo de avaliação da aprendizagem .....</b>	<b>52</b>
<b>5.3.5 O lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes .....</b>	<b>55</b>
<b>5.3.6 A saída do curso noturno de Odontologia: percepções sobre a evasão .....</b>	<b>60</b>
<b>5.3.7 Pensando em estratégias para a permanência e sucesso acadêmico do estudante no curso noturno.....</b>	<b>62</b>
<b>6 DISCUSSÃO.....</b>	<b>68</b>

<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO A – PARECER CEP/UFRGS .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA: QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES INGRESSANTES .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE RETENÇÃO .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE EVASÃO .....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE E – TABELA 1.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE F – TABELA 2.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE G – TABELA 3 .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE H – TABELA 4 .....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE I – TABELA 5.....</b>	<b>98</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A organização e a oferta do ensino superior no Brasil têm passado por intensas transformações (MACEDO et al., 2005; TRIGUEIRO, 2003). Nos cursos de graduação na área da saúde, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) representaram uma mudança paradigmática no perfil de formação desses profissionais (BRASIL, 2006).

Para a Odontologia, as DCN estabeleceram a formação de um cirurgião-dentista generalista, humanista, crítico e reflexivo, capaz de atuar em diferentes níveis de atenção à saúde. Além disso, a formação passou a contemplar o Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção integral em um sistema regionalizado e hierarquizado de referência e contrarreferência, além do trabalho em equipe (BRASIL, 2002; MORITA; KRIGER, 2004).

Atualmente, o Brasil conta com 212 Faculdades de Odontologia, sendo 55 instituições públicas: 28 Federais, 19 Estaduais e 8 Municipais (CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA, 2013). Segundo dados do Ministério da Educação (BRASIL, 2013), cursos noturnos de Odontologia estão presentes em 32 Instituições de Ensino Superior (IES) no país, sendo a maior parte dessas, instituições privadas.

Tradicionalmente, as instituições de ensino superior, em especial as instituições públicas, eram reconhecidas pelo caráter diurno e rigidez seriada, estabelecendo-se como espaços ocupados por aqueles que não possuíam vínculo com o mundo do trabalho (ARROYO, 1991).

Na última década, o governo federal propôs a expansão e reestruturação das universidades por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Uma das dimensões do REUNI apontou a ampliação da oferta de educação pública superior, com o aumento de vagas para ingresso na universidade, especialmente no período noturno (BRASIL, 2007b).

Esse cenário de mudanças afetou também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que, em outubro de 2007, aprovou o encaminhamento ao Ministério da Educação da Proposta Institucional UFRGS, em atendimento ao REUNI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007). Assim, no segundo semestre de 2010, a Faculdade de Odontologia da UFRGS (FO-UFRGS) iniciou, a partir do que foi proposto pelo REUNI, um curso de Odontologia integralmente no período noturno, com a oferta de 30 vagas anuais, tendo por objetivo principal inserir o estudante trabalhador na universidade, atendendo à demanda de quem desenvolve suas atividades profissionais durante o dia e dispõe

somente do horário noturno para realizar sua formação acadêmica (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Entende-se a ampliação do acesso à universidade não só como uma preocupação governamental, mas da sociedade contemporânea, principalmente no que se refere ao aumento de vagas que permita a equidade e a formação de qualidade, com ênfase na responsabilidade social (NEVES; RAIZER; FACHINETTO, 2007). O investimento nas instituições federais justifica-se ainda mais, na medida em que estas concentram maior número de pesquisadores e pesquisas, com corpo docente composto na sua maioria por doutores, oferecendo ensino, pesquisa e extensão de maior qualidade no país (COSTA; COSTA; BARBOSA, 2013).

O sucesso do estudante na universidade, no entanto, não se restringe ao acesso à vaga. Passa também, pela sua permanência no curso até a conclusão. A retenção e a evasão no ensino superior têm se constituído como questões relevantes na maioria dos países, desde os europeus até os da América Latina, demonstrando que o abandono e as sucessivas reprovações são fenômenos complexos e multidimensionais que constituem uma problemática educativa e social (VIDALES, 2009).

Para Cunha, Tunes e Silva (2001), o estudo da evasão dos estudantes de graduação nas universidades brasileiras ainda apresenta muitas lacunas em torno de sua caracterização e definição, necessitando de uma metodologia que possibilite delimitar com precisão seus índices. Ressaltam também, a indefinição quanto às causas que levam o estudante a sair do curso escolhido, mudar de universidade ou até mesmo abandonar definitivamente o ensino superior.

Ainda que os cursos de graduação em Odontologia do Brasil não apresentem índices de abandono tão altos quando comparados a outros cursos universitários, tal situação exige atenção, pois constitui investimento público que deixa de gerar benefícios – no caso das Instituições Públicas de Ensino Superior – além do alto prejuízo para cada estudante que abandona, reprova ou necessita de mais tempo do que o indicado para conclusão de seu curso (SALIBA et al., 2006).

Diante do papel que desempenho enquanto Técnica em Assuntos Educacionais na Faculdade de Odontologia da UFRGS, realizando o acompanhamento dos estudantes em relação ao desempenho e permanência nos cursos diurno e noturno de Odontologia, a presente pesquisa teve o objetivo de analisar a trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da caracterização do perfil do ingressante, situação acadêmica e compreensão dos motivos de retenção e evasão.

Sendo o curso noturno de Odontologia um curso que ainda está em plena fase de implementação, esta pesquisa justifica-se pela possibilidade de compreender como os estudantes estão construindo sua trajetória acadêmica e quais elementos podem potencializar tanto sua permanência no curso quanto na seriação aconselhada do mesmo, até sua conclusão.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da caracterização do perfil do estudante, situação acadêmica e compreensão dos motivos de retenção e evasão, no período de agosto de 2010 até fevereiro de 2014.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Caracterizar o perfil sociodemográfico do ingressante no curso noturno de Odontologia, bem como sua opção pela profissão e expectativas em relação ao curso.
- Conhecer a situação acadêmica dos estudantes do curso noturno de Odontologia.
- Compreender os motivos que levam à retenção e evasão dos estudantes no curso noturno de Odontologia, na perspectiva dos estudantes e professores.



### 3 REVISAO DE LITERATURA

#### 3.1 POLÍTICA DE EXPANSÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E OS CURSOS NOTURNOS

A mais recente política de ampliação e reestruturação do ensino público superior - o REUNI - constituiu-se a partir do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE - Todos Pela Educação) (BRASIL 2007a), como uma das estratégias para reduzir as desigualdades sociais, promover a inclusão social e melhorar a qualidade do ensino, reconhecendo o papel estratégico das universidades federais para o desenvolvimento econômico e social do país (ROBERTO, 2011).

Segundo Lima (2013), já em 1998, a Conferência Mundial sobre Ensino Superior denunciava a deficiente estrutura e financiamento das universidades diante da nova conjuntura social globalizada que se formava. No Brasil, a elaboração do Plano Plurianual (PPA) 2000-2003 apontava caminhos para a reestruturação produtiva do país, incluindo metas para a educação, tais como a elevação do nível educacional da população, ampliação da capacidade profissional e oferta de escola de qualidade para todos. Estes temas seguiram como pauta de debates sociais e políticos, compondo políticas educacionais, como a estruturação do PDE em 2007 que, por sua vez, tem origem no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), iniciado em 2007, e constituindo uma agenda governamental de geração de empregos, combate à pobreza, promoção de cidadania e inclusão social. O REUNI foi um dos instrumentos elaborados para cumprir as metas do PDE, junto com outras políticas, tais como o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), a reformulação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e a avaliação e regulação pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

Proposto em 2007, após a publicação do Decreto nº 6.096, de 24 de abril, o REUNI ofertou recursos financeiros para apoiar os projetos de expansão e ampliação das universidades federais, as quais firmariam o compromisso de ampliar o percentual de conclusão de cursos, a proporção de alunos por professor e as vagas nos cursos existentes, bem como criar novos cursos (BRASIL, 2007b). A proposta foi aceita por todas as universidades federais brasileiras, promovendo um crescimento de 20,4% das matrículas em cursos presenciais de graduação, porém, muitas vezes, às custas de salas lotadas e recursos insuficientes (LIMA, 2013).

O REUNI constituiu a segunda etapa da expansão da educação superior pública do país, sendo antecedida por uma etapa de interiorização das instituições federais de ensino superior (IFES), entre os anos de 2003 e 2006, e seguida por uma terceira etapa, iniciada em 2008, que criou universidades em localizações estratégicas com o objetivo de promover a integração e cooperação internacional. Como exemplos desta última fase têm-se a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu/Paraná, e a Universidade Luso-Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção/Ceará. Constatou-se, também, que a totalidade dos projetos apresentados ao MEC tinha em comum a criação de cursos noturnos voltados para as demandas do mercado, com maiores possibilidades de atrair alunos carentes, constituindo-se um novo perfil de estudantes no ensino superior, com demandas diferentes que vão exigir da universidade mudança e adaptação como um todo (DIAS JÚNIOR et al., 2010).

Para Roberto (2011), a proposição do REUNI vai ao encontro das propostas dos dirigentes das universidades federais de consolidar e aperfeiçoar o sistema público de educação superior, destacando-se para isso, a revisão de currículos e projetos acadêmicos com vistas à flexibilização e melhoria da qualidade da educação superior, bem como promover formação multidisciplinar e interdisciplinar, humanista e crítica aos estudantes.

Já Lugão et al. (2012), em estudo que avaliou o REUNI nas universidades mineiras, verificaram que os gestores do ensino superior sugerem que, para atingir o objetivo de diminuir as desigualdades econômicas e sociais no país, precisa-se de mais investimento na educação básica, não apenas na ampliação da educação superior. Deve haver também uma atenção especial aos alunos dos cursos noturnos de graduação, pela falta de tempo para direcionar aos estudos, o que aponta para a busca de alternativas que favoreçam a permanência na universidade e término da graduação.

Nessa perspectiva, Vargas e Paula (2013) analisaram a democratização da educação superior sob o foco da conclusão do curso por parte de seus estudantes, entendendo que o processo de integração ao ensino superior só se completa com a conclusão da formação acadêmica. O estudo mostrou que as políticas públicas e a legislação brasileira não contemplam as particularidades do estudante que trabalha, embora este seja maioria entre os estudantes no país, e apresenta as experiências de Cuba e Portugal para resolver os dilemas entre estudo e trabalho, promover a permanência do estudante na Universidade e a conclusão do curso. Em Portugal, a legislação que ampara o trabalhador estudante com relação à adequação da sua carga horária prevê o tempo necessário para o deslocamento até a

universidade, horário de trabalho compatível com o de estudo, liberação para realização de provas e compatibilização dos períodos de férias, tentando equacionar incompatibilidades entre os tempos do estudo e do trabalho. Já a experiência de Cuba contempla a oferta de ensino em diferentes modalidades, apoiando-se em múltiplas formas de abordar o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, propôs-se a utilização simultânea de textos, guias, recursos audiovisuais complementares para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, resultando em aumento das taxas de escolarização em nível superior.

De acordo com o Censo da Educação Superior de 2011, apenas 29,8% das matrículas em instituições federais de ensino representavam cursos noturnos de graduação (INEP, 2013).

Barreiro e Terribilli Filho (2007) avaliaram em que medida as três universidades públicas estaduais paulistas (Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade de São Paulo – USP) atendiam à exigência da Constituição do Estado de São Paulo, de ofertar pelo menos em terço do total de suas vagas do ensino superior no período noturno. Os resultados demonstraram que as três universidades estaduais paulistas atendiam ao que está previsto na legislação, tendo em média, 34,7% das vagas oferecidas em cursos noturnos, porém evidenciou-se um desequilíbrio dessa oferta entre as áreas de conhecimento. A área de Ciências Biológicas possuía 19,1% de vagas em cursos noturnos, a de Ciências Exatas 29,6% das vagas neste turno e a de Ciências Humanas apresentava 48,3% das vagas destinadas a cursos noturnos, excedendo a meta. Para os autores do estudo, a diferença de oferta de vagas entre as áreas de conhecimentos no turno da noite “ratifica críticas efetuadas por algumas entidades de que o acesso e a escolha por cursos noturnos ainda apresentam limitações, pois a maior oferta de vagas ocorre nas áreas de conhecimento socialmente menos valorizadas.” (p. 95).

Ao caracterizar a população de estudantes do ensino superior noturno, estudo de Terribilli Filho (2008) sugeriu que, pela observação prática, a maioria desses estudantes trabalha diariamente e já estão inseridos no mercado de trabalho, buscando em sua formação profissional na graduação, a aquisição de conhecimentos, novas habilidades e conquista do diploma, o qual aumenta sua probabilidade de competir por uma posição melhor no mercado de trabalho.

Estudo de Bittar, Almeida e Veloso (2008) analisou o acesso do estudante trabalhador ao ensino superior noturno. Foram investigadas fontes documentais e estatísticas dos Censos da Educação Superior disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre a expansão do ensino noturno no Brasil, quais cursos são oferecidos nesse turno, em que tipo de IES (pública ou privada), comparando a situação do Brasil, a Região Centro-Oeste e os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Verificou-se que o número de matrículas em período noturno aumentou de 55% em 1991, para 60% em 2005, em todo o país. Em Mato Grosso do Sul, as matrículas diminuíram de 73% para 63%, nos dois anos analisados, enquanto que no estado de Mato Grosso houve ampliação de 57% para 63%. Sobre a vinculação administrativa, 41% das matrículas em cursos noturnos do Mato Grosso eram em instituições públicas, enquanto que no Mato Grosso do Sul este percentual foi de 51,5%, em 2005. Com relação à área dos cursos noturnos oferecidos nas instituições públicas, em ambos os estados, a maior oferta de vagas era na área da Educação, seguida pela área de Ciências Sociais, Negócios e Direito, significando que as oportunidades do estudante trabalhador ter acesso a cursos de outras áreas, como a da Saúde, por exemplo, são bem menores no setor público, o que o leva a procurar alternativas no setor privado. Cursos na área da Saúde foram oferecidos exclusivamente durante o dia nas instituições públicas de Mato Grosso e, de forma semelhante, em Mato Grosso do Sul. Apesar dos esforços para inclusão de estudantes trabalhadores na educação superior, esta continua sendo elitista e excludente, na medida em que o setor privado continua sendo a porta de entrada mais concreta para o acesso ao nível superior pelo estudante-trabalhador, tendo em vista que no setor público, as possibilidades de acesso a cursos de período integral e mais concorridos, como os da área da Saúde, por exemplo, ainda é restrito.

A preocupação com o desempenho dos estudantes de cursos noturnos foi tema estudado por Ferlin e Tozzi (2005), que compararam o desempenho entre os cursos diurno e noturno, de um curso de Engenharia da Computação, em um centro universitário privado do Paraná. Os resultados desse estudo mostraram que o rendimento dos estudantes em ambos os turnos foi praticamente o mesmo. Foi realizado também um estudo de perfil, no qual verificou-se que os estudantes do curso noturno possuem idade mais elevada (superior a 23 anos), enquanto que para os do diurno, a idade média ficou entre 18 e 19 anos. A maioria dos alunos do noturno (78%) trabalhava ou fazia estágios na área do curso. Concluiu-se que o desempenho dos estudantes que trabalham é praticamente o mesmo daqueles que só estudam, porém, ao analisar a publicação e participação em projetos de iniciação científica, palestras e outros eventos, os estudantes do curso diurno apresentaram melhores resultados. Entre as ações adotadas para a melhoria da qualidade do desempenho dos estudantes, cita-se a criação de cursos de extensão, oferecidos aos sábados, para reforçar conhecimentos básicos

necessários ao curso e a criação do papel de aluno monitor, sendo um estudante que já cursou a disciplina e passa a atuar junto ao professor, em atividades de apoio aos demais alunos no processo de ensino-aprendizagem. Verificou-se ainda que, embora os estudantes do curso noturno tenham limitação de tempo para estudar, possuem uma maturidade que se traduz em uma maior disposição para o aproveitamento das atividades desenvolvidas nos horários das aulas e para o efetivo aprendizado nos horários disponíveis nos finais de semana.

Moreira, Lima e Silva (2011) estudaram a realidade vivenciada por estudantes do curso noturno de Pedagogia de uma faculdade privada, no que diz respeito à conciliação do trabalho com os afazeres estudantis e averiguaram o nível de cansaço relatado por estes estudantes. O estudo foi focado nos estudantes que trabalhavam durante o dia e estudavam no período noturno. Por meio de um questionário, foram verificadas questões relacionadas às horas de trabalho, sono e deslocamento para o local de estudo, com o intento de mostrar a realidade vivenciada por esses estudantes. Os estudantes eram, em sua maioria, mulheres, mães, que trabalhavam fora e, em alguns casos, moravam em cidade vizinha à instituição de formação. Os resultados encontrados indicaram que a condição de trabalhador pode fazer com que os estudantes apresentem dificuldades para manter a atenção, concentração e aprendizagem pelo cansaço e estresse. Este cansaço associa-se a horas insuficientes de descanso para aqueles que desempenham uma jornada de trabalho de oito horas por dia, mais o tempo de deslocamento até a faculdade. O estudo concluiu que os estudantes que trabalhavam enfrentavam maiores dificuldades para acompanhar o curso, por terem menos tempo de dedicação aos estudos, podendo levar a um menor rendimento acadêmico. Sugerem que haja incentivo para que os estudantes se organizem acerca dos itens mais relevantes do programa educacional, busquem por novos conhecimentos e domínio dos conteúdos ministrados, aliando-os às suas atividades profissionais e familiares. É necessário que esses estudantes tenham grande esforço pessoal, organização e priorização do tempo para estudo. As propostas de trabalho extraclasse também devem levar em consideração a diferença entre os estudantes e a realidade de tempo e cansaço dos estudantes que trabalham, para um melhor aproveitamento da graduação.

### 3.2 A INTEGRAÇÃO DO ESTUDANTE AO ENSINO SUPERIOR

A integração do estudante ao contexto universitário é um processo complexo e multidimensional, que envolve diversos fatores, tanto de natureza intrapessoais, como de natureza contextual. O primeiro ano na universidade, de modo especial, tem sido

caracterizado como um período crítico, potencializador de crises, de desafios desenvolvimentais e determinante dos padrões de desenvolvimento do estudante ao longo de sua trajetória universitária (ALMEIDA; SOARES, 2003). Para Polydoro et al. (2001), a integração à universidade tem se estabelecido, inclusive, como uma variável central na decisão entre permanecer ou abandonar a graduação.

Ferreira, Almeida e Soares (2001) analisaram as vivências de uma amostra de estudantes da Universidade do Minho, Portugal (n=1273), a partir do Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA), organizado em 17 subescalas, que procuram avaliar dimensões pessoais, interpessoais e contextuais da adaptação e do sucesso acadêmico. Tal sucesso ultrapassa a restritiva noção de rendimento escolar, traduzido numa nota em disciplina ou na média, no final do ano. A educação universitária deve promover o desenvolvimento de competências acadêmicas, cognitivas e pessoais. Estas competências devem ser promovidas por meio de atividades curriculares e extracurriculares, tendo em vista a preparação dos estudantes para sua vida, considerando o contexto histórico sócio-cultural e geográfico em que vivem. Neste sentido, a universidade deve preocupar-se com o sucesso acadêmico dos seus estudantes para além dos resultados obtidos em cada disciplina, devendo levar isso em consideração desde o primeiro ano dos seus cursos. Reduzir o sucesso acadêmico dos estudantes às suas classificações curriculares é, muitas vezes, querer desenvolver competências nos estudantes para reproduzir informação e enfatizar pouco a sua preparação para entenderem a si próprios e integrarem-se, de forma adequada, nos ambientes profissionais e sociais com os quais terão que lidar ao longo da vida.

Estudo de Cunha e Carrilho (2005) analisou em que medida as vivências acadêmicas de ingressantes no ensino superior se apresentam, relacionadas com o rendimento acadêmico. O estudo buscou entender as relações entre as primeiras experiências do estudante no ensino superior e o sucesso acadêmico. Participaram da pesquisa 100 estudantes do primeiro ano de graduação, com idades entre 16 e 24 anos. Para avaliar as vivências acadêmicas utilizou-se o QVA e, para efeitos de avaliação do rendimento escolar dos estudantes, foram utilizadas três disciplinas consideradas essenciais à formação profissional. Os resultados sugeriram que o rendimento acadêmico pode ser afetado pelas vivências dos estudantes a nível pessoal e de realização acadêmica experimentadas no primeiro ano do curso superior.

Igue, Bariani e Milanesi (2008) descreveram as vivências acadêmicas de 203 universitários do curso de Psicologia, verificando se estas variavam em função do ano frequentado, das expectativas dos estudantes do 1º ano quanto às vivências que teriam no

curso, e das expectativas que os discentes do 5º ano tiveram ao entrar na universidade. A intenção foi contribuir para uma melhor compreensão do processo de adaptação do estudante ao ensino superior. Os dados foram coletados a partir da versão reduzida do Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r), aplicado juntamente com uma questão sobre as expectativas no período de ingresso na universidade. O QVA-r é um instrumento de escala que abrange cinco dimensões: pessoal, interpessoal, carreira, estudo e institucional. Cursar o primeiro ou último ano do curso influenciou nas vivências acadêmicas dos estudantes, de modo que, ao que parece, o acúmulo de experiências percorridas pelos estudantes de 5º ano e o conseqüente amadurecimento, proporcionaram-lhes melhores hábitos de estudo. As expectativas iniciais dos estudantes foram consideradas fatores importantes que poderiam influenciar na vivência acadêmica. De modo geral, os estudantes com expectativas mais altas apresentaram avaliação melhor das vivências acadêmicas por estarem mais dispostos e motivados para investirem seus recursos nelas.

Teixeira et al. (2008) investigaram, qualitativamente, a experiência de adaptação à universidade em calouros. Participaram do estudo 14 estudantes, de diferentes cursos, com idades entre 18 e 22 anos. Os sujeitos foram entrevistados individualmente e as entrevistas submetidas a uma análise fenomenológica. Quatro temas emergiram da análise: Saindo de casa; Ingressando na vida acadêmica; Percebendo mudanças em si mesmo; Adaptando-se ao curso. Os resultados indicaram que a adaptação à universidade entre calouros é uma experiência que traz mudanças importantes para os estudantes, e que o sucesso na adaptação depende de muitos fatores, sendo alguns deles, não ligados diretamente ao contexto acadêmico, como a própria rede de apoio social com a qual o calouro pode contar fora da universidade. Apesar disso, o contexto universitário tem um papel importante a desempenhar no processo de adaptação à universidade.

### 3.3 EVASÃO ACADÊMICA NO ENSINO SUPERIOR

A permanência ou não de estudantes no ensino superior tem sido um fenômeno educacional complexo e pouco estudado no Brasil, porém com conseqüências sociais, acadêmicas e econômicas que afetam o desenvolvimento humano em todas as nações (CASARTELLI et al., 2012).

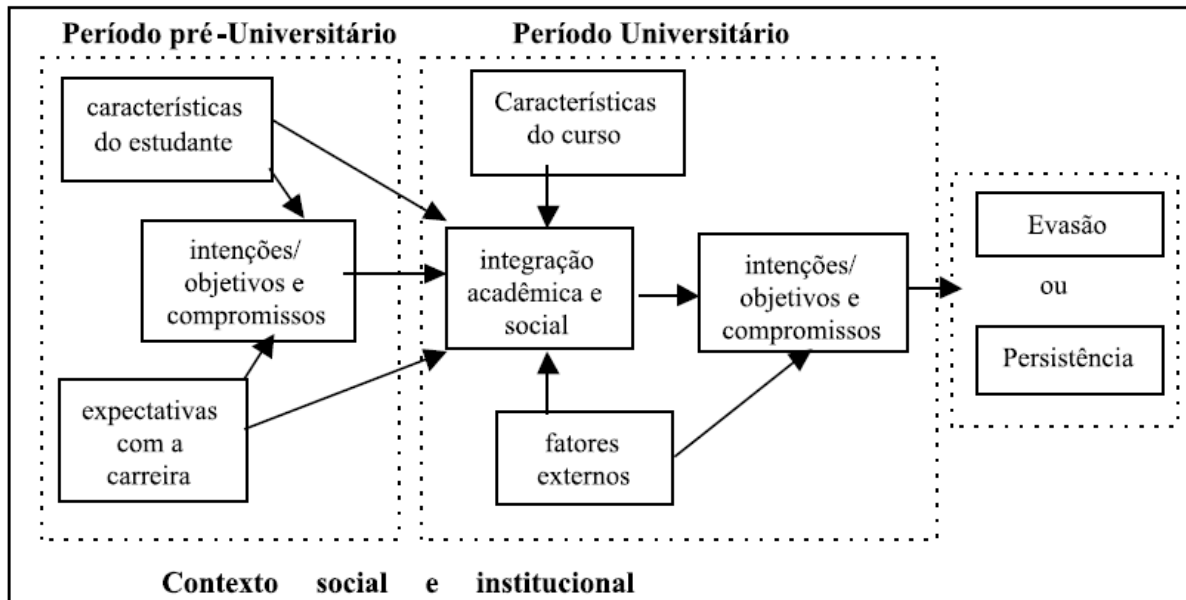
Percebe-se maior volume de pesquisas sobre este tema após a Segunda Guerra Mundial e, entre os motivos relacionados à desistência e o fracasso educacional, estão aspectos relacionados à complexidade da vida pessoal, familiar, financeira e profissional e

instituições responsáveis por educação e políticas sociais mal implementadas, as quais não atendem às necessidades dos estudantes (FREITAS, 2009).

Donoso e Schiefelbein (2007) relataram que as variáveis explicativas fundamentais para a evasão no ensino superior são pessoais, familiares e institucionais, sendo cinco as perspectivas de análise: psicológica, sociológica, econômica, organizacional e interacionista.

O modelo teórico desenvolvido por Tinto, aprimorado por Bean, é muito utilizado em diversos países para explicar as causas da evasão discente (ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006). Para Tinto (1975), o abandono da universidade pelo estudante está ligado a fatores acadêmicos, como a falta de integração ao ambiente acadêmico e às demandas da instituição universitária, bem como a integração social do estudante. A integração social e acadêmica é afetada por características da vida pré-universitária do estudante, características universitárias (do curso, integração social e acadêmica, fatores externos e objetivos) que, relacionados, levam à decisão de permanecer ou evadir do curso frequentado (Figura 1).

Figura 1 – Modelo teórico desenvolvido por Tinto (1975) sobre os fatores que levam à evasão universitária.



Fonte: ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006, p. 367.



O modelo desenvolvido por Bean (1980<sup>1</sup> apud ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006; 1985<sup>2</sup> apud ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006) propõe que a decisão pela evasão ou permanência é um processo psicossocial, em que as opiniões influenciam nas atitudes e estas são influenciadas pelas opiniões, tais como: aprovação da família, encorajamento dos amigos, qualidade da instituição, situação financeira e oportunidade de transferência para outra instituição.

Preocupando-se com essa questão, um amplo estudo nacional sobre o desempenho das universidades públicas brasileiras relativo aos índices de diplomação, retenção e evasão dos estudantes de seus cursos de graduação foi realizado pela Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras (BRASIL, 1997), após a identificação da necessidade de uma metodologia adequada e única para as todas as instituições, de forma que fosse possível a comparação direta dos resultados. Os resultados apresentaram, para a área de ciências da saúde, um índice de retenção (permanência no curso por tempo maior do que o necessário para sua conclusão) de 6,5% e evasão de 22,5%. O curso de Odontologia apresentou índice de retenção de 1,3% e evasão de 9%. O estudo salientou que os índices são somente o passo inicial de análises que devem procurar identificar e compreender os fatores que levam à evasão.

Veloso e Almeida (2002) estudaram a evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, por meio da análise de dados da trajetória dos estudantes no sistema de registros institucional, da aplicação de um questionário aos coordenadores dos cursos de graduação selecionados e da realização de entrevista com a Pró-reitoria de Ensino e Graduação. O índice médio de evasão encontrado nos cursos da área da saúde foi de 34% entre os estudantes que haviam ingressado de 1987/2 até 1993/1, ficando em sexto lugar entre as oito áreas pesquisadas. Dentre os fatores elencados pelos coordenadores de curso que podem influenciar a evasão, destacaram-se a indecisão pela escolha do curso ou opção por cursos com menor concorrência no processo seletivo, o desempenho no ensino médio, a estrutura física da instituição, o turno do curso e as metodologias de ensino-

---

<sup>1</sup> BEAN, J. P. Dropouts and turnover: the synthesis and test of a causal model of student attrition. **Research in Higher Education**, Baltimore, v. 12, no. 2, p. 155-187, 1980 apud ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006, p. 367.

<sup>2</sup> BEAN, J. P.; METZNER, B. S. A conceptual model of nontraditional undergraduate student attrition. **Review of Educational Research**, New York, v. 55, no. 4, p. 485-540, 1985 apud ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006, p. 367.

aprendizagem utilizadas pelos professores. A análise dos dados sugeriu que a evasão é um processo não só do estudante, mas também da instituição, na medida em que esta não prioriza políticas de permanência do estudante no curso de sua opção. Outro aspecto verificado foi a mobilidade dos estudantes de um curso para outro, constituindo-se em uma evasão positiva para o estudante, o qual pode mudar de curso em razão de seu amadurecimento na instituição. Os resultados mostraram que uma parte dos estudantes evadidos eram trabalhadores que não conseguiram conciliar o trabalho com o estudo. Os autores salientaram que aceitar o estudante trabalhador,

como um centro para repensarmos os nossos cursos, significa não só discutirmos sua viabilidade administrativa e didática, mas também enfrentarmos a discussão da função social da Universidade para as classes trabalhadoras (VELOSO; ALMEIDA, 2002, p. 147).

Gomes et al. (2010) verificaram a evasão acadêmica ocorrida nos cursos ministrados no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, analisando 132 processos de desligamento, de 2001/1 a 2007/1. Os estudantes foram agrupados em quatro modalidades de saída: desligamento por abandono de curso (exclusão automática do estudante que, durante dois períodos letivos consecutivos, não efetuou matrícula em disciplinas), desligamento voluntário (estudante que desistiu de seu vínculo com a universidade por iniciativa própria), desligamento por não cumprimento de condições (estudante que, após ter sido identificado como provável desligado por rendimento ou tempo máximo de permanência não cumpriu as condições fixadas pela instituição para conclusão do curso) e mudança de curso (alteração de curso mediante autorização institucional). A média percentual de evasão encontrada no curso de Odontologia foi de 2%, sendo a maior concentração na categoria de desligamento por não cumprimento de condição. A Odontologia foi o terceiro curso a apresentar maior média percentual de evasão nesta instituição.

Andriola, Andriola e Moura (2006) ouviram 21 coordenadores e 52 professores das nove unidades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará para conhecer sua opinião acerca da evasão educacional. Os resultados apontaram que docentes e coordenadores são favoráveis ao resgate da função do professor orientador de turma, previsto no regimento da instituição, desde que com preparação do corpo docente, tempo e recursos para esta atividade. Também identificaram caber às coordenações a apresentação de informações pertinentes e relevantes sobre os cursos aos potenciais candidatos e, ao gestor universitário, promover

melhorias na infraestrutura, principalmente, salas de aula e laboratórios utilizados em cada curso. Foi apontada também a necessidade de implementação de políticas institucionais de combate à evasão.

[...] a tarefa mais relevante que uma IES pública deve prestar à sociedade e, principalmente, aos setores socialmente menos favorecidos – os egressos do ensino médio oriundos de escolas públicas fazem parte desse segmento – é propiciar informações adequadas acerca dos serviços que oferece e das atividades que executa. Sobretudo quando essa IES se encontra num contexto social extremamente desfavorável, conforme expressam os indicadores sociais, educacionais e econômicos [...] (ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006, p. 378).

Silva Junior et al. (2007) analisaram a evasão no ensino superior brasileiro, de 2000 a 2005, por meio de dados do INEP e Ministério da Educação (MEC). Para tanto, calcularam o percentual de evasão anual, medindo a perda de alunos de um ano para outro. Foi identificado que o Brasil apresentou uma média de evasão em 22% no período estudado. As IES públicas apresentaram média de 12% de evasão, variando de 9 a 15%. Na região sul, a evasão anual mais baixa acontece no Paraná e a mais alta no Rio Grande do Sul. Na análise por área de conhecimento, ‘saúde e bem estar social’ apresentou média de 19%, variando de 17 a 20%, e o curso de Odontologia teve média de 11% (de 9% a 13%).

Identificar as razões da insatisfação pela profissão e as percepções sobre a escolha inicial do curso, a evasão e o apoio institucional foram o foco do estudo realizado por Bardagi e Hutz (2009), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram entrevistados oito estudantes evadidos de diferentes cursos que buscaram orientação profissional na universidade, e estudantes do curso de Psicologia dessa Universidade que haviam evadido de outro curso. Neste estudo foi considerado como evasão o abandono do curso por parte do estudante sem retorno ao mesmo, excluindo estudantes que havia trocado de instituição, permanecendo no mesmo curso, ou estavam em situação de trancamento de matrícula. Os resultados encontrados sugeriram que a evasão pode ser precedida de uma escolha precipitada do curso, sem clareza sobre o curso de preferência do estudante. Foram apontados grandes períodos de insatisfação e insegurança antes da evasão. Identificaram-se dois processos de saída do curso: gradual, de afastamento, desinteresse e busca de novas atividades; e saída episódica, após algum acontecimento marcante. Somente três dos oito estudantes tinham novas escolhas de profissão quando evadiram. Os estudantes não referiram arrependimento e informaram desconhecimento sobre recursos da universidade que os auxiliasse no processo,

inclusive informações sobre trancamento de matrícula, normas e período de transferência, além de referirem sentimento de descaso e abandono pela universidade. Os autores concluíram que a evasão é consequência de múltiplos fatores, advinda de uma decisão tomada, muitas vezes, impulsivamente e sem vinculação a novas escolhas de curso, porém não representa rompimento permanente com o ensino superior. Além disso, a escolha inicial do curso baseada em informações inconsistentes e visões estereotipadas das profissões são fatores que facilitam a evasão por levar a menor integração universitária e não criar condições para que o estudante enfrente as dificuldades.

Willcoxson, Cotter e Joy (2011) investigaram as diferenças entre perspectivas de estudantes que abandonaram seus cursos em diferentes etapas. Para isso, o estudo examinou a experiência dos estudantes universitários em seis Universidades distintas que oferecem formação na área de administração de empresas. O estudo abrangeu seis Universidades da Austrália, compreendendo 4.361 estudantes, sendo 2.336 do primeiro ano, 1.129 do segundo ano e 896 estudantes do terceiro ano, de cursos de administração. Os resultados demonstraram que as maiores preocupações dos estudantes do primeiro ano referem-se ao compromisso com o curso, expectativas de ensino e de apoio à aprendizagem e confiança acadêmica. A gestão do tempo e engajamento social também se caracterizou como questões importantes em algumas universidades nesse primeiro ano de curso. No segundo ano percebe-se melhor compreensão do ambiente universitário, ajuste das expectativas ao real e, havendo turmas com menor número de alunos, passam a estabelecer maior proximidade com docentes. Os estudantes que demonstraram desejo de deixar o curso nesta etapa referiram baixa expectativa quanto a sua própria capacidade de ter sucesso no curso. No terceiro ano, a motivação dos estudantes para o abandono constitui-se do questionamento acerca de suas capacidades pessoais. O estudo sugeriu que o curso seja desafiador e significativo para o estudante. Além disso, a universidade deve melhorar as estratégias de ensino-aprendizagem e contemplar programas contínuos que auxiliem os estudantes a identificar carreiras diversas e usos para as habilidades e os conhecimentos que eles desenvolveram durante a graduação.

Villas Bôas (2012) estudou possíveis causas da evasão no ensino superior, apontando que a escolha da carreira pode advir da continuidade das expectativas ou carreira dos pais, ou desejo de realização de um sonho, porém acredita que a entrada na universidade pode ser extremamente difícil para aqueles que não se prepararam para conhecer em profundidade a profissão escolhida. Segundo a autora, atualmente, o tipo de educação proporcionada por famílias e escolas privilegia o imediatismo e a falta de interesse por pesquisar, conhecer,

criticar o mundo que os cerca, assim como a falta de atitude em relação ao próprio futuro. O início dos estudos é marcado por frustrações que podem levar os estudantes com maior renda a trocar de curso e os de baixa renda (e que não possuem uma vaga em universidade pública ou bolsa de estudos) a optar pelo abandono, retornando à universidade tempos depois, escolhendo um novo curso, já de acordo com a realidade profissional em que está inserido. Sobre a educação básica, o estudo mostrou que estudantes de escola pública, em geral, possuem formação de má qualidade, o que reflete na dificuldade de acompanhamento das disciplinas básicas que compõem os cursos de graduação. Já os estudantes que têm sucesso na carreira acadêmica se deparam com o entrave da desconexão entre o que é ensinado na Universidade e o que é exigido pelo mundo do trabalho, fato que é minimizado quando o estudante consegue realizar estágios no mercado de trabalho durante a graduação, vivenciando a prática profissional e enriquecendo seu currículo. O estudo concluiu que o estudante necessita de apoio da família e da escola para a escolha da carreira, de uma universidade que incentive a aprendizagem prática desde o início do curso e acolha, também, os que necessitam trabalhar ao mesmo tempo em que realizam sua graduação.

Barlem et al. (2012) realizaram pesquisa qualitativa sobre os motivos para opção e evasão do curso de graduação em Enfermagem, desenvolvida em uma Universidade Federal do Sul do Brasil. Na percepção de estudantes, a evasão foi relacionada à não aprovação no curso de primeira opção, ao desconhecimento acerca da profissão, às dificuldades financeiras e à desvalorização profissional. A influência de outros colegas contribuiu para o processo de evasão, em virtude da visualização da sua insatisfação com o curso, uma vez que, integrar-se ao ambiente e aos colegas de curso é essencial para a consolidação da identidade profissional, considerando que, na maior parte das situações, os colegas representam fontes de apoio para o enfrentamento de dificuldades e problemas próprios da vida universitária.

### 3.4 EVASÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM ODONTOLOGIA

Com a implementação do SUS, a formação dos profissionais de saúde tem passado por transformações (CAVALCANTI et al., 2010). Um marco referencial destas mudanças é a aprovação das DCN para todos os cursos da área da saúde no Brasil, iniciando pelos de Medicina, Enfermagem e Nutrição, em 2001 (BRASIL, 2001), e abrangendo o curso de Odontologia, em 2002 (BRASIL, 2002).

A partir das DCN, deu-se início a um processo de elaboração de projetos pedagógicos e reformulações curriculares para contemplar a formação de um egresso com perfil generalista dotado de habilidades e competências necessárias ao cirurgião-dentista (TOASSI et al., 2012; ROSSONI; LAMPERT, 2004). A graduação, dessa forma, constitui-se de base para o permanente e indispensável processo de educação continuada em nível de complexidade crescente, reforçando que, além das competências técnicas, é necessário também, estimular a competência para aprender a aprender, fundamental para atuar numa realidade dinâmica e enfrentar novas e desafiadoras situações (FERNANDES NETO; COSTA NETO, 2006).

As DCN expressaram o comprometimento dos movimentos por transformações na formação dos profissionais da área da saúde com um entendimento mais amplo do que seja currículo, compreendendo que ele deva traduzir a posição e responsabilidade da universidade diante de seu papel social, dos conceitos de saúde e de educação. É por essa razão, a necessidade de a formação estar comprometida e direcionada à concretização dos princípios do SUS (FEUERWERKER; ALMEIDA, 2004).

Apesar dos inegáveis e importantes avanços alcançados com as DCN na formação em saúde e, de modo especial, na Odontologia, os anos iniciais da graduação podem constituir foco agregador de dificuldades, tanto no campo curricular quanto no momento psicológico vivenciado pelos estudantes, o que pode provocar desmotivação e desinteresse pela profissão e levar à evasão do curso (SALIBA et al., 2006).

Nesse sentido, Saliba et al. (2006) estudaram a evasão (de ingressantes entre 1992 e 1999) e a retenção (de 1992 a 2002) no curso de Odontologia da Faculdade de Odontologia de Araçatuba – UNESP. Foi considerada evasão, qualquer saída do curso que não fosse por diplomação, excetuando-se falecimento e transferência para o mesmo curso em outra instituição. Retenção foi entendida como a situação do estudante que não concluiu o curso dentro do período mínimo de integralização, por razão de repetência ou suspensão de matrícula. Identificou-se que o percentual de evasão foi de 2,2%, e esta ocorreu na primeira série do curso em 50% dos casos e 42,8% ocorreu no segundo ano de graduação, sendo que não houve evasão no último ano. Entre 1992 e 2002 foi identificado que 1,6% dos estudantes reprovaram em pelo menos uma disciplina, sendo as disciplinas de Patologia bucal (11,9%) e Histologia-Embriologia (9,4%) as que apresentaram maiores índices de reprovação. Segundo o estudo, a análise da existência de retenção complementa os estudos de evasão por revelar o percentual de estudantes formados após o período mínimo indicado para a conclusão do

curso. As autoras problematizaram, também, as disciplinas isoladas no curso e apontaram a necessidade de atuação dos serviços de orientação vocacional junto aos estudantes.

Yelpes et al. (2007) realizaram grupos focais para identificar fatores intrínsecos e extrínsecos aos estudantes determinantes de sua evasão do curso de Odontologia na Universidade de Antioquia, na Colômbia. Participaram da pesquisa estudantes que saíram definitivamente do curso e outros, que saíram e depois regrassaram para a Odontologia. A maior parte dos alunos dos dois grupos decidiu sair do curso quando estava no quarto semestre, etapa curricular em que se iniciam as atividades clínicas (29,4% dos evadidos e 31,3% dos que reingressaram). Para o grupo de reingresso, o segundo período com maior desistência foi o terceiro semestre. Os pesquisadores acreditam que a quantidade de disciplinas básicas que compõe os semestres iniciais do curso pode constituir fator determinante da evasão. Para os estudantes que reingressaram, o principal motivo da desistência foi o econômico. Para os que evadiram definitivamente, o principal motivo foi a mudança de profissão e a vontade de fazer outro curso. A maioria dos estudantes manifestou ter um excelente desempenho acadêmico. Para o grupo que evadiu e não retornou foram identificados três fatores intrínsecos (mudança de curso, falta de motivação e falta de tempo) e três fatores extrínsecos (trabalho, carga acadêmica, metodologia de ensino ruim) para a evasão. Entre os estudantes de reingresso foram encontrados seis fatores intrínsecos (desmotivação pela profissão, falta de tempo, viagem, necessidade de descansar, problema de saúde e maternidade) e dois fatores extrínsecos ao estudante (econômicos e profissionais) para a desistência do curso. Ambos os grupos relataram que a relação entre alunos e professores era agradável e positiva e maior parte observou que a disponibilidade de espaços de estudo além da sala de aula era suficiente, porém elencaram problemas com relação à cafeteria (necessidade de melhorar o serviço e baixar os preços). Os pesquisadores concluíram que é necessário melhorar a orientação vocacional previamente à entrada na Universidade, além de repensar a quantidade de atividades curriculares presenciais para que os estudantes tenham mais tempo para dedicar a atividades extracurriculares e proporcionar atividades que contemplem o desenvolvimento global dos alunos, como o lazer.

Estudo de Cavalcanti et al. (2010) identificou os motivos para o ingresso e evasão do curso de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, na perspectiva de seus estudantes. A amostra foi composta por 46 estudantes ingressantes na universidade, entre o segundo semestre de 2008 e o primeiro semestre de 2009. Os motivos pelos quais os estudantes optaram pela Odontologia foram vocação, prestígio profissional, renda salarial, influência

familiar e possibilidade de conseguir um emprego. Para os que tinham o curso de Odontologia como segunda opção, a Medicina estava em primeiro lugar e 43,2% informou estar insatisfeito com o curso em virtude do corpo docente, estrutura física e estrutura curricular, o que pode constituir causa de evasão. Os autores identificaram diferença estatisticamente significativa ao associar o desejo de prestar novo vestibular à ocorrência de insatisfação com o curso.

Silva et al. (2010) investigaram os fatores influenciadores do desempenho acadêmico de uma amostra retrospectiva constituída pelos estudantes de graduação ingressantes de Odontologia da Universidade Federal de Goiás, em um período de 20 anos, entre 1984 e 2003 (n=1182). Variáveis demográficas e educacionais foram utilizadas para prever o desempenho acadêmico geral e por grupos de disciplinas. O desempenho acadêmico por grupos de disciplinas foi superior em disciplinas profissionalizantes e clínicas ( $p < 0,001$ ). O melhor desempenho acadêmico relacionou-se ao menor tempo entre ensino médio e ingresso na graduação, gênero feminino, melhor classificação no vestibular, maior frequência no curso e carga horária do estudante em ensino, pesquisa e extensão. Os resultados encontrados mostraram a importância da análise do desempenho acadêmico no planejamento educacional e reforçaram a necessidade de reestruturação curricular focada na integração disciplinar.

Al-Amri et al. (2012) determinaram o efeito de diferentes fatores, como currículo, o papel do corpo docente, orientação acadêmica e disponibilidade de recursos e serviços de apoio à aprendizagem, no desempenho de estudantes de graduação em Odontologia. Os dados foram coletados com estudantes da Faculdade de Odontologia da Universidade Rei Saud, durante o ano de 2008-2009 (n=576). Os estudantes foram convidados a preencher um questionário composto por 45 questões, que foi especialmente elaborado de acordo com os requisitos da Associação Européia de Educação Odontológica. A escala de Likert de cinco pontos foi utilizada para avaliar as respostas. O papel dos professores e os recursos de aprendizagem, bem como de serviços de apoio tiveram efeito significativo sobre o desempenho dos estudantes. Já a orientação acadêmica e o currículo do curso de Odontologia tiveram um efeito não-significativo no desempenho dos estudantes. Os resultados destacaram a necessidade de melhorar o nível de orientação acadêmica e revisar o currículo para ter um impacto significativo desses fatores sobre o sucesso acadêmico dos estudantes.



#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo assume a modalidade estudo de caso (YIN, 2010) como método de investigação, numa forma predominantemente qualitativa. O campo de investigação foi o curso noturno de graduação em Odontologia da UFRGS.

Este curso foi criado a partir da proposta de ampliação e reestruturação do ensino superior federal orientado pelo REUNI, tendo como principal objetivo atender a demanda de quem desenvolve sua atividade profissional durante o dia e dispõe somente do horário noturno para realizar sua formação acadêmica. O curso iniciou suas atividades no segundo semestre de 2010, com a oferta de 30 vagas anuais. O projeto pedagógico foi embasado no curso diurno de Odontologia da mesma instituição, contemplando a mesma carga horária total (5040 horas), créditos obrigatórios (312 créditos), eletivos (oito créditos) e complementares (16 créditos). As atividades curriculares acontecem exclusivamente no turno da noite, de segunda à sexta-feira, contemplando uma carga horária de 20 horas semanais de atividades presenciais. O curso tem a duração de 16 semestres (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Para responder aos objetivos do estudo, a coleta de dados aconteceu em três momentos diferentes e complementares, utilizando-se os seguintes procedimentos:

1º momento - Caracterização do perfil sociodemográfico do ingressante, sua opção pela profissão e expectativas em relação ao curso: todos os estudantes que realizaram a matrícula no curso noturno, de 2010 a 2014, foram convidados a participar da pesquisa. A coleta de dados aconteceu no momento da matrícula dos ingressantes, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado elaborado pelos pesquisadores (APÊNDICE A) dividido em Bloco A – Perfil sociodemográfico dos estudantes e Bloco B – A opção pela Odontologia e sobre o curso. Dos 121 ingressantes, 118 responderam ao questionário.

2º momento – Identificação da situação acadêmica dos estudantes: no mês de fevereiro de 2014 foram analisados documentos relativos ao histórico escolar e situação acadêmica de todos os estudantes que ingressaram no curso noturno de Odontologia, por meio de acesso ao sistema de graduação da Universidade, após autorização da coordenação do curso. As variáveis investigadas foram o ano de ingresso dos estudantes no curso, sua situação acadêmica atual (seriação aconselhada, retenção por reprovação/trancamento e evasão), e quando houve reprovação, foram identificadas as etapas do curso e as disciplinas em que essa reprovação aconteceu.

Os estudantes foram divididos em três grupos:

Grupo 1: Estudantes que estavam na etapa aconselhada do curso e não tiveram nenhuma reprovação.

Grupo 2: Estudantes que estavam fora da etapa aconselhada do curso, porque tiveram uma ou mais reprovações no curso e/ou realizaram o trancamento de matrícula (retenção).

Grupo 3: Estudantes que evadiram do curso noturno de Odontologia.

Os dados relacionados ao 1º e 2º momento da pesquisa foram digitados no software *IBM SPSS Statistics* versão 18.0 para *Windows*. Tais informações foram analisadas por meio da distribuição de frequências para detectar o número de observações em cada variável do conjunto de dados.

3º momento - Compreensão dos motivos que levaram à retenção e evasão, na perspectiva de estudantes e professores: os estudantes dos grupos 2 e 3, identificados no segundo momento da pesquisa, foram convidados a participar dessa etapa, a qual incluiu a realização de uma entrevista semiestruturada, assim como os professores permanentes das disciplinas do curso noturno de Odontologia em que houve a reprovação.

Inicialmente, o contato com os estudantes e professores foi realizado por mensagem via correio eletrônico, contendo título e objetivo do estudo e sugestões de data e horário para realização da entrevista, de modo que os participantes pudessem escolher o momento mais adequado às suas rotinas para participar. À medida em que as entrevistas foram acontecendo e que os estudantes que já haviam participado, conversavam com seus colegas sobre a pesquisa, os próprios estudantes procuravam os pesquisadores e se voluntariavam a contribuir com seus relatos. Todas as entrevistas aconteceram na Faculdade de Odontologia da UFRGS.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro elaborado pelos pesquisadores (APÊNDICES B, C, D), pré-testado, de forma individual, gravadas em áudio, após o consentimento do(a) entrevistado(a) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as gravações das entrevistas foram transcritas na íntegra e enviadas, posteriormente, por correio eletrônico aos entrevistados para sua revisão.

Em uma entrevista semiestruturada, os tópicos do roteiro elaborado devem funcionar apenas como lembretes, devendo, na medida do possível, serem memorizados pelo pesquisador quando está em campo. O roteiro deve servir de orientação e guia para o andamento da interlocução e ser construído de forma que permita flexibilidade nas conversas e a absorver novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua estrutura de relevância (MINAYO, 2009).

O método utilizado para definir a amostra foi o da amostragem por saturação, ou seja, o pesquisador entendendo que novas falas passam a ter acréscimos pouco significativos em vista dos objetivos propostos pela pesquisa e tornam-se expressivamente repetitivas, decide encerrar sua amostragem (TURATO, 2008). O parâmetro utilizado para a interrupção da coleta de dados foi a avaliação de que os elementos colhidos davam conta de satisfazer a discussão para atingir os objetivos apontados no projeto e a apreciação pelos pesquisadores.

Ao final, foram entrevistados 16 estudantes e oito professores (n=24). Dos 16 estudantes, 10 estavam fora da seriação aconselhada por reprovação em alguma disciplina ou reprovação e trancamento de semestre em algum momento do curso, e seis tinham evadido do curso noturno. A caracterização dos estudantes entrevistados pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos estudantes que participaram das entrevistas.

<b>ESTUDANTE</b>	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>SITUAÇÃO ACADÊMICA</b>	<b>TRABALHO FORMAL</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>FORMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO</b>
1	30	Feminino	Retenção	Sim	40	Público
2	35	Masculino	Evasão	Não	--	Público
3	24	Masculino	Evasão	Não	--	Privado
4	18	Masculino	Retenção	Não	--	Público
5	21	Feminino	Retenção	Não	--	Privado
6	24	Feminino	Retenção	Não	--	Privado
7	44	Masculino	Retenção	Sim	40	Público
8	30	Feminino	Retenção	Sim	30	Público
9	22	Feminino	Evasão	Não	--	Privado
10	27	Masculino	Retenção	Sim	40	Público
11	36	Feminino	Evasão	Não	--	Público
12	41	Masculino	Retenção	Sim	30	Público
13	23	Masculino	Retenção	Não	--	Público
14	22	Feminino	Evasão	Não	--	Privado
15	21	Feminino	Evasão	Não	--	Privado
16	28	Feminino	Retenção	Sim	40	Público

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

O Quadro 2 apresenta a caracterização dos oito professores entrevistados. Todos são professores permanentes da UFRGS e atuam em disciplinas do primeiro ao sétimo semestre do curso noturno de Odontologia.

Quadro 2 – Caracterização dos professores que participaram das entrevistas.

<b>PROFESSOR</b>	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>TITULAÇÃO ACADÊMICA</b>	<b>REGIME DE TRABALHO</b>
1	32	M	Doutorado	Dedicação exclusiva
2	36	M	Doutorado	Dedicação exclusiva
3	46	M	Doutorado	Dedicação exclusiva
4	32	M	Doutorado	Dedicação exclusiva
5	57	M	Doutorado	40 horas
6	39	M	Doutorado	Dedicação exclusiva
7	35	F	Doutorado	Dedicação exclusiva
8	55	F	Doutorado	Dedicação exclusiva

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

Os dados qualitativos obtidos nas entrevistas, após a transcrição, foram importados para o software ATLAS.ti (*Visual Qualitative Data Analysis*). Com o auxílio do software, os dados foram organizados em categorias de análise para facilitar a compreensão das ideias e posterior discussão. A interpretação dos dados qualitativos utilizou a estratégia da análise temática de conteúdo proposta por Bardin (2011). Inicialmente realizou-se a leitura flutuante de todas as transcrições das entrevistas para, então, determinar as unidades de registro, constituídas de temas que emergiram das falas e geraram as unidades de significação. Estas unidades, reunidas, constituíram as categorias de análise (OLIVEIRA, 2008).

O projeto de pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade (ANEXO A).

## 5 RESULTADOS

Os resultados da análise da trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da UFRGS estão apresentados em três seções: Conhecendo o ingressante do curso noturno de Odontologia; Situação acadêmica dos estudantes: seriação aconselhada, retenção e evasão; Compreendendo os motivos que levam à retenção e evasão no curso noturno de Odontologia: percepção de estudantes e professores.

### 5.1 CONHECENDO O INGRESSANTE DO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA

Dos 121 estudantes que ingressaram no curso noturno (turmas de 2010, 2011, 2012 e 2013), 118 responderam ao questionário semiestruturado para caracterizar o perfil sociodemográfico desse estudante, bem como sua opção pela profissão e expectativas em relação ao curso (taxa de resposta 97,5%). A maior parte destes estudantes eram mulheres (66,1%), jovens (61,1% tinham de 17 a 22 anos de idade), brancos (82,2%), solteiros (83,9%), sem filhos (74,6%), com até dois irmãos (64,4%) e naturais do estado do Rio Grande do Sul (89%) (APÊNDICE E – Tabela 1).

Em relação à formação no ensino fundamental e médio, 41,5% e 48,3% dos ingressantes cursaram, exclusivamente, escola pública e 32,2% e 40,7% escola privada, respectivamente. Esses estudantes tiveram um intervalo entre o final do ensino médio e o início do ensino superior de três anos ou mais (59,3%) (APÊNDICE F – Tabela 2).

De modo geral, estes estudantes não precisaram mudar de cidade para estudar Odontologia na UFRGS (70,3%), residem com os pais (58,5%) e trabalham (52,6%). Dos 62 estudantes que trabalham, apenas sete (5,9%) são os principais responsáveis pelo sustento da família. A carga horária semanal de trabalho ficou entre 30 e 40 horas para 31,4% (APÊNDICE G – Tabela 3). O acesso à internet na residência foi relatado por 90,7% dos estudantes.

Em relação à área de atuação profissional, dos 62 estudantes que trabalham, 30,6% (n=19) relataram ter vínculo com a saúde, atuando nas seguintes áreas: fonoaudiologia, saúde pública, instrumentação cirúrgica, farmácia/bioquímica, Odontologia (atendente de consultório odontológico, auxiliar de dentista, consultório odontológico e prótese dentária) e área da saúde, de modo geral (sem especificar a área).

Sobre a família dos estudantes, 41,6% dos pais e 37,2% das mães apresentavam ensino médio completo e 29,6% dos pais e 34,7% das mães, o ensino superior completo. A

maior parte dos pais estava trabalhando (66,1% dos pais e 56,8% das mães). A renda familiar mensal para 46,6% dos estudantes foi de 1 a 5 salários mínimos e para 27,1% de 6 a 10 salários mínimos (APÊNDICE H – Tabela 4).

A presença de dentista na família foi relatada por 22,9% dos estudantes do curso noturno, sendo mais observada entre tios e/ou primos.

Mais da metade dos estudantes (53,4%) relatou não ter frequentado outro curso de graduação antes de ingressar na Odontologia, no qual foi o curso de preferência para 85,6% deles. A maioria (83,1%) sente-se seguro ou completamente seguro pela escolha profissional (APÊNDICE I – Tabela 5). Entre os cursos frequentados anteriormente pelos ingressantes, os cursos de Enfermagem (n=7), Farmácia (n=6), Biologia (n=5) e Letras (n=5) foram os mais mencionados.

Os motivos que levaram os estudantes a optarem pela Odontologia foram, principalmente, ‘realização pessoal e profissional’, seguidos pela ‘segurança e tranquilidade no futuro, posição social e conforto financeiro’ e pelo ‘interesse em atuar na comunidade’.

Estes estudantes têm como expectativas em relação ao curso ‘uma formação qualificada’, ‘realização profissional’ e ‘realização pessoal/de um sonho/ vocação’. Os estudantes assim se expressaram.

A melhor! Estou muito feliz com esta oportunidade. Sei que é um curso maravilhoso e estou muito orgulhosa de fazer parte desta instituição. Espero poder conciliar com o meu trabalho. Acredito que isso será possível, já que muitos também vão continuar trabalhando.” (Questionário 24 - Estudante 2010)

Tenho muita expectativa, acredito que por eu ter demorado tanto para entrar na faculdade que sempre foi meu sonho agora valorizo muito essa oportunidade e acho que vai ser uma experiência muito boa. Acredito que o curso é longo, serão longos anos de estudos mas me sinto confiante e feliz com essa escolha. (Questionário 78 - Estudante 2012)

As melhores possíveis. Sempre foi uma área que me interessei, começou pelo longo tratamento que tive de fazer no ortodontista. Quero aprender muito, crescer na área e me tornar um excelente profissional. Lógico que é um caminho longo e difícil (principalmente pela questão financeira), tenho noção do custo que envolve adquirir cada material, mas estou disposta a fazer tudo que estiver ao meu alcance. (Questionário 88 - Estudante 2012)

Espero uma formação moderna que desenvolve as habilidades necessárias à prática da Odontologia em ambientes públicos e privados. (Questionário 118 - Estudante 2013)

## 5.2 SITUAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES: SERIAÇÃO ACONSELHADA, RETENÇÃO E EVASÃO

A situação acadêmica dos estudantes do curso noturno de Odontologia foi verificada a partir da análise documental (histórico escolar e registro da situação acadêmica), no período de agosto de 2010 a fevereiro de 2014.

Dos 121 estudantes que ingressaram no curso, 40,4% encontra-se fora da seriação aconselhada (retenção) e 19,9% evadiram do curso. Estão na seriação aconselhada do curso 38,8% dos estudantes, os quais estão realizando todas as disciplinas sem nenhuma reprovação, cancelamento ou trancamento de matrícula (Tabela 6).

Tabela 6 – Distribuição dos estudantes do curso noturno de Odontologia /UFRGS segundo a situação acadêmica, fevereiro 2014.

<b>SITUAÇÃO ACADÊMICA</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Estudante fora da seriação aconselhada (retenção)	49	40,4
Estudante na seriação aconselhada	47	38,8
Evasão	24	19,9
Desligamento por decisão judicial	1	0,9
<b>TOTAL</b>	<b>121</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

Dentre os 49 estudantes em situação de retenção, 67,4% encontram-se fora da seriação aconselhada por terem reprovado em uma ou mais disciplinas (Tabela 7). A maior parte dos estudantes retidos (87,8%) reprovou somente uma vez na mesma disciplina e 53,6% reprovou em uma única disciplina ao longo do curso.

Tabela 7 - Distribuição dos estudantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo a característica da retenção, fevereiro 2014.

<b>CARACTERÍSTICA DA RETENÇÃO</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Reprovação	33	67,4
Reprovação e trancamento de matrícula	8	16,3
Trancamento de matrícula	6	12,2
Cancelamento voluntário de disciplina	2	4,1
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

Em relação às evasões, dos 24 estudantes que evadiram, a maior parte (79,1%), passou do curso noturno para o curso diurno de Odontologia (Tabela 8), por transferência

interna (n=2), Processo Seletivo Unificado (n=7) e nova prova de vestibular para o curso diurno (n=10).

Tabela 8 - Distribuição dos estudantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo a característica da evasão, fevereiro 2014.

<b>CARACTERÍSTICA DA EVASÃO</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Ida para o curso diurno de Odontologia/UFRGS	19	79,1
Abandono	3	12,5
Ida para outro curso na mesma Universidade	1	4,2
Transferência para outra universidade	1	4,2
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

Cabe salientar que o ingresso por Processo Seletivo Unificado (prova extravestibular) é um procedimento utilizado pela Universidade para ocupar vagas ociosas no curso. Podem participar desta seleção estudantes que frequentam curso de Odontologia em qualquer Instituição de Ensino Superior, desde que já tenha concluído o primeiro ano de curso na sua instituição de origem (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2013). É um processo seletivo que acontece com periodicidade relativa ao acúmulo de vagas ociosas nos cursos, ou seja, cada curso oferece suas vagas de acordo com a necessidade, não sendo um processo seletivo anual ou semestral. Na Faculdade de Odontologia da UFRGS, esta forma de ingresso havia sido oferecida em 2009 e, posteriormente, em 2013, quando 7 das 12 vagas oferecidas para o curso diurno foram ocupadas por estudantes do curso noturno da mesma instituição.

O Quadro 3 apresenta o fluxo de saída dos estudantes do curso noturno, de acordo com o ano de ingresso. Dos estudantes que saíram do curso noturno, observa-se que a maior parte deles havia ingressado na turma de 2011 (n=11). Da primeira turma que ingressou no curso, em 2010, a evasão iniciou a partir do semestre 2013/1, quando houve a oportunidade de realizar a transferência interna ou processo seletivo unificado para ingresso no curso diurno.



Quadro 3 – Distribuição dos estudantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo semestre de ingresso e saída do curso, fevereiro 2014.

INGRESSO NO CURSO	SEMESTRE DE SAÍDA DO CURSO								TOTAL
	2010/2	2011/1	2011/2	2012/1	2012/2	2013/1	2013/2	2014/1	
2010/2	--	--	--	--	--	2	2	1	<b>5</b>
2011/2			--	1	1	3	3	3	<b>11</b>
2012/2					--	2	1	4	<b>7</b>
2013/2							--	1	<b>1</b>
<b>TOTAL</b>	--	--	--	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>24</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

### 5.3 COMPREENDENDO OS MOTIVOS QUE LEVAM À RETENÇÃO E EVASÃO NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES

As ideias, percepções, sentimentos e avaliações dos estudantes e professores entrevistados com relação à retenção e evasão no curso noturno de Odontologia são apresentados em sete categorias emergentes:

- Contextualizando a chegada do estudante no curso noturno de Odontologia: adaptação à rotina universitária, formação no ensino básico, processo seletivo e opção pelo curso
- O estudante trabalhador: conciliando as rotinas de trabalho e estudo
- Vivências de sala de aula: participação do estudante, perfil do professor, didática docente e metodologias de ensino
- Falando sobre o processo de avaliação da aprendizagem
- O lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes
- A saída do curso noturno de Odontologia: percepções sobre a evasão
- Pensando em estratégias para a permanência e sucesso acadêmico do estudante no curso noturno

#### 5.3.1 Contextualizando a chegada do estudante no curso noturno de Odontologia: adaptação à rotina universitária, formação no ensino básico, processo seletivo e opção pelo curso

Ao chegar ao curso de Odontologia, os estudantes sentiram-se afetados pela ‘nova’ exigência de estudo que caracteriza a rotina universitária, marcada pela grande quantidade de conteúdos, em diferentes disciplinas, que ocupam todos os turnos de atividades curriculares do turno da noite.

Eu acho que o primeiro semestre é um semestre maçante, primeiro e segundo, [...], não sabia como estudar, lia tudo e sobre aquele assunto e acabava estudando muito as coisas e caía uma coisa bem específica, daí tu não lembrava, não sei te explicar muito bem, assim, talvez organização do modo de estudar, de como estudar para aquela matéria, e saber que sem sentar e estudar, não adianta. (Estudante 13)

[...] adaptação de como estudar, que material eu posso pegar, acesso a alguns materiais, a gente está um pouco perdido no primeiro semestre quanto a isso. Aí, depois, a gente começou a falar com os veteranos, começou a ver como era o tipo de prova, como é que tinha que estudar (Estudante 16)

Quando eu fiz o vestibular eu esperava vivenciar mais a vida acadêmica, mas aí, nosso currículo é completo, os horários do noturno são completos, e as pessoas com que eu me identifiquei na minha turma não tinham o hábito de se reunir para estudar, então foi bem solitário, assim, eram provas que eu estudava por minha conta e risco, trabalhos também a gente não tinha a referência da turma anterior, porque era do diurno, não tinha muito contato [...]. Então eu achei bem difícil iniciar o curso, desconhecendo como o professor cobra em prova, como que vai ser o trabalho e ainda não tendo referencial por ser a primeira turma, eu me senti um pouco sozinha porque moro longe, trabalho, não tenho tempo de socializar. (Estudante 1)

A primeira prova eu não consegui estudar, foi no início, uma das primeiras, acho que no terceiro semestre e eu ainda estava me adaptando, assim, foi uma prova que eu tinha deixado para estudar na véspera [...] (Estudante 8)

Os estudantes perceberam diferenças importantes entre a rotina de estudos que tinham no ensino médio e, agora, na Universidade, mostrando dificuldades no início do curso, mas adaptação na rotina de estudos ao longo do tempo, refletindo, inclusive, em ajustes na sua vida pessoal e profissional.

Acho que eu reprovei por eu não ter entendido no início isso, que eu estava na UFRGS, e que teria que estudar muito e então, eu acho que aí eu comecei a ter uma rotina, a partir da primeira recuperação, já, eu comecei a ter uma rotina, porque eu vi que não era como no ensino médio, que eu ia muito bem em tudo sem estudar tanto, eu passei no vestibular só com o ensino médio, não fiz nem cursinho, então tipo, pra mim era, 'ah, é a UFRGS, mas tudo bem.' [...] por não ter essa rotina inicial, assim, é o primeiro susto que a gente leva. (Estudante 4)

Eu fiquei bem decepcionado comigo exatamente porque nunca nem recuperação eu peguei no ensino médio e ensino fundamental, nem recuperação [...] (Estudante 5)

No começo foi difícil, porque como eu trabalhava muito cedo, tinha que me deslocar para outra cidade e de noite eu já estava exausta nos primeiros semestres, mas foi questão, assim, de uns 2 semestres e eu acostumei, porque

tem uma questão de costume, de hábitos, assim, tu vai encaixando com os teus horários, vão modificando [...] Eu achava que depois que entrasse na faculdade eu ia estudar menos, mas eu me dei conta que não, foi um baque, assim na faculdade [...] até que eu me adaptei, assim, como estabelecer horários para estudar, parar, sentar e ver o que eu tinha de fazer, foi um baita de um baile que eu levei e ficar noites em claro estudando. (Estudante 8)

Eu não era uma aluna assim no segundo grau, às vezes eu até fico pensando ‘nossa, os professores devem pensar que eu já era assim desde sempre’, mas eu não era assim. Parece que na faculdade eu encontrei mais, vamos dizer assim, dificuldades principalmente no primeiro semestre eu acho que foram minhas maiores dificuldades. (Estudante 16)

Complicado, porque no meu trabalho eu faço plantão, eu tive que modificar toda a rotina do meu trabalho para conseguir me adequar com os horários da faculdade. Às vezes eu dormia 5, 4 horas por dia pra poder chegar em casa e estudar, e no outro dia tinha que acordar cedo porque tinha que trabalhar. Acordava às 5 horas da manhã pra ir pro trabalho, mas às vezes eu dormia um pouquinho de tarde antes de vir pra aula, mas de certa forma até que eu consegui conciliar... Cansativo obviamente. Mas possível. (Estudante 12)

A forma de estudar foi tida como determinante para o desempenho do estudante nas disciplinas, levando à reprovação e consequente retenção no curso.

Eu deixei acumular matéria e não tinha com eu dar conta pras provas finais. Acumulou, daí eu fui mal, eu achei que ia conseguir recuperar na segunda prova e não consegui, até chegar à reprovação. [...] a rotina de estudos muda muito, eu saí direto do colégio, fiquei um ano e depois entrei para a faculdade, então tinha aquela rotina assim, estuda uns dois dias antes, dou uma lida no capítulo e... não dá! Foi isso que eu pequei nas cadeiras que eu rodei, porque não pode deixar acumular, não é porque é uma matéria é chata que tu vai empurrar pra estudar, sabe, não, tem que focar. Comecei a me organizar melhor, porque é muita matéria e é pouco tempo, e às vezes o que tu vê dentro de sala de aula não é o suficiente, tem que se interar sozinho. Daí uma coisa que eu percebi é que não dá para deixar acumular, e isso era normal no colégio, deixar as coisas mais pra última hora. Isso está sendo uma adaptação, assim, a se programar, a se organizar, ter cronograma de estudos, ter cronograma dos trabalhos, para fazer com uma certa antecedência para não dar errado. (Estudante 5)

[...] eu devia ter baixado a cabeça e lido os livros, não busquei informações que me passaram, me falaram: “tu tem que olhar no livro, não é só aula, tu tem que buscar sozinha algumas coisas, e a gente não vai dar na tua mão”. Era isso que faltava, e eu vi, e agora [...] faltou também focar, baixar a cabeça e ler o livro, não só pegar o que tem na aula. (Estudante 6)

Os professores, da mesma forma, observaram que a construção de uma rotina de estudos influenciou no desempenho dos estudantes, podendo ser um reflexo do intervalo de tempo sem estudar, aliado à fragilidade no ensino básico. Tais questões foram relacionadas a

dificuldades de escrita e de interpretação de textos e até de questões de prova, exigindo mais dedicação do professor.

[...] e isso é um perfil também que a gente percebeu, não sei se é porque são pessoas que há um tempo não estudavam, vários dos alunos, que eles não têm o pique para fazer, para estudar, e para responder uma prova, muitos têm uma dificuldade, que acho que é inerente à formação de ensino médio, e de ensino fundamental que a gente tem hoje. Na primeira turma eu lembro que tivemos que sentar com os alunos porque depois da primeira prova só um aluno tirou 7,5, foi a nota mais alta da turma, o resto todo mundo tirou abaixo disso e aí a gente sentou com eles para fazer uma revisão de prova, ia fazendo as perguntas e a gente via que o conteúdo, não é que não tivesse sido assimilado, é que não sabiam escrever. A gente sentou com eles e ensinou como é que eles tinham que fazer o raciocínio para responder uma pergunta de prova, para eles não se perderem, que eles podiam usar uma folha de rascunho, se eles quisessem, que eles fizessem tópicos de quais eram os principais pontos que eles queriam falar naquela resposta e depois iam desenvolvendo o tópico... tem que ensinar a pensar para fazer uma resposta, para organizar, porque eles não estavam conseguindo, e aí depois disso, na segunda prova, vários deles pediram folha de rascunho e fizeram e foram... no final só uns três alunos rodaram na disciplina, o resto todos conseguiram atingir os objetivos. (Professor 7)

Tem alunos do grupo que são iguais a alunos do diurno, que recém acabaram o ensino médio, que tiveram até uma boa formação, e nós temos também estudantes trabalhadores, isso é verdade, isso é fato. Então é uma turma bastante heterogênea e muito difícil de lidar, porque a gente não tem um nivelamento. Então nesse sentido eu acho que é uma turma que requer do professor uma dedicação maior, porque alguns têm algumas dificuldades que outros não têm, então para a gente conseguir atingir os objetivos da disciplina de maneira igual com todos os alunos é mais difícil do que no diurno. (Professor 8)

Em muitos relatos, os professores associaram as fragilidades encontradas na relação ensino-aprendizagem à média do vestibular para ingresso no curso noturno, mais baixa do que para ingresso no curso diurno, e ao intervalo de tempo entre o término do ensino médio e o ingresso na Universidade.

Acho que a nota de corte deve ser diferente [do diurno para o noturno], essa é minha opinião, eu não cheguei a checar, mas pela qualidade ou até pelo próprio perfil de desenvoltura na escrita, erros de português, erros básicos, dá pra se perceber que o aluno que entra no curso noturno, alguns desses alunos eles têm até uma base mais deficiente [...], acho que o nível de competitividade para entrar no curso diurno é muito maior do que entrar no curso noturno, e isso acaba baixando a qualidade até mesmo do aluno. (Professor 1)

Um pouco da falta de embasamento, eu notei um pouco mais de dificuldade dos alunos em termos de embasamento, eles já vem menos preparados, na minha opinião. Senti mais dificuldade em coisas básicas. Então, teoricamente, se é mais fácil entrar na odonto noturna, os alunos já não vêm... não são tão bons, tão preparados quanto do diurno, entendeu? Seleção mais fácil, você seleciona alunos com embasamento menor, acredito que tenha isso também, não sei se já foi verificado. Tive essa impressão também, talvez com um embasamento um pouco menor, eles têm mais dificuldade de entender coisas básicas, assim. (Professor 2)

Sinceramente, a falta de base. Eu acho que os alunos acabam entrando com uma bagagem de formação mais deficiente em relação ao diurno. Isso é refletido pelas notas de entrada, dos alunos que entram no diurno e que entram no noturno. Então, é mais fácil entrar no noturno, ok. Só que a cobrança é a mesma. O professor tem que ser responsável por preparar, ou se dedicar para preparar bons profissionais da mesma forma que no diurno, então o nível de exigência cobrado deve ser o mesmo, a responsabilidade para com a sociedade é a mesma: formar bons profissionais para atender a sociedade. Então não pode ter distinção, dentista do noturno tem que ter a mesma preparação do diurno. Como os alunos que entram no noturno tem um estudo de base mais limitado, é difícil muitas vezes acompanhar, seguir adiante esse aprendizado, nessa construção do conhecimento. [...] Mas no diurno também ocorre isso. Eu acho que, nos últimos anos, a gente tem verificado mais isso, essa dificuldade da base está aparecendo mais. (Professor 3)

Eu não sei se o problema é de formação básica, mas muitos alunos, especialmente nos primeiros semestres, quando nós tínhamos alunos de mais idade, talvez até porque eles já tenham esquecido o que aprenderam, já faz tanto tempo que fizeram o ensino médio, e a minha área, que requer a base de química, de física, de matemática, precisa desses conhecimentos um pouco mais disponíveis, um pouco mais próximos, um pouco mais presentes. Eu percebo bastante dificuldade com os alunos que fizeram o ensino médio há mais tempo em relação a isso. (Professor 8)

Por outro lado, dificuldades relacionadas à formação básica foram observadas pelos professores também entre os estudantes do curso diurno.

[...] problema de ensino de base, ensino básico, eles têm dificuldade de ler e escrever, eles não conseguem articular. Clássico é aquela resposta onde a pergunta possui sujeito, verbo e predicado, mas a resposta se resume a três palavras soltas, no branco do papel, ai eu olho e assim, a minha pergunta tinha sujeito, verbo e predicado, porque a resposta não pode ter sujeito, verbo e predicado, como o português manda? Não, eles escrevem três palavras soltas no ar e querem que o professor entenda. E querem que isso seja aceitável. [...]. É isso eu sinto, é a dificuldade de alguns aqui, do noturno, mas não é específico do noturno, no diurno a gente também tem isso. (Professor 6)

O foco na aprendizagem e o empenho pessoal foram entendidos pelos estudantes como necessários, tanto para encontrar a melhor forma de estudar quanto para selecionar o material de estudo mais adequado, principalmente, quando a disciplina ou o conteúdo de estudo foram vistos como aqueles em que o estudante ‘não tem facilidade’.

[...] acho que eu já melhorei muito [...], mas eu vejo que em muitas aulas eu lembro de muitas coisas, porque eu estudei de uma maneira que eu aprendi, eu não consigo decorar, eu tenho uma dificuldade muito grande nesse sentido. [...]é uma cadeira muito básica, ela é muito pesada, muito densa e, olha, eu não sei se porque eu tive um Ensino Médio, sei lá, muito aquém que a maior parte das pessoas ou porque eu tenho dificuldade nessa disciplina mesmo, mas, olha, pra mim, foi muito ruim. (Estudante 8)

Um pouco foi falta de organização minha nas cadeiras específicas, mas eu acho que no mais eu sempre consigo, eu tenho um entendimento bom das disciplinas e do que está sendo cobrado, assim. Mas eu tenho que me esforçar, não é uma coisa assim, ‘ah, eu assisto a aula, leio e está ótimo’, tem que ter bastante estudo, tem que estabelecer rotina de estudo. Eu não tenho uma facilidade. (Estudante 5)

[...] eu acordei para a vida agora, depois de reprovar, eu pensei ‘não, realmente...’, eu comecei a ficar brava, eu não devia ter reprovado, mas depois daquilo tu vê ‘não, eu posso ser melhor, eu posso fazer muito melhor do que estava fazendo’. Agora eu dedico bem mais tempo para os estudos e vi uma mudança bem grande... eu não estava tão focada quanto agora [...]. Foi falta de foco. Eu estava achando que faria muita coisa prática e veio muita parte teórica. Acho que foi total descaso meu, que eu fui deixando, tanto que depois quando eu repeti a disciplina eu vi que era culpa minha, mesmo, porque quando eu fui atrás eu consegui. Totalmente minha culpa. (Estudante 6)

Neste sentido, a reprovação foi percebida como o momento de recuperar conhecimentos que não haviam sido construídos ou sedimentados. Foi possível aprender com esta experiência.

Eu precisava repetir, eu não lembrava de várias coisas e, não dá pra ter vergonha de dizer, acho que se eu tivesse passado talvez me fizesse falta em algum outro momento... vi muita coisa que eu nunca tinha visto, claro, foi importante repetir a cadeira, sim. [...] foi uma lição importante porque eu me dei conta que eu tinha que organizar dentro da minha cabeça qual que era a prioridade que eu tinha dentro do sonho que eu queria, porque assim o sonho maior que eu já tinha sonhado era a faculdade, então não podia ter tomado uma decisão que viesse me prejudicar, foi preciso pra amadurecer isso. (Estudante 8)

Alguns alunos rodaram, reprovaram e realmente era necessário que eles não fossem aprovados, porque eles tinham deficiências sérias, então alguns

alunos que reprovaram no semestre seguinte tiveram desempenho muito bom, então aquilo foi bom, na verdade, em termos de formação daquele profissional, então acho que a reprovação não pode ser vista como uma penalização ao aluno, deve ser como uma oportunidade, se ele não estava com as habilidades necessárias para o exercício, para seguir adiante no curso, então aquilo foi uma oportunidade dele treinar novamente a partir daí se apropriar dessa habilidade e aí poder seguir de forma mais tranquila, sem essa deficiência, isso é muito bom. (Professor 3)

Outra questão destacada pelos estudantes foi a expectativa de vivências em atividades curriculares práticas relacionadas com a Odontologia. Em virtude da quantidade de atividades de ensino teóricas que compõe a etapa básica do curso (semestres iniciais), há uma frustração desta expectativa inicial, o que influencia o interesse e envolvimento do estudante com o curso.

[...] às vezes eu acho que para mim essa parte mais prática, mais dinâmica da Odontologia falte e talvez isso faça com que eu me distancie, fique em cima só de livro, fazendo que a cadeira daquele semestre me pegue, sabe. [...] realmente, para mim foi bem maçante essas partes mais teóricas. (Estudante 5)

Eu imaginava que fosse um contato mais cedo, assim, sabe, uma coisa mais prática, não no primeiro semestre, talvez no segundo, talvez uma clínica mais cedo, não tanta teoria antes. (Estudante 11)

A dúvida em relação ao curso escolhido também teve influência no desempenho dos estudantes, levando a uma menor adesão ao curso e ocorrência de reprovações.

Na realidade eu parei... eu tive uma dúvida muito grande... daí eu disse 'acho que eu vou tentar medicina'. Essa foi a questão. (Estudante 12)

[...] eu não tinha atração, bem pouco, então tinha prova, eu só lia os slides e deu, sabe? [...] estava com a cabeça em outro lugar, meio que deixei de lado, sabe? Tanto que eu rodei nas cadeiras que tinha que dedicar um pouco mais de tempo pra estudar, mas eu ainda não me sinto realizado em odontologia, então eu acho que falta isso. (Estudante 13)

Para os professores, os estudantes deveriam dedicar-se ao máximo para não reprovar e concluir sua formação no período mínimo de oito anos, considerando o longo tempo de duração do curso. A meta de ter um prazo para concluir a formação e ingressar no mercado de trabalho poderia, nesse sentido, constituir motivação para melhorar o desempenho no curso. Assim, estudantes com mais idade deveriam ter mais certeza do curso que estão fazendo e da carreira que pretendem seguir e ter uma meta final a cumprir, o que nem sempre acontece. Os

professores mencionaram também, a preocupação com a relação entre o longo tempo de formação e as exigências do mercado de trabalho em que esses estudantes vão ingressar depois de formados.

Não sei qual é a ideia que eles têm quando fazem o vestibular para o curso noturno de odonto, porque eles sabem que é um curso longo, um curso de oito anos para eles fazerem. [...] mas quem já tem faixa etária maior tem que saber que ele só vai ser dentista daqui a oito anos, que ele vai ter que ter o pique para entrar no mercado de trabalho daqui a oito anos, ou daqui a dez anos para começar a trabalhar, e que isso só vai se dar nos oito anos se ele se dedicar para o curso e não reprovar em nenhuma das disciplinas. [...] mas eu acho que eles não têm muito claro que é um comprometimento de oito anos que eles vão ter até se formarem, para poder ingressar no mercado de trabalho, e que eles têm que estudar, e que se eles não estudarem, eles não vão passar. (Professor 7)

[...] os alunos são um pouco mais maduros, me parece, acredito que a idade seja um pouco maior. Se a pessoa já tem uma idade maior, tem uma maturidade maior, o ideal é que tivesse mais motivada para o curso, e me parece que eles têm ali como se fosse uma segunda opção, algo assim sabe 'ah, estou fazendo aqui o noturno porque não tenho outra opção'. Não me parece aquela primeira opção, aquela garra, aquela determinação de, como se fosse a oportunidade da sua vida, sabe? (Professor 2)

Eles me parecem até bem mais conformados com a reprovação do que os alunos do diurno. A sensação que eu tenho é de que eles vêm já com essa condição de que tudo o que conseguir é lucro, qualquer coisa, se levar oito anos, nove anos, dez ou onze anos, como eu te disse, a impressão que eu tenho é de que eles não têm um objetivo, uma meta final 'eu vou me formar no ano tal, e aí eu vou trabalhar numa clínica, comprar um consultório, mudar minha vida, vou para o interior...', não, tenho a sensação de que isso faz parte de uma trajetória, eles vêm, já têm uma vida estruturada, têm um rumo, e se der certo, ótimo! Se não der certo também "não vou perder nada, não estou pagando nada, estou levando a vida, assim"... De novo, não dá para generalizar [...] Considerando que é um curso que tem oito anos, que vai levar um tempo bastante grande da vida dessas pessoas, se elas já vêm com uma determinada idade para fazer, começar o curso, somar mais oito anos, elas de fato vão sair daqui com uma idade talvez não tão competitiva para o mercado de trabalho, com os jovens que tem iniciativa, disposição, criatividade, então eu não sei se eles de fato estão bem seguros do que eles estão fazendo. (Professor 8)

Já entre os estudantes trabalhadores, a percepção dos professores foi de que esses estudantes sabem o que procuram no curso noturno de Odontologia, o que estaria associado a sua maior experiência de vida.

[...] se percebe claramente que o estudante que trabalha sabe o porquê que está fazendo o curso. Ele tem como objetivo seguir a carreira odontológica,



realização de vida ou qualquer que seja a razão, mas ele tem objetivo específico. Agora o que se percebe, muitas vezes, com os alunos que não tem essa vivência, ou essa necessidade de trabalhar ou outras condições, o mesmo perfil do curso diurno, se for ver, muitas vezes o aluno do curso diurno não sabe porque está lá na faculdade de odontologia, e esse perfil de aluno que não trabalha, segue o mesmo perfil do aluno do curso diurno... mas realmente são pessoas mais novas, mais jovens, que ainda não se encontraram na carreira, ou não sabem direito qual opção seguir. (Professor 1)

### 5.3.2 O estudante trabalhador: conciliando as rotinas de trabalho e estudo

Para os estudantes que exercem atividades profissionais, o cansaço, o sono e até o esgotamento após o dia de trabalho, além da falta de tempo para estudar, foram fatores que interferiram no desempenho nas disciplinas do curso.

A gente que estuda de noite porque trabalha, a gente já vem pra cá cansado e os que reprovaram, todos trabalham. Então a gente já vem pra cá depois de um dia de trabalho e isso é cansativo.[...] Eu chego em casa aí, 10h, 10h30min da noite e aí que dou uma estudada até meia noite, mas 6h tenho que estar de pé também, então essa coisa de, a gente estudar de noite, ela realmente... desgasta, desgasta muito. [...] e o final de semana aí é da faculdade. (Estudante 7)

Cansaço, esgotamento mental total. Há momentos que a minha memória chegou a quase zerar, sabe? Então o professor fala e eu consigo gravar cinco segundos, se ele fala, eu já tenho que anotar porque já esqueci, que nome que ele falou? Esqueci. É uma coisa, assim, impressionante, mas eu pude vivenciar isso... e tu não conseguir se concentrar, tu não conseguir memorizar o que ele falou, um nome, tu já tem que escrever senão tu esquece, uma coisa bem impressionante. Na verdade tu está te esforçando para permanecer acordado, na verdade é isso. (Estudante 10)

Eu sou muito exigente comigo mesma, mas eu tenho limitações de tempo. Se eu tivesse mais tempo eu com certeza me sairia melhor. [...] Têm disciplinas que eu tiro a média pra passar, tem outras que eu fico em recuperação. Eu não gostaria disso, mas eu não tenho como melhorar isso, não tenho como adicionar horas no dia. Agora eu não preciso ficar de madrugada, mas quando eu faço todas as disciplinas eu não posso dormir, tenho que ficar estudando. Daí isso complica, pois dá o cansaço físico, agora estou usando óculos porque tem isso, de ficar muito tempo acordada. (Estudante 1)

Eu acho que eu poderia ir melhor, mas dentro do que eu consigo, dos meus horários, eu procuro sempre estar lendo... sobrou um intervalo no meu trabalho eu procuro ler, eu acho que eu poderia, se eu tivesse mais tempo disponível acho que eu poderia ir melhor do que eu vou. (Estudante 12)

O que a gente nota as vezes é falta de tempo, uma aluna uma vez falou assim ‘olha professor, eu trabalho o dia inteiro, venho pra aula de noite, tenho dois filhos, eu literalmente estudo da meio noite às seis’. É guerreira! E não era uma má aluna, era uma aluna muito boa, ela conseguia usar o pouco tempo que ela tinha de forma muito adequada, têm outros que tinham mais tempo e não faziam nada. Mas eu tenho certeza de que se ela tivesse mais tempo ainda é possível que ela usasse ainda melhor o tempo, se sobressaísse em qualquer curso que ela fosse fazer. (Professor 6)

Estudantes não trabalhadores também percebiam, entre os colegas que trabalhavam, o cansaço e a dificuldade relacionada ao tempo para dedicar aos estudos.

O pessoal chegava meio acabado já para a aula, aí não conseguia prestar muita atenção, daí isso acaba refletindo nas notas também, só que tem pessoas que não tem outra opção, tem que ser assim, acho até que essa foi a proposta quando foi criado o curso noturno, né, para as pessoas que trabalhavam. (Estudante 14)

[...] tinham colegas que trabalhavam e não teriam o mesmo tempo que eu tinha, não que isto influenciavam no aprendizado deles, mas na minha percepção era o tempo que eu tinha livre durante o dia [...] (Estudante 15)

Apesar do cansaço e da falta de tempo do estudante trabalhador, os professores ressaltaram a atenção que esse estudante dedica ao momento em ‘sala de aula’.

[...] tem que separar o aluno que trabalha e o aluno que não trabalha. Aluno que trabalha, que tem uma jornada de oito horas por dia, que está lá no batente e depois vai ainda estudar à noite, a gente percebe claramente o desempenho desse aluno durante a aula, ele presta muito mais atenção naquilo que o professor fala, porque ele sabe que aquele é o único momento que ele vai ter condição de acessar o conteúdo, porque final de semana tem família, tem outras atividades para fazer e também precisa descansar. Então, a própria desenvoltura do aluno, desse aluno que trabalha, na sala de aula, é diferente do aluno que não trabalha. (Professor 1)

Ainda assim, a ideia de conciliar trabalho e estudo foi reconhecida como possível, conforme a fala deste professor:

Pode, incluindo o curso de odontologia, pode fazer e consegue fazer. Talvez, se ele fosse um aluno nota dez, ele vai tirar, não sei, nota 9, nota 8, mas vai ser aceitável, vai ser muito aceitável. E aí tem o componente individual de cada um, que pode ser melhor do que muitos que saíram de uma USP, uma Unicamp, que a gente diz que são boas universidades, apesar de que a UFRGS agora é a melhor universidade do Brasil, agora o estereótipo da UFRGS muda. (Professor 6)

### 5.3.3 Vivências de sala de aula: participação do estudante, perfil do professor, didática docente e metodologias de ensino

Os estudantes observaram que a participação nas aulas, fazendo comentários e perguntas que pudessem esclarecer dúvidas, potencializava a atenção da turma ao assunto estudado.

Eu até quando comecei a faculdade aqui, eu não perguntava muito [...] só que eu percebi, em algumas perguntas que saíram, que vieram respostas, vieram explicações, assim... muito interessantes e proveitosas, aí eu ‘oh vou perguntar também!’ E hoje eu sou um dos que mais pergunta na sala de aula. Pergunto e comento, porque isso me ajuda bastante, qualquer dúvida que eu tenho já pergunto para não ficar para traz, porque, realmente, se eu deixar a dúvida, fica difícil recuperar depois. (Estudante 7)

[...] uma aula dinâmica, em que há o diálogo com o aluno... porque isso é uma coisa que acontece, mesmo eu enquanto professora já vi isso mesmo, assim, quando se começa a discussão saudável, numa sala de aula, mesmo quem está dormindo, acorda, sabe, isso não é... sei lá, isso é frequente, assim, sabe, quando começa a entrar num assunto ‘tal, tal, tal’ e ir, então, mesmo quem não estava prestando atenção pegou a discussão, já tem uma opinião formada, ou já sabe de uma história, ou uma coisa assim, e isso estimula. (Estudante 11)

Os professores também perceberam essa característica de participação durante as aulas nas turmas do noturno, o que enriqueceu o momento da sala de aula, já que são estudantes que respondem aos questionamentos, se envolvem com a aula e possuem experiências para compartilhar.

Os do noturno falam, eles não se restringem a perguntar qual a data da prova, ‘vamos mudar, eu tive um problema pessoal, não posso vir, isso vai me prejudicar na nota?’ Ou assim, ‘excedi minhas faltas’. Não é um problema individual. Ele participa mais e eu acho que isso tem a ver com o fato de que o clima da turma é esse [...] é um clima de mais debate, se tiver um ou dois alunos que resolvem abrir a boca para perguntar, os outros se encorajam em fazer, no diurno isso é praticamente inexistente. (Professor 6)

[...] a turma desse semestre que a gente está trabalhando é bem participativa, eu acho que eles, talvez pela experiência de trabalho e de outras formações eventualmente, eles participam bastante, eles são bem interessados, eles perguntam, interagem bem mais. [...] A mesma aula, à noite e à tarde, da noite é melhor, por eles, aí o professor termina rendendo melhor, porque tem retorno, mas os outros são mais quietos, menos participativos. [...] a aula se torna mais legal, mais agradável porque às vezes se só tu fala perde muito, se eles perguntam, colaboram, contribuem de alguma forma, não só com

perguntas, mas até com opiniões, aí a tua aula cresce, porque daqui a pouco vai te lembrando de mais coisas pra argumentar e responder as perguntas, então fica legal a aula. (Professor 5)

Em muitas situações, os professores estimularam a participação dos estudantes nas aulas como uma estratégia de ensino-aprendizagem.

[...] é claro que os alunos sempre fazem perguntas, mas eu diria que esses alunos contemplam uma boa porcentagem da turma, sim, acho que grande parte pergunta e participa quando tem dúvida e é algo que eu também vivo incomodando eles ‘ó entenderam isso aqui? Querem que eu repita alguma coisa? Querem que eu repita de novo alguma coisa?’ (Professor 4)

Os alunos do noturno, estimulados, eles participam, eles respondem, eles se envolvem [...]. (Professor 8)

A capacidade de atenção e concentração dos estudantes foi influenciada pela aproximação do horário de término da aula do turno da noite, de modo a diminuir seu rendimento, como observou o professor:

Eu chamo eles bastante para a aula, mas tem que ser observado é que ali pelas 21:30, 21:20, a turma já está aérea, alguns com aquela cara de sono, e aí a coisa fica bem complicada, e o rendimento cai bastante a partir de 21:20, 21:30... [...] Chega uma hora que eles não rendem mais. [...] e eu acho que um ser humano normal realmente, mesmo que tenha só a faculdade de odontologia noturna para fazer, eu acho que mesmo assim, a pessoa vai ter problemas em ter aula depois das 21:30 da noite. (Professor 4)

Além de questões relacionadas à participação em aula, os estudantes entenderam que o perfil do professor, sendo disponível e acessível, auxiliando, esclarecendo dúvidas, preocupando-se com o aprendizado dos estudantes, são aspectos coadjuvantes do empenho individual de cada um para obter um bom desempenho nas disciplinas cursadas. A postura do professor pode tanto auxiliar quanto inibir o estudante de se aproximar e questionar, refletindo-se na própria participação do estudante nas atividades de ensino.

[...] quando o professor demonstra que ele gosta daquela matéria é um bom caminho para quem está ensinando, o professor gosta, chega a brilhar os olhos dele, falando sobre aquilo ali e o tempo é curto para ele falar sobre tudo o que ele queria, o que ele tem que falar sobre aquilo e também a maneira dele de tentar... de se preocupar se o aluno está entendendo ou não, eu acho que isso faz uma grande diferença. (Estudante 7)

O professor foi acessível, eu procurava ele fora de sala de aula, mandava e-mail, via o que dava para fazer, pegava material, [...] Ele sempre foi muito acessível em sala de aula, com aulas de revisões anteriores à prova, com questionário para fazer um estudo dirigido da matéria que ele estava dando. Então acho que foi super acessível. E o professor da outra disciplina foi mais uma coisa assim de assustada, assim, tipo, ah, parece que ele não ia dar chance, que ele não ia responder... porque assim, tinha certas frases que ficavam martelando e certos colegas que reclamavam, da postura do professor, daí tu pensa ‘ah, não vou chegar perto, né, vai que ele não me responda da forma que eu espere’, sei lá, ficava meio receosa de conversar com ele, assim. (Estudante 5)

Nem todo professor dá abertura que diz que dá e às vezes tu tenta chegar para falar com o professor, tu acaba mais se queimando do que tentando arranjar um jeito de melhorar, e tem muito professor que tem muito nariz empinado, não tem humildade, sabe, ‘talvez eu possa melhorar a minha aula’, não, parece que só porque está há anos fazendo aquilo é desse jeito e deu, sabe? (Estudante 14)

Não tem como recorrer ao professor dessa disciplina, eu sei que é até antiético eu estar falando isso dele, mas ele não é uma pessoa flexível, ele já falou para uma colega minha ‘ah, odonto não é para quem trabalha’. (Estudante 6)

[...] mais do que uma aula mal dada, eu acho, é esse medo que é colocado aqui [...] eu já vi, mais de uma vez, tanto de noite quanto de dia, vários alunos saírem chorando da sala, sabe... porque um professor foi grosseiro, [...] eu não posso ter medo de perguntar, eu não posso ter medo de errar aqui, sabe, nunca, nunca! Isso não pode acontecer! [...] às vezes o aluno toma uma decisão errada porque tem medo de perguntar, porque tem medo de passar vergonha [...]. (Estudante 11)

Os professores reforçaram que o incentivo aos estudantes, oferecendo, inclusive, outras possibilidades de reforçar o conteúdo da aula, como exercícios e revisões antes das provas, podem refletir em melhoria no desempenho do grupo.

Tem algumas turmas que eu não sei a causa, mas assim, foram muito mal numa prova, mas mal pra caramba, e aí a gente ‘pô, pessoal, vamos lá, vamos lá’, tipo líder de time de futebol, ‘vocês conseguem, vocês conseguem’, e eles foram muito melhor do que o diurno, que a gente pressupõe tem mais tempo para o estudo. (Professor 6)

Eu faço, eu dou exercícios em aula, e eles gostam bastante, porque a matéria é tão extensa que eles ficam até um pouco perdidos, ‘ah professor e aí, o que eu tenho que saber? O que é realmente importante?’ Apesar de a gente enfatizar durante a aula, às vezes eles não captam, daí com os exercícios fica tudo pelo menos um pouco melhor, eu vejo que eles se dedicam também a fazer os exercícios, me procuram... quando sobra um tempo, eu tento fazer esses exercícios em aula, ou até mesmo dar uma revisão, uma aula antes da prova. (Professor 4)

Ainda assim, os professores observaram que há uma limitação entre os estudantes do noturno na realização de leituras e estudos prévios ou atividades de reforço recomendadas pelas disciplinas.

Na disciplina eles têm uma leitura por semana para fazer e eles não fazem. Dá bem para ver que não fazem. Tanto que eles só se preocupam se vão conseguir ler as coisas antes da prova, que é quando eles começam a pedir o material que não conseguiram, daí tu vê que, realmente, desde o começo do semestre eles não estavam preocupados com a literatura, eles se preocuparam no meio do semestre, quando tem a primeira prova, isso eles não fazem. (Professor 7)

A gente tem atividades, nas turmas em que eu atuo, de reforço, que eles têm que estudar e trazer algum conteúdo já preparado na próxima aula, em casa, e isso é bastante complicado. A gente retoma conteúdos da aula anterior quando vai recomençar uma aula e a gente percebe que eles não tiveram oportunidade ou não viram de fato o conteúdo. [...]. E para resolver esta atividade, eles têm que buscar dados na literatura, na biblioteca, eles têm que discutir com outros professores de áreas clínicas, eventualmente, e eles demonstram, de fato, dificuldade para realizar estas atividades que não são exclusivamente naqueles quatro períodos que a gente tem durante a noite. Eles têm muito mais dificuldade que os alunos do diurno. Considerando que nem todos sejam trabalhadores... (Professor 8)

Por fim, os estudantes destacaram a importância da didática do professor e das metodologias utilizadas nas aulas para favorecer o aprendizado. Metodologias de aula envolvendo o uso de esquemas, fluxogramas, questões para alunos responderem, e a linguagem acessível utilizada pelo professor ao explicar os conteúdos das aulas, foram apontadas como facilitadores do aprendizado.

Os esquemas de conexão entre os conteúdos abordados, assim, eu sou uma pessoa muito visual para estudar, então ela trabalhava muito com cores, com fluxograma para a gente entender da onde uma coisa vem, para onde ela vai. E ela explicava várias vezes, tu fazia uma pergunta, ela conseguia pegar na tua pergunta que tu tinha entendido outra coisa e ela já explicava aquilo, ela disponibilizava questionários para a gente fazer, esclarecer dúvidas, eu passei a gravar as aulas e ouvir de novo e... bem diferente assim, um linguajar simples. [...] O linguajar dela, assim, muito mais próximo do nosso, sabe, um linguajar que não era tão técnico assim sabe, e aí tu se sente até um pouco mais corajoso e não fica intimidado pra fazer determinadas perguntas, porque tu ver que o professor está numa proximidade mais... de compreensão do que tu vai perguntar ou vai ter uma maneira de te responder que ele consiga te fazer entender (Estudante 8)

Já aulas expositivas, com tempo prolongado para uma turma com estudantes que chegam à faculdade cansados por conta da jornada de trabalho, foi considerado um fator de influência ao desempenho acadêmico, conforme relato deste estudante:

[...] uma turma cansada do trabalho numa sala há meia luz e uma voz por duas horas, isso deve ser repensado. Nesse caso não está sendo priorizado o aprendizado do aluno e sim o cumprimento de cronograma, ‘despejando’ o conteúdo sem qualquer preocupação que isto seja compreendido, [...] é uma disciplina difícil, e de uma grande importância para o cirurgião-dentista, não dá para ser corrido e no final simplesmente reprovar o aluno lhe atribuindo toda a culpa. (Estudante 7)

Da mesma forma, aulas apresentadas por meio de gravações, com qualidade sonora deficiente, sem a interação direta com o professor, foram percebidas como desmotivadoras pelos estudantes.

[...] tem pelo menos umas três aulas que acho que são de fita, tipo aquelas fitas antigas, que ficam rodando, ‘trrrr...’, que a dentista com quem eu trabalho, há mais de dez anos formada, teve a mesma aula, então assim, não tem porque aquilo lá continuar assim.[...] parece que não gosta, sabe? Dai tu te desmotiva assim, sério mesmo, e até eu não gostaria de que as pessoas tivessem essa visão porque parece que dai são todos os professores e não é entendeu? Por exemplo, outro professor era uma pessoa muito tranquila, ele falava, ele explicava, dava aula, ele sabia que a gente tinha dificuldades e lidava muito bem com essas dificuldades, não cobrando menos, mas sim tentando tirar as dúvidas. (Estudante 16)

### **5.3.4 Falando sobre o processo de avaliação da aprendizagem**

Para os estudantes que já passaram por reprovação no curso, a grande quantidade de conteúdos que compõe cada uma das disciplinas – os quais nem sempre possuem uma distribuição adequada entre as avaliações feitas no semestre – interferiu no seu desempenho.

Na verdade a gente é metralhado, digamos assim, com muita informação e tu não tem uma base exata para seguir, então você é obrigado a decorar muita coisa, na verdade, eu trabalho, eu tenho que eleger prioridades, não adianta dizer que tu vai estudar tudo, tu não consegue, tu não consegue assimilar, tu não consegue gravar, isso vai virando um estresse. (Estudante 10)

[...] tu tinha uma prova, a primeira prova foi a prova que eu fui mal, a segunda prova fui bem, fiz oito e a primeira prova cinco e meio, e a média é seis, então a primeira prova cai muitas coisas numa prova só e tu mal começou e aquela matéria é jogada assim, sabe? Tu chega na sala, no mesmo dia é muito conteúdo e tu sai tonta dali, tu não consegue absorver aquilo ali, não adianta. [...] até algumas vezes se defendeu que era a carga horária, era o

tempo que ele [o professor] tinha, alguma coisa assim, mas talvez dividir mais a matéria acho que ele poderia organizar mais, talvez botar em três blocos, porque ficava a grande parte da matéria na primeira prova e duas ou três matérias na segunda, então acho que ficava muita matéria acumulada pra primeira prova, podia ter dividido mais, talvez isso. (Estudante 16)

Os professores, por sua vez, reconheceram a grande quantidade de conteúdos, mas acreditam que os estudantes, de modo geral, não estudam os conteúdos de forma contínua ao longo do semestre, o que acaba influenciando em seu desempenho nas avaliações teóricas.

Eu escuto muitas reclamações da minha disciplina, em termos de muita matéria, ‘ah professor, é muita matéria!’, ‘a gente tem que diminuir a matéria!’ e aí eu digo para eles ‘olha, vocês nem sonhem com isso’, diminuir a matéria é algo que eu não vou fazer, não vou cortar matéria para vocês terem menos conteúdo para estudar [...] Todo semestre eu aviso ‘gente é muita matéria, não adianta estudarem três dias antes, não adianta, tem que começar estudar pelo menos uma semana antes’. Eles não acreditam em mim! Visivelmente eles não acreditam em mim. Porque às vezes eu [...] reservo um tempo para eu dar uma revisão... ou várias vezes eu dou revisão. Começo a perguntar coisas e começo a ficar deprimido antes de corrigir a prova. Porque é um silêncio total... daí é aquela coisa, eles não estudaram, pelo menos não ainda o suficiente. (Professor 4)

Outro aspecto destacado na fala dos estudantes e que refletiu em seu desempenho foram as avaliações com ênfase na memorização do conteúdo e a necessidade de que as respostas dadas fossem uma transcrição literal do que foi falado em aula.

E aí eles [alunos de outras etapas do curso] dizem assim: ‘tem professores que querem que tu escreva na prova o que ele falou na aula, e se não transcreveu o que ele falou na aula, ele não te dá nota. Não é o que o livro diz ou o que tu entendeu sobre o conteúdo, é o que tu tem que escrever, o que ela colocou... o que ela falou na aula’. Ah interessante isso aí, interessantíssimo. Aí eu fico pensando assim, mas ele está querendo avaliar o quê? O nível de memória dos alunos ou se eles realmente entenderam o conteúdo? Têm várias maneiras de entender o conteúdo, eu posso decorar tudo, faço a prova, amanhã eu já não sei mais nada, ou eu posso aprender aquilo, de uma maneira que eu nunca mais esqueça, mas eu vou aprender do meu jeito, da minha maneira, vou falar aquilo da minha maneira, eu vou escrever da maneira que eu aprendi, é a mesma coisa, é, mas eu vou falar diferente, e se o ensino superior esta proposto a nos fazer pensar, como sempre ouvi, então, me pergunto, para que pensar se não posso usar minhas conclusões na prova? (Estudante 7)

Tu tem que saber exatamente decoradinho, tem que ter uma resposta redondinha pra cada pergunta, tu estudou no final de semana, a prova é quinta ou sexta-feira, com o turbilhão de coisas que tu tem no meio da semana, chega na quinta-feira tu tem uma noção, aí tu escreve conforme tu



lembra, a questão que vale dois pontos tu ganha 0,3, 0,4 chega no final a soma fica uma 'inhaca' e aí é difícil tu falar isso para o professor, sabe, eles não querem nem saber entendeu? [...] então o aluno daqui da graduação, ao meu ver, ele é muito decorador, decorador, tu tem que saber aquilo exatamente: “ah depois no outro semestre...”, azar, não precisa lembrar, sabe? Mas tu tem que saber na prova exatamente como é aquilo ali, e isso é o aluno bom que eles consideram. (Estudante 10)

[...] na hora da prova, eles cobram exatamente como foi dado em aula, nenhuma vírgula pode ser diferente. (Estudante 11)

Tem colegas meus que passaram, eu não estou criticando isso, eu poderia estar no grupo deles, mas que a gente viu que decoraram a matéria, tu pergunta hoje em dia ninguém lembra da matéria, e é [...] sabe, uma matéria importante. (Estudante 16)

Tanto estudantes quanto professores entenderam a importância de ir além da 'mera' memorização, mas chamaram a atenção para o fato de que a memorização também é uma etapa importante para o aprendizado de conteúdos específicos da formação do cirurgião-dentista.

Se eu estou estudando para ser cirurgião-dentista eu acho que tem coisas mínimas... mínimas, mas tem coisas que eu devo saber... não tem como ser cirurgião-dentista sem saber sobre anestesia, sobre cárie, sobre essas coisas todas, então, são coisas que eu sou obrigado a saber, não tem como, se não souber não posso seguir adiante (Estudante 7)

Acho que um ledô engano é imaginar que hoje em dia a gente não precisa mais memorizar nada, ledô engano. Se não tem memória tu não tem como associar o conhecimento e fazer articulações mentais. A gente tem que vencer a mera memorização e ir além, mas ir além, alguns acham que não precisa mais memorizar. [...] o conhecimento, ele é bastante cumulativo de certa forma, ele não é substitutivo, o conhecimento novo não substitui o antigo. (Professor 6)

A falta de acesso ao material didático que o professor utiliza em aula, como o conteúdo das apresentações em *Power Point*, por exemplo, também foi apontado pelos estudantes como um fator que dificultou sua organização para o estudo e consequente desempenho nas avaliações. Tendo contato com esse material, o estudante centraria sua atenção à explicação do professor durante a aula, complementando o conteúdo ministrado com suas anotações pessoais.

Há necessidade, às vezes, da gente ter aquelas aulas que a professora passa. Não é que a gente vai ficar só com aquilo ali, é como um roteiro para o aluno não precisar estar anotando aquilo na aula. [...] Eu sei, eu entendo, o medo

deles é que a gente fique só com os power point não estude no livro, mas ai tem a prova, a prova vai ver quem estudou, quem não estudou. Daí a gente acaba perdendo aquela explicação que eu acho super importante, a explicação, o professor está falando e eu estou atento, agora, se tiver passando power point lá, é a aula que a professora montou eu vou estar lá escrevendo também, não quero perder nada daquilo. (Estudante 7)

[...] eu sou uma, ou copio ou presto atenção, eu gosto de prestar atenção, gosto de participar, sabe, então eu acabo deixando [...] acho positivo que eu tenha tudo ali anotado e prestar atenção. (Estudante 11)

Destaca-se, ainda, que a diferença na qualidade do material didático visual apresentado pelos professores nas aulas e o que foi utilizado em avaliações ‘práticas’, pode ter influenciado o desempenho dos estudantes, conforme situação relatada:

[...] e aí eles diziam para mim não, não, é a mesma coisa, só que durante as aulas por várias, várias vezes mesmo, a professora estava mostrando alguma estrutura para a gente, e ela dizia assim: ‘aqui na tela não dá para ver bem, mas vocês olhem no computador vocês vêem que dá para ver bem direitinho’, ou seja, é uma coisa que é comprovada, a imagem da tela era deficiente. [...] um desnível, um desnível na parede ou uma luminosidade que acaba atrapalhando. (Estudante 7)

### **5.3.5 O lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes**

A influência da instituição de ensino no desempenho de seus estudantes esteve presente na fala de estudantes e professores do curso noturno, quando se referiram à organização dos horários das disciplinas que apresentam maior carga horária. Tais disciplinas deveriam, por esse motivo, ter sua carga horária distribuída em diferentes dias da semana, ao invés de estar concentrada em uma única noite.

Era aula teórica e prática junto, era muito complicado, era muito complicado, porque digamos que a gente tinha 3h de aula, 2h e 30min eles davam aula teórica e meia hora davam para a aula prática. [...] e não tinha tempo sabe? Não tinha. Isso era muito ruim, eu vejo isso como uma falta de organização, de ter uma metodologia para distribuir as cadeiras durante a semana [...]. (Estudante 14)

[...] carga horária da disciplina é extremamente extensa, colocaram tudo num dia só, praticamente inviável você dar o mesmo conteúdo que você daria em dois dias você dar em um dia, então certamente sai um conteúdo um pouco mais sintético. Eu não deixo de abordar conteúdos importantes, mas eles são abordados um pouco de forma mais sintética. Eu acredito que se fosse organizado semelhante ao diurno, sim. Acredito que essa organização ao noturno visa facilitar ao professor, não ao aluno... mais cômodo pro professor ir lá um dia determinado, mas, sinceramente, acho que não é o melhor. (Professor 2)

Por não terem tempo para estudar em outros momentos, esses alunos estão tentando prestar atenção o máximo possível, só que a saturação deles atinge o máximo muito rapidamente, enquanto tu tens um período de aula teórica de três horas no curso diurno, é impossível fazer três horas de aula teórica direta com conteúdo denso em relação com o curso noturno. Então, talvez, se fosse um pouco mais fragmentada a distribuição da carga horária ou, não diria a distribuição, mas intercalar disciplinas dentro do mesmo dia, talvez fosse mais interessante para o desempenho dos alunos, mas aí encontra dificuldade com os regentes das disciplinas, porque ninguém quer... No final das contas ninguém gostaria de participar de mais de uma noite com a disciplina, então a interatividade com os alunos ela acaba ficando bem prejudicada, porque o nível de saturação chega muito rapidamente. (Professor 1)

Outro aspecto ligado à instituição foi a matrícula anual nas disciplinas do curso noturno. Como é um curso com ingresso único, uma vez ao ano, as disciplinas são oferecidas anualmente e não semestralmente como acontece com o curso diurno. Essa característica do curso faz com que os estudantes que reprovem, tenham que esperar transcorrer um semestre inteiro para poder fazer a disciplina novamente, e isso, muitas vezes, impossibilita a matrícula em outras disciplinas pela questão do pré-requisito. Os estudantes entendem que, na disciplina em que houve reprovação, deveria haver a possibilidade da matrícula no curso diurno, no caso de haver vaga, e que os estudantes do curso diurno também deveriam poder fazer disciplinas no curso noturno, como forma de cursar a disciplina no semestre seguinte e também integrar os cursos.

É ruim a gente poder recuperar uma cadeira só no próximo ano, mas daí eu não sei qual seria a possibilidade que o curso teria para ajustar isso para a gente poder recuperar por semestre, porque sempre tem aquela coisa de ser oito anos, é noturno, não pode ser recuperado no diurno, essas cadeiras e nem vice-versa (Estudante 5)

[...] porque tem os semestres pares e ímpares, eu já percebi que tem essa questão que é ofertada no semestre par, por exemplo, no primeiro semestre são ofertadas cadeiras que não são oferecidas no segundo semestre, daí tranca uma série de cadeiras que poderiam ser feitas, isso tanto para o noturno quanto para o diurno. Acho que seria muito interessante. Até como uma questão de convivência, de troca de experiência, porque eu sei que têm professores que dão aula no diurno, que não dão aula no noturno, e vice-versa, que poderia ter uma troca de experiência, tanto com os colegas alunos quanto com os professores. Acho que seria muito válido (Estudante 12)

[...] rodei numa disciplina, foi reprovado, fazer no diurno, e também que eu acho que poderia fazer do diurno para o noturno também, essa coisa, eu não entendo porque que não fazem isso, assim, que falam que é o mesmo curso, e realmente é o mesmo curso, mas eles colocam essa barreira, não tem possibilidade. (Estudante 2)

Para os estudantes, o curso noturno ainda parece estar deslocado dentro da Faculdade de Odontologia, com pouca integração à vida acadêmica e distanciamento do curso diurno.

[...] o que eu vejo às vezes, assim, do curso noturno que talvez fique a desejar, é essa parte de trazer o aluno para a realidade odontológica desde o início, por exemplo, as palestras, mais dinâmicas, mas daí é no nosso horário de aula, e às vezes fica complicado, aquelas palestras que o pessoal vai, da Colgate, da Oral-B, que daí é no nosso horário de aula, ou de algum palestrante que venha de fora, ou até mesmo as do PET, porque é meio-dia e meia e algumas pessoas não podem estar aqui, nesse horário, daí acabam também perdendo, tu ganha certificado de horas, essas coisas assim, não tem isso tanto no noturno. [...] Parece que fica tudo assim restrito, mesmo que seja o mesmo curso, parece que é uma coisa totalmente para o noturno e uma coisa totalmente para o diurno. Eu acho muito segregado, assim. (Estudante 5)

Acho bem dividido, sim, o diurno e o noturno. Isto não é bom porque é odontologia, e parece que ao invés de ser o curso de odontologia é o diurno e o noturno. Aliás, é o contrário, parece que é o noturno e a odonto. Parece que é separado assim. (Estudante 15)

Eu sinto um pouco de distanciamento para ser bem sincero, acho que tem um pouco de distanciamento como se fosse alguma coisa um pouco diferente, como se tivesse uma diferença do curso diurno para o curso noturno, eu tenho a impressão que não deva ter na questão de conteúdos, disciplinas, mas eu sinto um pouco de distanciamento, sim. Até conversando com alguns colegas, eles me passaram a questão de que não poderia um aluno do curso noturno assistir uma aula do curso diurno porque o curso é diferente. Foi falado pra eles. Mas não é curso diferente, é o mesmo curso. Vamos nos formar da mesma forma, vamos ser profissionais iguais. (Estudante 12)

Os estudantes que saíram do curso noturno e cursam, atualmente, Odontologia no diurno, manifestaram essa mesma percepção em relação a pouca participação do estudante do noturno na vida acadêmica da Universidade. Estando no curso diurno, os estudantes demonstraram satisfação com a possibilidade de participar de atividades acadêmicas extracurriculares.

Eu me sinto com mais oportunidades de participar da faculdade. Participar das palestras, pet, evento, eles acontecem de noite, a maioria, o pet não, mas a gente não tinha como ir, era difícil para os professores liberarem e estando aqui tem acesso mais às informações do que está acontecendo, do que é importante conhecer, e ir, e participar. As informações chegam mais fáceis também, e eu consigo participar mais, no noturno eu senti que era mais o curso, mesmo, a gente não conseguia participar extracurricular. (Estudante 15)

Os professores, da mesma forma, observaram esta diferença entre a vida acadêmica dos cursos diurno e noturno, percebendo uma dificuldade de participação e integração do estudante do noturno nas diferentes atividades oportunizadas pela Universidade.

Eu acho que eles ficam muito reduzidos, pelo menos aqueles que de fato trabalham, que não têm tempo de vir durante o dia, eles ficam um pouco mais isolados à noite, me dá essa sensação, [...] muitas das atividades da universidade, eu acho que o aluno, pelo menos que trabalha, ele tem dificuldade de se inserir. Mobilidade acadêmica, alguns eventos, acho que eles ficam mais reduzidos. (Professor 5)

Têm alunos que participaram dos cursos de extensão que nós temos lá na nossa área, então fizeram essa integração. Eu vejo que eles buscam monitoria, e tal. Tem esse interesse, realmente, de integrar mais, acho que não tanto quanto seria possível, acho que está pouco explorado isso, acho que poderia se explorar mais essa maior participação, porque muito embora é para alunos que tenham atividades laborais, durante o turno diurno, mas se sabe que metade não tem essas atividades, então eles poderiam participar mais de atividades acadêmicas. (Professor 3)

Acho que a integração deixa a desejar. [...] declaração dos alunos que vieram do noturno para o diurno é justamente nesse sentido: “bom, agora eu sei o que é uma faculdade de odontologia, como que funciona tudo, como que é o movimento aqui dentro, quais são as pessoas que trabalham nessa faculdade, como é que tudo funciona, diferentemente do que acontece no noturno”. [...] talvez até por ser um curso que está iniciando, nós ainda não temos todas as turmas funcionando, quando tiver mais pacientes circulando à noite, mais outras atividades sendo desenvolvidas, talvez isso se deixe transparecer de uma maneira mais clara para eles. (Professor 8)

Os professores reconheceram o movimento da direção da faculdade para promover a integração do curso noturno à instituição.

Acho que inclusive a própria direção da faculdade também tem várias ações pontuais, pequenas, mas a gente nota que eles fazem esse esforço de integração. Acho que a instituição está dando um apoio bastante significativo, eu acho isso muito bom, porque é um respaldo institucional que tem que ter. Não faz sentido a instituição bancar um curso para ganhar uns professores a mais, umas vagas a mais, um recurso a mais e não dar apoio, então visivelmente ouve uma intencionalidade. (Professor 6)

Ao pensarem sobre a integração entre os dois cursos, existe a preocupação por parte dos professores de que não se perca de vista o papel do curso noturno na instituição, o qual foi proposto com o objetivo de inserir o estudante trabalhador que quer cursar Odontologia e não tem a possibilidade de frequentar um curso diurno.

Para a instituição tem que pensar, será que tem realmente essa capacidade de absorver esses alunos, principalmente nas atividades práticas, em termos de disponibilidade de ter ambulatórios, será que isso é bom para a instituição em termos de parecer que o curso noturno é apenas uma escada, um trampolim para o curso diurno? Tem algumas questões relevantes. Para a sociedade não vai fazer diferença, vai ter alunos bons formados no diurno e alunos bons formados no noturno. Acho que pra sociedade não faz diferença, os profissionais que vão receber para atender essa população. (Professor 3)

[...] é um contexto diferente, são alunos diferentes, mas não sei se a instituição poderia fazer alguma coisa diferente do que já está sendo feito, a não ser esta questão de que todo mundo tem que se dar conta de que esse curso noturno existe, de que ele é igual ao curso diurno, que é o mesmo corpo docente, e que a gente talvez a gente tenha que oferecer mais oportunidades para eles. Com relação a isso não tem muita diferença. (Professor 8)

[...] eu acho que a gente tem casos de alunos que tinham um sonho de cursar odontologia, que não podiam pelos horários do curso que estão começando a cursar agora, eu acho que se a gente for pensar em termos de universidade, ele está sendo visto como um curso que amplia a possibilidade de acesso dos alunos. (Professor 7)

Os estudantes também associaram aspectos relacionados à estrutura física da instituição de ensino ao seu desempenho acadêmico, como salas de aula sem iluminação adequada para a utilização de equipamento de projeção (*datashow*) à noite. Os professores observaram a mesma dificuldade.

Eu acho assim, uma coisa que é básica para o aluno noturno, não dá pra apagar a luz, senão todo mundo dorme! Isso é certo, um dia desses até comentei com a professora ‘se desse pra deixar uma luzinha acesa pra não ficar tão escuro’, isso todo mundo dorme (Estudante 16)

As salas de aula não têm condições, por exemplo, se vai dar uma aula e tem que usar retroprojetor, não existe opção, pelo menos no quinto andar, de apagar uma parte das luzes e outra parte não, ou é tudo escuro ou é tudo claro, ah... e se é tudo claro perde muita qualidade em imagem e se é tudo escuro o aluno já está cansado do dia inteiro de trabalho e já vai num ambiente que não é propício (Professor 1)

Além da iluminação da sala de aula, outros espaços da Faculdade foram observados com pouca iluminação à noite, como banheiros. Também verificou-se limitações com relação ao horário de funcionamento da biblioteca e do bar, falta de acesso a computadores para utilização dos estudantes e local para realizar fotocópias dentro da própria Faculdade, além de armários para armazenar o material odontológico de uso destes estudantes.

[...] a biblioteca ficar aberta até mais tarde do que as oito e meia, porque se a gente não vai as seis e meia, talvez até umas nove e meia por ai, por exemplo, [...]depois tu entra para a aula, depois daí vai do professor te liberar antes das oito e meia ou não. Então se pudesse ficar até mais tarde, melhor, se tivesse um local pra gente imprimir, porque a gente não tem onde imprimir aqui, dizem que tem computador no diretório acadêmico, mas nunca esta ligado, nunca esta aberto, agora a lancheria começou a ficar aberta até mais tarde acho que o diretor deu uma pressão porque eles ficavam até as oito e meia, se não tivesse intervalo até as oito e meia tu não comia mais, Xerox, se pudesse ter... Xerox porque só até as seis e meia aqui na frente. Banheiros até pouco tempo não tinha luz a gente tinha que fazer as necessidades com a porta aberta pra poder ter iluminação não tinha papel higiênico, durante o dia talvez a luz não seja tão importante mas a noite sim. Armários, [...] talvez se tivesse mais armários, dizem que com o novo hospital vai ter, mas vamos ver. (Estudante 16)

### 5.3.6 A saída do curso noturno de Odontologia: percepções sobre a evasão

O principal motivo de saída do curso noturno, para os estudantes, foi seu tempo de duração de oito anos, considerado muito longo.

Porque quando tu diz que é oito anos, bah... já ficam assim... aí quando souberam que eu consegui passar para o diurno, toda a família comemorou. (Estudante 9)

Com certeza, eu só troquei para o dia porque é um curso mais curto, só por isso, só por isso... eu acho que o noturno, como eu falei, assim, eu me identifico mais com a turma, eu acho que as aulas, por incrível que pareça, as aulas de noite são mais proveitosas do que as aulas de dia... (Estudante 11)

Outros motivos apontados pelos estudantes para a saída do curso noturno referiram-se à necessidade pessoal de adaptação ao horário de estudo e a oportunidade de realizar a transferência interna e, assim, passar para o curso de Odontologia diurno da UFRGS.

A minha vida inteira eu estudei de dia. Então para mim até no pegar a matéria eu sinto muita diferença, eu sinto que eu estudo um pouco menos agora no dia porque durante a aula eu estou prestando atenção muito mais do que eu estava prestando atenção de noite assim, mas é uma questão bem pessoal. (Estudante 14)

Eu não iria fazer vestibular de novo. E também não iria trocar de curso porque odonto era o curso que eu gostava. Então realmente só por isso [referindo-se à transferência interna]. Mas a decisão que eu tomei foi certa. [...]Eu fiz os cálculos e daí passando para o diurno nesse momento do curso em que eu já tinha feito tantas cadeiras, eu ia me formar dois anos mais cedo. [...] eu acho que fiz a decisão certa, mas é aquilo que eu falei no início, também, não era uma decisão que eu iria tomar se não tivesse caído do céu essa transferência interna. (Estudante 3)

É importante destacar que todos os estudantes entrevistados neste estudo e que saíram do curso noturno estão, atualmente, cursando Odontologia no curso diurno da UFRGS e apresentavam bom desempenho acadêmico no curso noturno. A transferência para o diurno aconteceu porque os estudantes realizaram outro vestibular ou porque participaram do processo de transferência interna oferecido pela Universidade.

Eu acho que estava bem, eu estava sempre bem no ordenamento, e eu me sentia feliz com meu aprendizado também, não só com as notas, sentia que eu aprendia bem que eu absorvia bem, no outro semestre eu via que as informações que eram pré-requisitos eu tinha fixado bem, tinha aprendido e entendido, conseguia dar continuidade no meu aprendizado e eu gostava muito disso assim. Até agora eu tenho um pouco de medo porque é mais informação no dia e tudo, mas estou me adaptando bem e no noturno era muito bom este fato assim de ter mais tempo de assimilar e conseguir dar uma continuidade boa no aprendizado. (Estudante 15)

Eu aproveitei a minha oportunidade e consegui me desenvolver bem, os dois anos em que fiquei no noturno. Eu comecei a render bem, eu tirei notas muito boas nos primeiros semestres, eu fiquei sempre primeiro ou segundo no ordenamento, eu me desenvolvi bem. Eu não acho que os estudantes do noturno se desenvolvem menos do que os estudantes do diurno. Eu acho que as condições são as mesmas e que depende unicamente do estudante. (Estudante 3)

Foi tranquilo, eu não cheguei a rodar nem nada. Mas é aquela coisa de noite não conseguia, e eu não trabalhava só tinha iniciação, só que eu acordava sei lá umas 7h e vinha estudando o dia inteiro, daí chegava de noite tu já tava meio cansada assim. (Estudante 14)

Professores observaram que a saída do curso noturno não estava relacionada com a qualidade do curso, mas sim, atendia à expectativa do estudante de formar-se em menor tempo e de ter maior disponibilidade para estudar.

Acho que é bem sintomático ter mudado para o curso diurno, não que não estivessem satisfeitos com o curso, até porque são os mesmos professores, mesmo conteúdo, mesmo projeto pedagógico, mesmo perfil que se deseja. Mas o fato de ser noturno e talvez até conviver com colegas trabalhadores, que têm mais dificuldade, porque certamente os que migraram não são estudantes trabalhadores, porque senão não poderiam fazer a migração para o diurno. Eu não considero que isso seja uma evasão, porque de fato não é uma evasão, eles só mudaram de turno porque num primeiro momento escolheram o noturno, não sei porque, talvez achando que seria mais fácil ingressar pelo vestibular, mas eu não considero que seja evasão, eles simplesmente escolheram um turno melhor para eles. Talvez não gostaram de estudar à noite, considerando o tempo todo que esse curso levaria, e acho que os indivíduos, estudantes trabalhadores, que vêm à noite, que se dispuseram a fazer um vestibular, que têm vindo, que vêm e que se



esforçam, e fazem todo o sacrifício para estar aqui, não vão evadir. (Professor 8)

Para o aluno, acho que é excelente ele ter a oportunidade de, uma vez tendo a disponibilidade de tempo, concluir um curso em menos tempo, isso é bom. (Professor 3)

[...] basicamente eles alegam a questão do tempo, da formação do noturno com oito anos, eles alegam isso: ‘bah, vai demorar muito, então vou tentar...’, principalmente aqueles que podem estudar durante o dia, que não têm trabalho durante esse período, então isso eu ouço, ‘ah mas o curso vai demorar muito, vai demorar muito’. (Professor 5)

Pensando em como a saída poderia ter sido evitada, estudantes elencaram como fatores importantes: ter um bom emprego durante o dia, poder cursar a disciplina em que reprovou no semestre seguinte (no curso diurno ou no noturno) e um menor tempo de duração do curso.

Se eu estivesse hoje num emprego bom, relativamente bom, por exemplo, estatutário, coisa assim, eu continuaria no noturno. [...] Outra também é se tivesse essa possibilidade poder cursar a disciplina em que rodei no diurno para não atrasar tanto e no semestre seguinte eu pudesse cursar. Isso seria uma coisa que teria evitado e acredito que muita gente que eu sei, colegas que trocaram, outros desistiram, acredito que esse seria um dos pontos que não teria acontecido isso, teria pesado bastante para mim. (Estudante 2)

Com certeza eu continuaria... eu acho que as pessoas que sobraram na turma, essas poucas que estão na turma, elas também não vão sair por vontade delas. [...] O curso noturno eu acho que tem dois pontos negativos, assim, é a formação que é muito longa, cansativa, são 16 semestres, e outra que é um curso que inicia só no segundo semestre, então é uma turma por ano, e daí tem aquele esquema de o aluno que roda, ele atrasa muito o curso, porque só depois de um ano que ele vai poder fazer aquela cadeira que ele rodou. Então, acho que esses são os dois pontos negativos do curso, ele ser muito longo e a questão de ser uma turma por ano, ao invés de uma por semestre. (Estudante 3)

### **5.3.7 Pensando em estratégias para a permanência e sucesso acadêmico do estudante no curso noturno**

A redução do tempo de curso foi a estratégia mais citada entre os estudantes e professores para a permanência no curso, sugerindo para isso, aulas aos sábados, poder cursar a disciplina em que reprovou no semestre seguinte, oferta de disciplinas utilizando a educação à distância ou durante o período das férias acadêmicas.

Gostaria que tivesse essa possibilidade que nós pudéssemos fazer mais rápido, terminar mais rápido, de repente [...] tem colegas que, por exemplo, trabalham de segunda a sexta, mas tem o sábado inteiro livre que eles se disponibilizariam a fazer ou manhã ou tarde, acho que seria excelente. (Estudante 12)

É porque a gente conversa muito e a pessoa pensa: ‘poh, são oito anos! Oito anos, eu vou me formar com trinta, talvez mais, porque agora eu vou me formar em 2020, espero né? E a gente levanta hipóteses de ter aula no sábado, [...], ‘rodou em uma cadeira, será que não daria para fazer nem que fosse só esta cadeira no diurno’, para a gente não ficar esperando um ano, porque já são oito anos, tu espera um ano, sobe para nove. (Estudante 13)

As coisas que eu pensei, assim, mudanças de currículo, as propostas que a gente chegou a pensar no PET, como eu te falei, era EAD, ou regime de férias, assim, sabe, algumas disciplinas, e nem era tudo, era uma coisa que a gente pensava que poderia ser oferecida, até porque, o aluno da noite que trabalha de dia, ele não tem, assim, ‘férias de julho’, entendeu, o calendário escolar é um, diferente do calendário trabalhista, [...] essas férias pra ser oferecidas disciplinas em regime integral. (Estudante 11)

Eu acho que eles precisariam ter um curso com menor tempo, eu acho que é o maior problema de todos, a duração do curso. E como não é possível ter aula depois das 22h, acho que a aula no sábado, é a única solução. [...] Essa seria a minha sugestão assim, porque eu vejo esse problema do tempo de curso. (Professor 4)

Eu sei que existe algum movimento para períodos letivos especiais, acho que isso é uma coisa interessante, eu sei de alguns cursos noturnos da enfermagem que fazem, no período de férias, janeiro e fevereiro, então eles já ganham eventualmente um semestre em dois meses, eu acho que isso é uma coisa que pode se pensar. (Professor 5)

Os professores, contudo, lembraram as discussões realizadas durante o processo de construção do curso noturno de Odontologia, as limitações de tempo no turno da noite e carga horária do curso, e a importância de respeitar os acordos realizados.

É bem complicado isso, porque nós temos alguns limitadores. Nós temos uma carga horária que tem que ser cumprida, nosso projeto pedagógico, não tem como ser diferente disso. A gente tem os limitantes que não pode ser mais de quatro períodos em cada noite. Nós temos alguns engessamentos que nos levam a estender isso para todos esses semestres. [...] A questão da utilização do sábado pela manhã também é uma coisa bastante complicada, porque na negociação com os professores para a criação do curso noturno, com os professores do diurno, sendo que uma das coisas que ficou bem clara é que nós teríamos um corpo docente único, diurno e noturno seria o mesmo, nós não teríamos diferença, um das demandas que surgiu é que não houvesse aula nos sábados pela manhã. [...] Acho que isso foi uma negociação de uma assembleia, que até certo ponto tem que ser respeitada enquanto as pessoas ainda estiverem aqui. Talvez depois que todo o corpo docente tiver mudado,

a gente faça uma nova assembleia e se discuta isso outra vez, talvez isso possa ser retomado [...]. (Professor 8)

Foi sugerido, também, que a organização dos horários das disciplinas com maior carga horária seja repensada de forma a oportunizar um melhor aproveitamento por parte dos estudantes, podendo dividir o horário das disciplinas em dias diferentes para aulas teóricas e aulas práticas, ou priorizar disciplinas com mais carga horária para o início da semana.

[...] a gente até conversou com o professor, só que falaram alguma coisa em sorteio assim, ah, uma sexta vai uma cadeira, porque ficava meio cansativo pra um professor ir embora tarde aqui na sexta-feira, rolava uns comentários assim. [isso poderia trazer mais condições de aprendizagem]. Com certeza, isso é o que mais era complicado. Aí tinha umas cadeiras que era um crédito, aí era na terça-feira e aí meio que matava sabe, cortava um tempo assim, cadeiras que poderiam ser feitas mais pro final de semana. [...], acho que podia deixar as cadeiras que tem poucos créditos mais para o final da semana pra não ficar tanta correria, ou cadeiras que são só teóricas mais para o final da semana [...] e cadeiras que são mais pesadas, mais cansativas para o início da semana. (Estudante 14)

Outro aspecto abordado pelos entrevistados como facilitador da permanência no curso foi a possibilidade do estudante poder fazer a disciplina em que reprovou no próximo semestre, seja pela mudança de matrícula anual para semestral ou pela possibilidade do estudante cursar a disciplina no turno inverso, desde que haja vaga nas turmas do curso diurno, para que seja possível concluir o curso em oito anos e o conteúdo visto em um semestre possa ser revisado no semestre seguinte.

[...] abrir dentro das vagas que suportassem a sala, porque eles têm uma quantidade x de locais... de lugares ali, ele [o professor] disse que o departamento ali não teria problema nenhum, se a faculdade resolvesse abrir pro pessoal que reprova não... porque aí, não trancaria, o pessoal vai regular, ficaria nos oito e pronto, ficaria nos oito anos [...], mas a gente também já recebeu alguns não aí, então, a gente fica preocupado, mas seria uma coisa, assim, se a faculdade começasse a debater um pouco sobre isso aí, sobre esse aspecto, e os alunos são unânimes, e todos eles, se tu conversar com qualquer um, de ter essa possibilidade. Eu trabalho a semana toda, mas eu tenho certeza que, se eu reprovar na disciplina, eu vou lá, e mudo meu turno, um dia na semana, não vai... eu conseguiria manejar isso aí, pra fazer uma disciplina que ficou para trás. (Estudante 7)

Pois é, já foi falado em tentar fazer a matéria que tu reprovou durante o dia mas isso a gente sabe que não pode porque noturno é noturno, diurno é diurno, mas por exemplo, se a disciplina abrisse por semestre talvez ficaria um semestre a menos, já seria seis meses é menos, seria uma opção. (Estudante 16)

[...] mesmo se alguém que trabalha por conta vai ajustar seu horário, eu também se for uma disciplina de um dia posso ajustar meu horário e combinar no trabalho. Não é tão difícil pra todo mundo, mas o fato de esperar um ano é muito cruel, é uma maldade que se faz com o aluno, porque a gente tem a matéria fresquinha, e aí fica seis meses esperando pra ter o professor de novo, pra falar do assunto de novo, né, nesses seis meses não vão ser comentados, tu vai ficar afastado como se nunca tivesse feito, se nunca tivesse passado por isso. E daí aquilo que era dúvida tu nem lembra mais o que era a dúvida. (Estudante 1)

Não... eu acho que não teria problema nenhum, porque em princípio, se tiver vaga [...], se fosse uma coisa eventual, não teria problema de eles cursarem, porque em princípio as disciplinas são as mesmas, desde que eles não queiram cursar clínica no diurno, aí sim perde todo o sentido depois da continuidade do currículo, mas eu acho que as disciplinas teóricas mais iniciais, as básicas não teria problema. Seria, acho, que uma maneira de a gente fazer com que o aluno chegasse no ponto que a gente quer, com o conhecimento, sem ter que esperar tanto tempo para cursar. (Professor 7)

Eu tendo a querer ajudar o aluno, eu sou uma pessoa assim, no sentido de ajudar, então eu tendo achar que seria bom, mas ai, bom, tem que ver sempre prós e contras, nunca pensei detidamente, mas tendo a achar que sim, que seria bom, algumas disciplinas que eles pudessem fazer do dia [...] (Professor 5)

A realização de outras atividades acadêmicas, além das atividades de ensino de caráter obrigatório, foi citada como enriquecedora da formação e facilitadora da permanência no curso, porém a falta de tempo dos estudantes para participar e, também, o número reduzido de atividades ofertadas à noite foram destacados nas falas. Neste sentido, estudantes e professores recomendam que a oferta de atividades voltadas para a pesquisa e extensão possam também contemplar os estudantes do curso noturno dentro do horário em que eles estão na faculdade ou aos sábados.

[...] acho que isso é a graduação, a vida acadêmica é tu poder participar, não só de ir na aula e fazer provas, é tu poder discutir conversar e ter essa construção, só que como sou uma pessoa que trabalha durante o dia daí fica mais complicado. [...] se surgissem alguns projetos de pesquisa que tivesse interesse de participar, mas no horário da noite assim porque parece meio contraditório dizer que quer no horário da noite os alunos estarem estudando só que como tem muitos que reprovam tem esses horários vagos poderia aproveitar. (Estudante 16)

O curso noturno é muito engessado, não existe a possibilidade de abrir um período de esclarecimentos de dúvidas à noite. Se for ver, hoje, claramente os alunos têm 20 créditos por semestre, 20 créditos é aula todos os dias das seis às dez da noite, não tem uma folga para abrir um período de discussão, ou período de esclarecimentos de dúvidas adicional, a não ser que abra final

de semana, sábado ou durante o dia. Senão não tem muita brecha no atual sistema que está colocado agora. Não sei se poderia ser aberto nos sábados algum tipo de atividade para esclarecimento de dúvidas. (Professor 1)

Acho que os laboratórios tinham que ter pessoas, tinham que estimular os alunos de pós-graduação a vir à noite, as pessoas talvez tivessem que mudar um pouquinho o ritmo nas suas vidas, a gente se distribuir em turnos diferentes, alternados, fazer um rodízio, estar mais homogêneo [...] A gente tem atividade de noite, e isso a gente percebe, fica bem evidente, como a faculdade fica fria durante a noite, não tem vida, bem diferente de durante o dia. [...] eu acho que a gente tem que trabalhar mais isso com todo mundo; ‘olha, nós temos também atividade noturna que é igual à atividade do diurno, vamos amadurecer e vamos assumir isso todo mundo’. (Professor 8)

A permanência no curso também foi associada a aspectos relacionados à estrutura física e funcionamento do curso noturno e da Faculdade de Odontologia pelos estudantes e professores, tais como a ampliação do horário de funcionamento da biblioteca, do diretório acadêmico e do bar, armários para armazenar o material do aluno, mais iluminação no prédio e melhor funcionamento dos computadores em sala de aula.

Coisas assim de estrutura do noturno, mesmo, [...] do funcionamento do diretório acadêmico, essas coisas assim que eu não sei se cabe, funcionamento de biblioteca, né, que às vezes para nós... por exemplo esse semestre eu tenho aulas que começa às oito e meia por causa das reprovações que eu tive, daí já não pego a biblioteca, daí eu tenho que vir mais cedo, daí essas coisas assim, de horários mesmo assim, né, de estrutura (Estudante 5)

Alguns professores não dão intervalo para quem não jantou fazer um lanche, ou quando dão intervalo já fechou o bar (Estudante 7)

[...] como a gente trabalha e circula muito, da tua casa para o trabalho, do trabalho para cá, essas cadeiras que nos exigem material seria bom se a gente tivesse uns armários já, desde determinadas cadeiras que já oferecem essa demanda porque [...] a gente tem também muito livro também para carregar, o diurno também, com certeza, mas seria uma coisa boa, pra facilitar essa questão da gente cumprir o que o professor precisa de material em aula (Estudante 8)

[...] às vezes apagava a luz, às vezes não tem luz, acho que esta é a principal dificuldade que eles têm agora, mas para mim eu não cheguei a pegar esta etapa porque não precisei nunca ir na sala dos armários que é bem escura mesmo [...], se não tinha luz do banheiro do quarto andar eu ia no quinto. (Estudante 15)

Eu tenho dificuldade bastante nos computadores, eles geralmente dão problemas, difícil, aí às vezes eu trago meu laptop, às vezes eu perco 10, 15 minutos da minha aula brigando com o computador para fazer funcionar,

data show sempre funcionou tranquilamente comigo, sempre foi o computador o problema. (Professor 4)

Por fim, foi destacada a necessidade de se seguir acompanhando o curso noturno, para identificar suas necessidades, avaliar possíveis mudanças e promover seu desenvolvimento, tendo em vista a particularidade do ensino clínico voltado ao atendimento de pacientes, que o diferencia de outros cursos ofertados no turno da noite que não possuem essa característica.

[...] o curso noturno de odontologia, acho que é diferente de a gente ter um curso noturno de direito, por exemplo, porque o aluno de direito vai para uma aula em que ele é mais passivo, ele é um ouvinte na aula de direito. E na aula de odontologia, quando os alunos chegam na clínica, eles têm, além do desgaste de já ter passado o dia trabalhando, de outras atividades, para prestar atenção numa aula teórica, mas que poderia acontecer, quando eles chegam na clínica eles tem que ter um preparo físico para estarem na clínica à noite também. Porque é fisicamente cansativo, então se eles já chegam cansados eles têm que ter o pique para ainda fazer o atendimento no noturno. (Professor 7)

Eu tenho uma expectativa bastante grande, acho que esse curso noturno, ele nos trouxe muito em termos de infraestrutura, número de professores. [...] Acho que nós temos que nos esforçar para que este curso de fato dê certo. A gente, quando propôs que ele ocorresse, tinha a convicção de que isso poderia ser uma coisa boa, deveria ser uma coisa que alcançasse o objetivo que fosse para repor, para devolver, para dar uma resposta para a comunidade, para sociedade que está nos financiando de uma maneira indireta. Então eu tenho expectativa e acho que esse diagnóstico, e todo esse esforço que vocês estão fazendo para tentar descobrir se existe algum problema no curso que possa ser dirimido, que possa ser redirecionado, reavaliado, acho que ele é muito válido, porque num primeiro momento a alternativa, a opção, o que se vislumbrava é que teria que ser nesse período todo porque matematicamente não tinha outra opção num primeiro momento, mas eu acho que nada é pétreo, as coisas podem ser revistas, podem ser reestudadas e rerepresentadas à medida que a gente for caminhando, for fazendo avaliações e for descobrindo algumas coisas que poderiam ser modificadas. Acho que é uma iniciativa bastante válida de tentar melhorar o que já está acontecendo. (Professor 8)

## 6 DISCUSSÃO

A implantação das DCN para os cursos de graduação em saúde no Brasil, incluindo a Odontologia, trouxe um cenário de intensas transformações na formação desses profissionais (BRASIL, 2002; 2006), a qual passou a contemplar o SUS, prevendo o perfil de um cirurgião-dentista generalista, humanista, crítico e reflexivo, capaz de atuar em todos os níveis de atenção à saúde e de trabalhar em equipe de forma integrada e interdisciplinar (BRASIL, 2002; MORITA; KRIGER, 2004). A integração do ensino com o SUS estabeleceu-se assim, como um eixo estruturante dos processos de mudanças na formação profissional, enfatizando nos currículos a vivência dos estudantes de graduação nos serviços públicos de saúde enquanto espaços de formação (TOASSI et al., 2013).

Agrega-se a esse contexto de mudanças na educação superior a mais recente política de ampliação e reestruturação do ensino público superior – o REUNI. Proposto pelo governo federal em 2007, o REUNI constituiu-se como fonte de recursos financeiros cuja finalidade foi apoiar os projetos de expansão e ampliação das universidades federais, as quais firmaram o compromisso de criar novos cursos, bem como de ampliar o percentual de conclusão de cursos, e as vagas nos cursos existentes, especialmente no noturno (BRASIL, 2007b).

O REUNI trouxe, sem dúvida, a possibilidade da ampliação de vagas ofertadas na educação superior, porém a proposta dessa política não se esgota na democratização do acesso, sendo necessário avançar para a obtenção de um aumento proporcional no número de concluintes (VARGAS; PAULA, 2013). Esse desafio cresce na medida em que o perfil do estudante que ingressa no ensino superior também se modifica, vindo dos extratos sociais com menor renda, exigindo mudança e adaptação da universidade (DIAS JÚNIOR et al., 2010).

A ampliação do acesso à educação superior não é só uma preocupação de governo, mas da sociedade como um todo, principalmente no que tange à ampliação de vagas que permita a equidade e a formação de qualidade, com ênfase na responsabilidade social (NEVES; RAIZER; FACHINETTO, 2007).

A Faculdade de Odontologia da UFRGS, pensando em aliar as DCN com a política de expansão do ensino superior, implantou, no segundo semestre de 2010, um curso de Odontologia exclusivamente no período noturno, com a oferta de 30 vagas anuais, além das 88 vagas tradicionalmente oferecidas por ano, no curso de Odontologia em período diurno. A principal intenção com o curso noturno foi atender à demanda daqueles que desenvolvem suas atividades profissionais durante o dia e dispõem somente do horário da noite para realizar sua

formação acadêmica (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010). O curso noturno de Odontologia da UFRGS já possui, em 2014, quatro turmas em andamento e uma turma mais recente, que ingressou em agosto deste ano.

Levando em conta que as universidades devem se preocupar com a trajetória acadêmica dos estudantes e não só com seu acesso e rendimento, o presente estudo propôs-se a analisar a trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da UFRGS, por meio da caracterização do perfil do ingressante, situação acadêmica e compreensão dos motivos de retenção e evasão.

O perfil demográfico apresentado pelo ingressante do curso noturno, que é, em sua maioria, de um estudante do sexo feminino e jovem (com idade entre 17 e 22 anos), se aproxima dos resultados encontrados na literatura sobre o perfil do estudante de Odontologia no Brasil, tanto em cursos noturnos (LOFFREDO et al., 2004; JUNQUEIRA et al., 2002; FREITAS; NAKAYAMA, 1995) quanto em diurnos (TOASSI et al., 2011; FREIRE et al., 2011; REZENDE et al., 2007; BRUSTOLIN et al., 2006). Ainda que sejam estudantes predominantemente jovens, chama atenção a ampla variação verificada na idade desses estudantes, que foi de 17 até 51 anos.

O predomínio de mulheres confirma o processo de feminização das profissões na área da saúde no Brasil e, de modo especial, na Odontologia. Pesquisa realizada por Morita, Haddad e Araújo (2010) sobre o perfil atual e as tendências do cirurgião-dentista brasileiro mostrou que as mulheres cirurgiãs-dentistas com inscrição principal ativa no Conselho Federal de Odontologia são a maioria em 25 dos 27 estados do Brasil. A profissão tem maioria feminina (56,3%), o que acompanha o ingresso progressivo das mulheres brasileiras no ensino superior, principalmente, a partir dos anos 80. Essa predominância de mulheres na Odontologia é observada desde o final dos anos 90.

A maior parte dos estudantes do curso noturno realizou ensino fundamental e médio em escola pública, semelhante ao encontrado no estudo de Loffredo et al. (2004), em estudantes do curso noturno de Odontologia de Araraquara, São Paulo.

Sobre a renda familiar, observou-se que o valor de 1 a 5 salários mínimos, verificado para a maior parte dos estudantes, foi inferior ao encontrado em outras pesquisas com cursos noturnos (LOFFREDO et al., 2004; FREITAS; NAKAYAMA, 1995) e, também, entre estudantes de cursos diurnos de Odontologia (TOASSI et al., 2011; HAWLEY; DITMYER; SANDOVAL, 2008; BRUSTOLIN et al., 2006; CARVALHO; CARVALHO; SAMPAIO, 1997; FREIRE; SOUZA; PEREIRA, 1995).



Destaca-se também, a inserção do estudante do curso noturno de Odontologia da UFRGS no mercado de trabalho, com mais da metade deles exercendo atividades remuneradas (52,6%), percentual muito superior ao que foi encontrado por Loffredo et al. (2004) na UNESP – Araraquara, onde 11,5% dos estudantes de Odontologia do curso noturno possuíam rendimento financeiro próprio. Já em cursos diurnos de Odontologia no Brasil, observou-se um predomínio de estudantes que não trabalhavam e dedicavam-se exclusivamente à vida acadêmica (TOASSI et al., 2012; TOASSI et al., 2011; CAVALCANTI et al., 2010; JUNQUEIRA et al., 2002; ALMEIDA JÚNIOR et al., 1983).

Os dados de acompanhamento da situação acadêmica mostraram que, em fevereiro de 2014, 40% de estudantes do curso noturno estavam em situação de retenção, sendo a maioria (83,7%) por reprovação em alguma disciplina ao longo da trajetória acadêmica. Já a evasão ocorreu para 19,9% dos estudantes que ingressaram no curso noturno de Odontologia.

Há poucos estudos na literatura que avaliam, de forma específica, a retenção e a evasão no ensino superior em Odontologia (CAVALCANTI et al., 2010; YEPES et al., 2007; SALIBA et al., 2006). Cavalcanti et al. (2010) verificaram, em estudantes de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, que a insatisfação com o curso em virtude do corpo docente, estrutura física e estrutura curricular, assim como a Odontologia ser o curso de segunda opção, podem constituir causas de evasão. Yelps et al. (2007) identificaram fatores intrínsecos e extrínsecos aos estudantes que determinaram sua evasão do curso de Odontologia na Universidade de Antioquia, na Colômbia, encontrando a mudança de carreira/vontade de fazer outro curso como principal motivo da evasão. Já estudo de Saliba et al. (2006), ao analisar o índice de reprovação no curso de Odontologia de período integral de uma Universidade Pública do Sudoeste do Brasil, encontrou um percentual de 1,68% dos estudantes com alguma reprovação.

Na UFRGS, pesquisa sobre a evasão ocorrida entre 2008 e 2010, em todos os cursos da área da saúde, mostrou que o curso diurno de Odontologia era o curso com menor percentual de evasão no período (0,9%) (BUENO et al., 2011).

Na presente pesquisa, estudantes e professores do curso noturno de Odontologia da UFRGS falaram sobre suas percepções em relação aos motivos da retenção e da evasão no curso. Questões relacionadas à contextualização da chegada do estudante no curso, sobre o estudante trabalhador, suas vivências de sala de aula, o processo de avaliação da aprendizagem, o lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes, a saída do curso noturno e as estratégias para a permanência e sucesso acadêmico, foram destacadas.

A literatura mostra a complexidade da análise sobre a retenção e a evasão dos estudantes no ensino superior em virtude da existência de diferentes fatores que as determinam, podendo estar relacionadas a questões intrínsecas ou extrínsecas ao estudante, fatores pessoais, familiares e institucionais (FREITAS, 2009; DONOSO; SCHIEFELBEIN, 2007; YEPES et al., 2007).

A chegada ao curso noturno de Odontologia foi apontada pelos estudantes como um período de muitas adaptações que influenciaram seu desempenho acadêmico. Para Almeida e Soares (2003), o primeiro ano na universidade caracteriza-se como um período crítico, potencializador de crises e desafios, sendo determinante dos padrões de desenvolvimento do estudante ao longo de sua trajetória universitária, estabelecendo-se, inclusive, como uma variável central na decisão entre permanecer ou abandonar a graduação (POLYDORO et al., 2001).

Willcoxson, Cotter e Joy (2011), ao pesquisarem a percepção de estudantes que abandonaram seus cursos em diferentes etapas, verificaram que os estudantes do primeiro ano preocupam-se, prioritariamente, com o compromisso em relação ao curso, expectativas de ensino e de apoio à aprendizagem, confiança acadêmica, gestão do tempo e engajamento social. O desempenho dos estudantes no curso pode ser afetado pelas vivências a nível pessoal e de realização acadêmica, experimentadas no primeiro ano do curso superior (CUNHA; CARRILHO, 2005). Os estudantes de Odontologia entrevistados neste estudo fizeram referência à necessidade de muita adaptação no início do curso, para adequar-se à rotina de estudos e funcionamento das disciplinas, o que constituiu fator determinante para enfrentar os problemas de desempenho acadêmico.

No estudo realizado por Teixeira et al. (2008) sobre a experiência de adaptação de ingressantes de diferentes cursos à universidade, os estudantes expressaram a necessidade de assumir uma postura ativa frente à aprendizagem, buscando formas de aprender e oportunidades além das aulas. Para esses estudantes, o ingresso na universidade acarreta mudanças de comportamento que repercutiram na vida pessoal e profissional. No curso noturno de Odontologia da UFRGS, os estudantes também vivenciaram essas mudanças para adaptarem-se ao curso.

A adaptação à universidade implica ainda aprender a lidar com as frustrações em relação ao curso, seja em relação ao conteúdo das disciplinas ou mesmo a dificuldade em dar conta das exigências. Essas dificuldades e frustrações iniciais podem levar a sentimentos de decepção e a pensamentos de abandono do curso (TEIXEIRA et al., 2008, p. 195).

A formação dos estudantes do curso noturno de Odontologia no ensino básico foi, muitas vezes, percebida pelos professores como frágil para que estes estudantes pudessem acompanhar os conteúdos da graduação de forma satisfatória. Esta questão, porém, não foi observada pelos professores exclusivamente entre os estudantes do noturno, estendendo-se também, àqueles que frequentam o curso diurno de Odontologia na mesma instituição. Estudo sobre a inclusão do estudante trabalhador à universidade (VARGAS; PAULA, 2013) verificou que, de modo geral, entre os professores, tem sido recorrente a percepção de que o ensino básico não possibilita a base necessária para a continuidade dos estudos no ensino superior e considerou que a fragilidade do ensino básico é sim, um dos fatores condicionantes para o desempenho acadêmico, mas não é o único. O desempenho no ensino básico também foi citado como fator de interferência no desempenho da graduação, podendo refletir em evasão, por coordenadores de curso da Universidade Federal do Mato Grosso – campus Cuiabá, no estudo de Veloso e Almeida (2002). Já Villas Bôas (2012) mostrou que estudantes cuja formação no ensino básico aconteceu em escola pública, em geral, possuíam fragilidades na formação que se refletiram na dificuldade de acompanhamento das disciplinas básicas dos cursos de graduação.

Na percepção dos professores do curso noturno de Odontologia, o espaço de tempo entre o término do ensino médio e o ingresso no ensino superior também pode se constituir um obstáculo, para que os estudantes que estão há mais tempo longe da escola, relembrem os conhecimentos básicos necessários a sua formação no ensino superior. Silva et al. (2010), ao investigarem fatores que influenciam o desempenho acadêmico entre estudantes de Odontologia da Universidade Federal de Goiás, identificaram um melhor desempenho relacionado ao menor tempo entre a conclusão do ensino médio e o ingresso desses estudantes na graduação.

O cansaço provocado pelo cotidiano do trabalho e a falta de tempo para estudar foram observados tanto pelos estudantes quanto pelos professores entrevistados no presente estudo, assim como o grande empenho destes estudantes para participar das aulas e aprender o conteúdo. Conciliar a condição de estudante e trabalhador é considerado um fator complicador para sua permanência e conclusão do curso, diferentemente do estudante de tempo integral, que tem grande disponibilidade de tempo para realizar seus estudos (ARROYO, 1991; VARGAS; PAULA, 2013).

Sobre as vivências em sala de aula, além da participação do estudante, outros aspectos que poderiam influenciar para um melhor ou pior desempenho foram elencados por estudantes e professores do curso noturno de Odontologia, tais como o perfil do professor, didática docente e metodologias de ensino. Estudo de Souza e Reinert (2010), com estudantes do curso noturno de Administração em uma instituição pública de ensino superior, encontrou como uma das causas mais citadas para a insatisfação discente, a didática docente e os métodos de ensino empregados nas aulas. O papel dos professores e os recursos de aprendizagem também foram fatores significativos para o desempenho de estudantes de Odontologia pesquisados por Al-Amri et al. (2012) em uma instituição pública de ensino superior da Arábia.

Bordenave e Pereira (2010) entendem que a escolha da metodologia a ser empregada em aula deve contemplar desde os objetivos e conteúdos até a interação com a turma de estudantes, para que a aprendizagem ocorra de forma significativa e consistente. Esta escolha deve responder ao objetivo que se pretende alcançar, criando situações e abordando os conteúdos de forma que permita ao estudante vivenciar as experiências necessárias para sua transformação. Esta escolha também deve contemplar a estrutura do conteúdo, visto que a aprendizagem de fatos e datas vai envolver uma aprendizagem diferente do que para aprender uma teoria. Assim, cada metodologia (aula expositiva, trabalho em grupo ou debate, por exemplo) possui contribuições positivas e limitações peculiares.

Para Faúndez, Muñoz e Cornejo (2012), é fundamental que a Instituição de Ensino Superior invista em programas de aperfeiçoamento docentes contínuos e permanentes, que estimulem suas habilidades pedagógicas e investigativas para vincular de maneira mais efetiva os estudantes em seus processos de aprendizagem.

Já Arroyo (2014) salienta a importância de o professor pensar na adequação dos tempos de ensino e aprendizagem para que esta última tenha melhores chances de acontecer.

Saber dar a todos o tempo adequado de aprender é uma das funções da docência. É um saber tão profissional quanto dominar os conteúdos. Propiciar na escola, na sala de aula e em cada atividade planejada as condições necessárias à aprendizagem exige dos profissionais do ensino uma competência especial para lidar com o tempo de aprender e não só de ensinar. [...] (ARROYO, 2014, p. 216).

Com relação ao processo de avaliação da aprendizagem, os estudantes do curso noturno perceberam que as avaliações com grande quantidade de conteúdo em um único

momento, que valorizam a memorização e respostas contendo a transcrição literal do que foi falado pelo professor em aula, também interferiram em seu desempenho.

Para Gil (2010), o processo de avaliação deve, mais do que verificar o que o estudante foi capaz de memorizar, constatar se o estudante é capaz de proceder a análises e sínteses, verificar o nível de compreensão do que foi ensinado e de transferência daquilo que foi aprendido para outras situações.

Entende-se a avaliação como uma prática a serviço da aprendizagem e da melhoria da ação pedagógica, para a evolução moral e intelectual dos estudantes, na qual a aprendizagem é uma experiência individual, singular de cada um. “O importante é apontar os rumos do caminho, ajustar os passos ao esforço necessário, torná-lo tão ‘sedutor’ a ponto de aguçar a curiosidade do aprendiz para o que está por vir” (HOFFMANN, 2001, p. 57).

A aprendizagem, desse modo, será decorrente de uma avaliação que não acontece somente ao final das atividades, mas sim como oportunidade para melhoria do que foi realizado, sobre o que foi adquirido e o que resta adquirir, sobre acertos e erros. Os estudantes devem aprender com a avaliação e por meio dela, tendo o professor como fonte de informação crítica de seu trabalho. Essa proposta pressupõe que o ritmo de ensino depende da capacidade de compreensão daquele que aprende, tendo oportunidades para mostrar seu processo de aprendizagem. Neste sentido, o tempo de aula é um “tempo de aprendizagem compartilhada, facilitada, estimulada, ajudada e orientada pelo ensino, que deve se tornar uma oportunidade simultânea de avaliação”, ao contrário do tradicional tempo de aprender para a prova (MÉNDEZ, 2011, p. 258).

Em geral, a percepção do professor com relação à avaliação, desde a construção do instrumento avaliativo até sua correção e devolução, está ligada a uma tradição institucional que se constitui desde que ele próprio era aluno (SILVA, 2003), bem como a sua concepção pedagógica sobre a área de ensino e sobre as teorias do conhecimento (HOFFMANN, 2005). É preciso que o professor atue na construção de uma cultura de avaliação que não determine o sucesso e o fracasso escolar a partir da capacidade de memorização e reprodução demonstrada pelos estudantes (HOFFMANN, 1993).

Destaca-se que tanto os estudantes, quanto os professores do curso noturno de Odontologia reconheceram a importância de que determinados saberes da profissão de cirurgião-dentista não podem ser esquecidos e que, nesse sentido, a memorização também tem um papel fundamental na aprendizagem. Para falar sobre a importância da memória no

processo educativo e do planejamento de ações pedagógicas que a estimulem, Arroyo (2014) recorre a um texto de Elvira de Souza Lima, no qual ela esclarece que:

[...] a memória é aspecto central do processo de aprendizagem e que seu funcionamento é bastante complexo. Alguns estudiosos sugerem que o tempo de exposição a um determinado assunto é o elemento-chave para que este assunto seja ou “trabalhado” pela memória imediata (o que provoca seu rápido esquecimento) ou pela memória a longo prazo. Procede daí a hipótese de que não basta somente planejar situações de aprendizagem para uma aula, mas de que este planejamento deve incluir também a projeção temporal. O planejamento do tempo deve incluir não somente a realização da ação, mas também a reflexão sobre ela. (ARROYO, 2014, p. 216)

Ao analisar o lugar da instituição de ensino no seu desempenho, os estudantes do curso noturno de Odontologia referiram-se à distribuição do horário semanal das disciplinas, a matrícula anual nas disciplinas – devido ao curso ter ingresso anual –, a pouca integração do curso noturno ao diurno e à vida acadêmica da Universidade, além de questões relacionadas à estrutura física da Faculdade.

Vargas e Paula (2013) chamaram a atenção para a importância da instituição se preparar para o desafio de oferecer um curso noturno, com relação às condições oferecidas a este estudante, ao significado de estudar à noite e trabalhar, à comparação entre cursos diurno e noturno e à equalização das oportunidades de estudo que o curso oferece ao estudante trabalhador e não trabalhador.

Os professores do curso noturno de Odontologia também mencionaram as preocupações que a instituição deve ter com a oferta do curso noturno e as ações que estão sendo desenvolvidas pela gestão da Faculdade de Odontologia em relação ao curso. Assim, é fundamental que, além de oferecer um curso desafiador e significativo para o estudante, a universidade comprometa-se com a melhoria permanente das estratégias de ensino-aprendizagem e contemple programas contínuos que auxiliem os estudantes a identificar usos para as habilidades e os conhecimentos que eles desenvolveram durante a graduação (WILLCOXSON; COTTER; JOY, 2011).

Andriola (2009), ao ouvir coordenadores de cursos da Universidade Federal do Ceará sobre fatores associados à evasão, verificou que, para grande parte dos coordenadores, é necessário que a administração central efetive melhorias na infraestrutura destinada aos cursos, com salas e laboratórios. A estrutura física também foi citada no estudo de Veloso e Almeida (2002) enquanto interferência que pode levar à evasão de cursos de graduação.

A evasão no curso noturno também foi tema desta pesquisa. O percentual de evasão observado no período de 2010 até o início de 2014 foi de 19,9%. Esse percentual é superior ao que foi encontrado na literatura sobre a evasão em cursos de Odontologia, como no estudo realizado em universidades públicas brasileiras na década de 90: 9% de evasão (BRASIL, 1997); estudo nas universidades brasileiras entre 2000 e 2005: 11% de evasão (SILVA FILHO et al., 2007); em universidade pública no sudeste do Brasil, entre 1992 e 2002: 2,2% de evasão (SALIBA et al., 2006); e na Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2001/1 e 2007/1: 2% de evasão (GOMES et al., 2010).

No contexto do curso noturno de Odontologia, a maioria dos estudantes que saiu do curso optou por seguir sua graduação no curso diurno de Odontologia da mesma instituição, demonstrando sua segurança pela escolha da formação profissional, conforme dados encontrados na caracterização do perfil deste estudante, nos quais 83,1% sentem-se seguro ou completamente seguro pela escolha profissional. São estudantes que readaptaram sua trajetória na Universidade, de acordo com suas condições e disponibilidade de tempo para dedicar-se aos estudos.

Os casos de evasão predominantemente encontrados no curso noturno de Odontologia da UFRGS estão contemplados na categoria de evasão aparente, definida por Cardoso (2008 apud<sup>3</sup> CASARTELLI et al., 2012) como sendo aquela em que o estudante muda de um curso para outro, permanecendo no ensino superior. A evasão real seria aquela em que o estudante desiste de cursar o ensino superior. A evasão aparente é o tipo de evasão predominante observada no curso noturno, pois a grande maioria dos estudantes que saiu do curso noturno de Odontologia passou a cursar o curso diurno de Odontologia, na mesma instituição, tendo feito novo vestibular, processo seletivo extravestibular ou transferência interna. Mesmo permanecendo na mesma instituição, ainda é importante avaliar a ocorrência de evasão, pois a mudança de curso por parte do estudante gera uma vaga ociosa na instituição, que precisa ser preenchida. “As perdas de estudantes que iniciam, mas não terminam seus cursos são desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos” (SILVA FILHO, 2007, p. 642).

É preciso considerar que para o estudante, a mobilidade de um curso para outro pode ser considerada uma evasão positiva, visto que, em razão de seu amadurecimento na

---

<sup>3</sup>CARDOSO, C. B. **Efeitos da política de cotas na Universidade de Brasília:** uma análise do rendimento e da evasão. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, 123f., 2008. apud CASARTELLI, A. O. et al. (2012). p.77.

instituição, este estudante tem condições de direcionar melhor sua formação (VELOSO; ALMEIDA, 2002). Também Ristoff (1999) defende a ideia de que a saída de um curso para outro não se caracteriza como uma evasão negativa, visto que o estudante não abandonou o ensino superior, mas sim, realizou adequações necessárias à sua perspectiva de carreira.

Parcela significativa do que chamamos evasão, no entanto, não é exclusão mas mobilidade, não é fuga, não é desperdício, mas investimento, não é fracasso – nem do aluno nem do professor, nem do curso ou da instituição – mas tentativa e buscar o sucesso ou a felicidade, aproveitando as revelações que o processo natural de crescimento do indivíduo faz sobre suas reais potencialidades (RISTOFF, 1999, p. 125)

A falta de conhecimento em profundidade sobre a profissão escolhida, aspecto que dificulta o início da vida universitária do estudante e a satisfação com o curso, foi apontada como uma das principais causas da evasão para Villas Bôas, (2012), o que não foi verificado nesse estudo.

Nos estudantes do curso noturno de Odontologia da UFRGS, o principal motivo de opção de saída do curso não foi associado a um baixo desempenho ou reprovação e, sim, ao tempo de formação previsto para 16 semestres. Ao ingressarem no curso diurno, o qual tem a duração de 10 semestres, os estudantes têm a possibilidade de concluir sua graduação em menor tempo.

Pensando sobre as perspectivas para o curso noturno de Odontologia, criado a partir do REUNI, estudantes e professores relataram a urgência de se criar estratégias que promovam a permanência dos estudantes no curso, como a possibilidade de redução no tempo mínimo de sua conclusão, oferta semestral das disciplinas obrigatórias, ajuste nos critérios de organização e distribuição dos horários das disciplinas na carga horária semanal, maior integração do curso noturno ao diurno e às atividades acadêmicas da Universidade. Melhorias no espaço físico também foram elencadas e devem ser consideradas.

Diante da importância que possui a criação de um curso noturno de Odontologia em uma instituição pública de ensino como a UFRGS – reconhecida por sua qualidade de ensino, pesquisa e extensão e que possui um curso diurno de Odontologia com mais de um século de história, tradição universitária e excelência acadêmica – conhecer o perfil do estudante, sua situação acadêmica e percepções dos estudantes e professores sobre esse curso, é condição fundamental para consolidar a democratização do acesso ao ensino superior, garantindo a permanência do estudante no curso até sua conclusão.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs-se a analisar a trajetória acadêmica do estudante do curso noturno de Odontologia da UFRGS, por meio da caracterização do perfil do estudante, situação acadêmica e compreensão dos motivos de retenção e evasão.

Retomando os objetivos deste estudo, pode-se constatar que:

- o estudante ingressante do curso noturno de Odontologia caracteriza-se, em sua maior parte, por ser jovem, do sexo feminino, solteiro, sem filhos, naturais do Rio Grande do Sul, com formação básica em escola pública, residir com os pais e trabalhar;
- a maioria desses estudantes sentia-se seguro ou completamente seguro pela escolha profissional e seus principais motivos para esta escolha foram a ‘realização pessoal e profissional’, ‘segurança e tranquilidade no futuro, posição social e conforto financeiro’ e ‘interesse em atuar na comunidade’;
- suas expectativas em relação ao curso eram encontrar ‘uma formação qualificada’, ‘realização profissional’ e ‘realização pessoal/de um sonho/vocação’;
- sobre a situação acadêmica, a maior parte dos estudantes que estava no curso noturno de Odontologia encontrava-se fora da seriação aconselhada por reprovação em pelo menos uma disciplina ou associação entre reprovação e trancamento de matrícula. Grande parte dos estudantes que saiu do curso noturno optou por seguir o curso diurno de Odontologia da mesma instituição;
- dentre os motivos que levaram à retenção e evasão no curso noturno de Odontologia, estudantes e professores destacaram questões relacionadas à chegada e adaptação do estudante no curso, conciliação entre estudo e trabalho, vivências de sala de aula, o processo de avaliação da aprendizagem, o lugar da instituição de ensino no desempenho dos estudantes (organização de horários, matrícula anual, integração entre curso diurno e noturno) e o tempo de duração do curso;
- estudantes e professores sugeriram, para a permanência e sucesso acadêmico dos estudantes no curso noturno, estratégias relacionadas à possibilidade de redução no tempo mínimo de sua conclusão, oferta semestral das disciplinas obrigatórias, ajuste nos critérios de organização e distribuição dos horários das disciplinas na carga horária semanal, maior integração do curso noturno ao diurno e às atividades acadêmicas da Universidade e melhorias no espaço físico.

O curso noturno de Odontologia da UFRGS está inserido no contexto da política de expansão e reestruturação do ensino superior (REUNI). É um curso recente, que ainda não

possui nenhuma turma de concluintes e cuja trajetória acadêmica de seus estudantes está sendo construída a cada semestre. Recomenda-se, assim, que a análise aqui apresentada possa ser divulgada e discutida com a comunidade acadêmica da Faculdade de Odontologia, no sentido de promover estratégias para a permanência e conclusão do estudante que ingressa no curso noturno.

## REFERÊNCIAS

- AL-AMRI, M. et al. Significance of primary factors influencing students' performance at the College of Dentistry, King Saud University, Saudi Arabia. **J. Pak Med. Assoc.**, Karachi, v. 62, no. 8, p. 816-821, Aug. 2012.
- ALMEIDA JUNIOR, E. et al. A escolha da profissão odontológica. Motivação consciente. **Rev. fac. odontol. Univ. Fed. Bahia.**, Salvador, v.3, jan./dez. 1983.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Org.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral, 2003.
- ANDRIOLA, W. B. Fatores associados à evasão discente na Federal do Ceará (UFC) de acordo com as opiniões de docentes e coordenadores de cursos. **Rev. Ibero-Am. Calidad, Eficacia Cambio Educ.**, Madrid, v. 7, n. 4, p. 342-356, 2009.
- ANDRIOLA, W. B.; ANDRIOLA, C. G.; MOURA, C. P. Opiniões de docentes e de coordenadores acerca do fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 52, p. 365-382, 2006.
- ARROYO, M. G. A universidade, o trabalhador e o curso noturno. **Univ. Soc. (Brasília)**. Brasília, v. 1, p. 25-32, fev. 1991.
- \_\_\_\_\_. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. “Não havia outra saída”: percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico USF**, Bragança Paulista, v. 14, n. 1, p. 95-105, jan./abr. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2011.
- BARLEM, J. G. T. et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 33 n. 2, p. 132-138, jun. 2012.
- BARREIRO, I. M. F; TERRIBILLI FILHO, A. Educação superior no período noturno: políticas, intenções e omissões. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 81-102, jan./mar. 2007.
- BITTAR, M.; ALMEIDA, C. E. M.; VELOSO, T. C. M. A. Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante trabalhador. **Educ. Quest.**, Natal, v. 33, n. 19, p. 279-304, set./dez. 2008.
- BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Comissão Especial sobre Evasão nas Universidades Públicas. **Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas**. Brasília, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES 1.133/2001, de 07 de agosto de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 out. 2001. Seção 1E, p. 131.

BRASIL. Resolução CNE/CES 3/2002, de 19 de fevereiro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 04 mar. 2002. Seção 1, p. 10.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A aderência dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e odontologia às diretrizes curriculares nacionais**. Brasília, 2006.

BRASIL. Casa Civil. Decreto n 6.094 de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2007a. Seção 3, p. 5.

BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**: Diretrizes Gerais. Brasília, 2007b.

BRASIL. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Sistema e-MEC, 2013. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

BRUSTOLIN, J. et al. Perfil do acadêmico de odontologia da Universidade do Planalto Catarinense - Lages- SC, Brasil. *Rev. ABENO.*, Brasília, v. 6, n.1, p. 70-76, 2006.

BUENO, D. et al. **Coordenação da formação, dos saberes e das políticas públicas**: uma forma de trabalhar a evasão e a retenção na universidade. 2013. 27f. Relatório Técnico de Projeto de Pesquisa (Programa de Apoio à Graduação I) – Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CARVALHO, D. R.; CARVALHO, A. C. P; SAMPAIO, H. Motivações e expectativas para o curso e para o exercício da odontologia. **Rev. Reg. Aracatuba Assoc. Paul. Cir. Dent.**, Aracatuba, v. 51, n. 4, p. 345-349, jul./ago. 1997.

CASARTELLI, A. O. et al. A evasão na educação superior: uma análise da produção de conhecimento no Brasil. In: LEITE, D.; FERNANDES, C. B. (Org.). **Qualidade da educação superior**: avaliação e implicações para o futuro da universidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 75-86.

CAVALCANTI, A. L. et al. Motivos de ingresso e de evasão dos acadêmicos de odontologia de uma instituição pública. **Rev. Odontol. UNESP.**, Araraquara, v. 39, n. 2, p. 95-99, mar./abr. 2010.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. **Faculdades de Odontologia existentes no Brasil – ano 2013**. Disponível em: <[http://cfo.org.br/wp-content/uploads/2009/10/quadro\\_estatistico\\_faculdade.pdf](http://cfo.org.br/wp-content/uploads/2009/10/quadro_estatistico_faculdade.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2014.

COSTA, D. M.; COSTA, A. M.; BARBOSA, F. V. Financiamento público e expansão da educação superior federal no Brasil: o REUNI e as perspectivas para o REUNI 2. **Rev. GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 106-127, 2013.

CUNHA, A. M.; TUNES, E.; SILVA, R. R. Evasão do curso de química da Universidade de Brasília: a interpretação do aluno evadido. **Quim. Nova**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 262-280, 2001.

CUNHA, S. M.; CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico: adaptação e rendimento acadêmico. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 215-222, 2005.

DIAS JÚNIOR, C. S. et al. A experiência do REUNI na Escola de Enfermagem da UFMG: o perfil dos alunos do curso de Gestão de Serviços de Saúde. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 14., 2010, Diamantina. **Anais...** Diamantina: RePEc, 2010. 13f.

DIAS SOBRINHO, J. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 164-173, jan./abr. 2005.

DONOSO, S.; SCHIEFELBEIN, E. Análisis de los modelos explicativos de retención de estudiantes en la universidad: una visión desde la desigualdad social. **Estud. Pedagóg.**, Valdivia, v. 33, n. 1, p. 7-27, 2007.

FAÚNDEZ, F.; MUÑOZ, K.; CORNEJO, F. Percepción sobre el modelo educativo basado en competencias y su contribución a la retención de estudiantes de la universidad de Talca. In: CONFERENCIA LATINOAMERICANA SOBRE EL ABANDONO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR, 2., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2012. p. 738-744

FERLIN, E. P.; TOZZI, M. J. Turno diurno X noturno: um estudo de caso na engenharia da computação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 33., 2005, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: ABENGE/UFCG-UFPE, 2005.

FERNANDES NETO, A. J.; COSTA NETO, O. C. Currículo odontológico face às diretrizes curriculares nacionais. In: CARVALHO, A. C. P.; KRIGER, L. **Educação Odontológica**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 75-86.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. **Psico USF**, Bragança Paulista, v.6, n.1, p.1-10, jan./jun. 2001.

FEUERWERKER, L.; ALMEIDA, M. Diretrizes curriculares e projetos pedagógicos: é tempo de ação! **Rev. ABENO**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 14-16, 2004.

FREIRE, M. C. M. et al. Motivation towards career choice of brazilian freshman students in a fifteen-year period. **Eur. J. Dent. Educ.**, England, v. 75, no 1, p. 115-121, Jan. 2011.

FREIRE, M. C. M.; SOUZA, C. S.; PEREIRA, H. R. O perfil do acadêmico de odontologia da universidade de Goiás. **Divulgação em Saúde para Debate**, Rio de Janeiro, n.10, p. 15-20, jun. 1995.

FREITAS, K. S. Alguns estudos sobre evasão e persistência de estudantes. **Eccos Rev. Cient.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 247-264, jan./jun. 2009.

FREITAS, S. F. T.; NAKAYAMA, M.Y. Um perfil do estudante de odontologia no estado de São Paulo. **Divulgação em Saúde para Debate**, Rio de Janeiro, n.10, p. 29-37, jun. 1995.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, M. J. et al. Evasão acadêmica no ensino superior: estudo na área da saúde. **Rev. Bras. Pesqui. Saúde**, Vitória, v. 12, n. 1, p. 6-13, 2010.

HAWLEY, N. J.; DITMYER, M. M.; SANDOVAL, V. A. Predental students' attitudes toward and perceptions of the dental profession. **J Dent Educ**, Washington, v. 72, no.12, p. 1458-1464, Dec. 2008.

HOFFMANN, J. **Mitos e desafios em avaliação**. Porto Alegre: Mediação,1993.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pontos & Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

IGUE, E. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico USF**, Bragança Paulista, v. 13, n. 2, p. 155-164, jul./dez. 2008.

INEP. **Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico**. Brasília, 2013. 114p.

JUNQUEIRA, J. C. et al. Quem é e o que pensa o graduando de odontologia. **Rev. Odontol. UNESP**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 269-284, 2002.

LIMA, P.G. Políticas de Educação Superior no Brasil na Primeira Década do Século XXI: alguns cenários e leituras. **Avaliação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 85-105, mar. 2013.

LOFFREDO, L. C. M. et al. Característica socioeconômica, cultural e familiar de estudantes de odontologia. **Rev. Odontol. UNESP**, Marília, v.33, n. 4 p. 175-182, 2004.

LUGÃO, R. G. et al. Planejamento, implementação e avaliação do REUNI: um estudo em universidades mineiras. In. COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 12, 2012, Veracruz. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2012. 16f.

MACEDO, A. R. et al. Educação superior no século XXI e a reforma universitária brasileira. **Ensaio: aval. pol. públ. educ**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 47, p. 127-148, 2005.

MÉNDEZ, J. M. Á. Avaliar a aprendizagem em um ensino centrado nas competências. In: SACRISTÁN, J. G. et al. **Educar por competências**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 233-264.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

MOREIRA, C. A.; LIMA, F. M.; SILVA, P. N. A difícil tarefa de acadêmicos de curso noturno em conciliar trabalho e estudo. **Interdisciplin.: rev. Eletr. Univar.**, Barra do Garças, n. 6, p. 51-56, 2011.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2 ed.

MORITA, M. C.; HADDAD, A. E.; ARAÚJO, M. E. **Perfil atual e tendências do cirurgião-dentista brasileiro**. Maringá: Dental Press, 2010. 96 p.

MORITA, M. C.; KRIGER, L. Mudanças nos cursos de odontologia e a interação com o SUS. **Rev. ABENO**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 17-21, 2004.

NEVES, C. E. B.; RAIZER, L.; FACHINETTO, R. F. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 124-157, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm. UERJ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out/dez. 2008.

POLYDORO, S. A. J. et al. Desenvolvimento de uma escala de integração ao ensino superior. **Psico USF**, Bragança Paulista, v. 6, n. 1, p. 11-17, 2001.

REZENDE, F. P. et al. Perfil, motivações e expectativas dos graduandos e graduados em odontologia. **Rev. odontol. Univ. Cid. São Paulo.**, São Paulo, v.19, n. 2, p.165-172, maio/ago. 2007.

RISTOFF, D. A tríplice crise da universidade. In: TRINDADE, H. (Org.). **Universidade em ruínas na república dos professores**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROBERTO, R. F. O programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais: o caso REUNI na Universidade Federal de Viçosa. **Rev. Adm. Pública Gestão Soc. - APG**, Viçosa, v. 3, n. 3, p. 300-323, jul./set. 2011.

ROSSONI, E.; LAMPERT, J. Formação de profissionais para o Sistema Único de Saúde e as diretrizes curriculares. **Bol. Saúde**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./jun. 2004.

SALIBA, N. A. et al. Organização curricular, evasão e repetência no curso de odontologia: um estudo longitudinal. **Rev. Odontol. UNESP**, Araraquara, v. 35, n. 3, p. 209-214, 2006.

SILVA, E. T. et al. Factors influencing students' performance in a brazilian dental school. **Braz. Dent. J.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 80-86, 2010.

SILVA, J. Introdução: avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: SILVA, J; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Org). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 7-18.

SILVA FILHO, R. L. L. et al. A evasão no ensino superior brasileiro. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 641-659, set./dez. 2007.

SOUZA, S. A.; REINERT, J. N. Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente. **Avaliação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 159-176, mar. 2010.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Rev. Semest. Assoc. Bras. Psicol. Esc. Educ. (ABRAPEE)**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 185-202, jan./jun. 2008.

TERRIBILI FILHO, A. Ensino superior noturno no Brasil: estudar para trabalhar ou trabalhar para estudar? **Pensam. Real.**, São Paulo, ano 11, n. 22, p. 43-65, 2008.

TINTO, V. Dropout from higher education: a theoretical synthesis of recent research. **Rev Educ Res.**, Washington, v. 45, no. 1, p. 89-125, Winter 1975.

TOASSI, R. F. C. et al. Perfil sociodemográfico e perspectivas em relação à profissão do estudante de odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Fac. Odontol. Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 52, n. 1/3, p. 25-32, jan./dez. 2011.

TOASSI, R. F. C. et al. Currículo integrado no ensino de Odontologia: novos sentidos para a formação na área da saúde. **Interface Comun. Saúde Educ.**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 529-542, abr./jun. 2012.

TOASSI, R. F. C. et al. Teaching at primary healthcare services within the Brazilian National Health System (SUS) in Brazilian healthcare professionals' training. **Interface Comun. Saúde Educ.**, Botucatu, v.17, n. 45, p.385-392, abr./jun. 2013.

TRIGUEIRO, M. G. S. **Reforma universitária e mudanças no ensino superior no Brasil**. Brasília: UNESCO, 2003.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Universitário. **Decisão 312/2007**. Porto Alegre, UFRGS: 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sai/legislacao/arquivos/Dec31207REUNI.pdf>>. Acesso em 25 set. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Odontologia. **Projeto Político Pedagógico Curso de Odontologia Noturno**. Porto Alegre, UFRGS: 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/odontologia/ensino/odonto/graduacao/projeto-pedagogico-do-curso-noturno/view>>. Acesso em 25 set. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão Permanente de Seleção. **Extravestibular – processo seletivo unificado**: edital de abertura de inscrições. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/coperse/processos-seletivos/extra/2014/ingresso-extravestibular-2014/EDITAL\\_EXTRA2014.pdf](http://www.ufrgs.br/coperse/processos-seletivos/extra/2014/ingresso-extravestibular-2014/EDITAL_EXTRA2014.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2014.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação** Campinas, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul. 2013.

VELOSO, T. C. M. A.; ALMEIDA, E. P. Evasão nos cursos de graduação na Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário de Cuiabá – um processo de exclusão. **Sér. Estud. Per. Mestr Educ. UCDB**, Campo Grande, n. 13, p. 133-148, jan./jun. 2002.

VIDALES, S. El fracaso escolar en la educación media superior. El caso del bachillerato de una universidad mexicana. **Rev. Iberoamericana Calidad, Eficacia Cambio Educ.**, Madrid, v. 7, n. 4, p. 321-341, 2009.

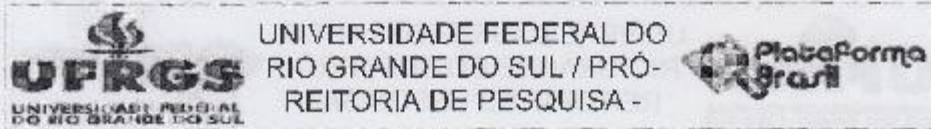
VILLAS BÔAS, M. M. Evasão escolar uma questão de cultura. In: CONFERENCIA LATINOAMERICANA SOBRE EL ABANDONO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR, 2., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2012.

WILLCOXSON, L.; COTTER, J.; JOY, S. Beyond the first-years experience: the impact on attrition of student experiences throughout undergraduate degree studies in six diverse universities. **Stud. High. Educ, Dorchester on Thames**, England, v. 36, no. 3, p. 331-352, May 2011.

YEPES, F.L. et al. Factores causales de la deserción estudiantil en el pregrado de la Facultad de Odontología de la Universidad de Antioquia de 1997 a 2004. **Rev. Fac. Odontol. Univ. Antioq.**, Medellín, v. 19, n. 1, p. 35-48, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## ANEXO A – Parecer CEP/UFRGS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** RETENÇÃO E EVASÃO NO CURSO NOTURNO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2013-2017

**Pesquisador:** Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 12567113.8.0000.5347

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/COMITÊ DE ÉTICA EM

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 241.514

**Data da Relatoria:** 04/04/2013

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um estudo qualitativo que procura analisar os processos de retenção e evasão no curso noturno de Odontologia da UFRGS, e que será realizado entre 2013 e 2017, a partir de entrevistas com professores e estudantes do curso.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

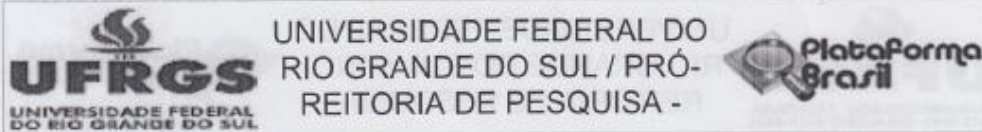
Analisar os processos de retenção e evasão no curso noturno de Odontologia da UFRGS no período de 2013 a 2017.

**Objetivos Secundários:**

- Conhecer o percentual de estudantes do curso noturno de Odontologia em situação de retenção e evasão.
- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos estudantes do curso noturno em situação de retenção e evasão.
- Identificar as atividades de ensino e etapas do curso em que ocorreu a situação de retenção e evasão dos estudantes do curso noturno de Odontologia.
- Entender os motivos que levam os estudantes à retenção e evasão durante o curso.
- Oportunizar oficinas para debate e proposição de ações relacionadas com os resultados dessa

*J. B. B.*

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Retorta - Campus Central  
 Bairro: Fencupilha CEP: 90.010-080  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4086 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br



pesquisa aos membros da Comissão de Graduação do curso de Odontologia, seus professores e estudantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios estão corretamente descritos no projeto e no TCLE.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa está bem delineada, tanto nos procedimentos de coleta de dados quanto no tratamento dos dados a serem obtidos. Trata-se de um tema extremamente importante para a formulação e acompanhamento de política públicas de educação, e o estudo proposto pode oferecer grande contribuição ao tema da evasão e retenção no ensino superior, particularmente nos cursos noturnos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória estão de acordo com as exigências, e os problemas apontados no parecer anterior foram devidamente sanados.

**Recomendações:**

Os problemas apontados no parecer anterior foram devidamente corrigidos. A recomendação desse parecer é pela aprovação do projeto de pesquisa analisado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências ou inadequações.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

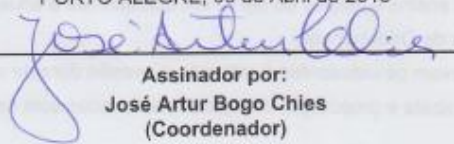
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Encaminhe-se.

PORTO ALEGRE, 09 de Abril de 2013

  
Assinador por:  
José Artur Bogo Chies  
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro  
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

**APÊNDICE A – Instrumento de pesquisa: questionário para estudantes ingressantes**

**LEVANTAMENTO DO PERFIL DE ALUNOS CALOUROS DO CURSO DE ODONTOLOGIA**

Estimado (a) aluno (a), o Curso de Odontologia quer conhecer o perfil dos seus alunos. Queira responder e devolver este questionário para a COMGRAD-ODO no momento da matrícula. O questionário é anônimo e não possui qualquer tipo de identificação. Fique a vontade para expressar-se e em caso de dúvidas ou necessidade de esclarecimentos, procure a Juliana Souza, Técnica em Assuntos Educacionais, na COMGRAD.

**BLOCO A: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO**

<b>1. Idade:</b> _____ anos	<b>2. Sexo:</b> (1) Feminino (2) Masculino	<b>3. Número de irmãos e/ou irmãs:</b> _____
<b>4. Tem filhos?</b> (1) sim, quantos? _____ (2) não	<b>5. Qual a sua etnia?</b> (1) Branco (2) Negro (3) Pardo (4) Indígena (5) Amarelo (origem asiática)	
<b>6. Situação conjugal</b> (1) Solteiro (a) (2) Casado (a) / Com companheiro (a) (3) Separado (a) / Divorciado (a) (4) Viúvo (a)	<b>7. Local de Nascimento:</b> _____ <b>Cidade:</b> _____ <b>Estado:</b> _____	
<b>8. Quanto à inserção de seus pais no mercado de trabalho:</b> Pai: (1) está trabalhando (2) do lar (3) trabalhando, mas aposentado (4) está desempregado (5) está aposentado (6) é falecido (7) _____; outro _____;	Mãe: (1) está trabalhando (2) do lar (3) trabalhando, mas aposentado (4) está desempregado (5) está aposentado (6) é falecido (7) _____; outro _____;	<b>9. Escolaridade de seus pais:</b> <b>Pai</b> (1) ensino fundamental incompleto (2) ensino fundamental completo (3) ensino médio incompleto (4) ensino médio completo (5) ensino superior incompleto (6) ensino superior completo (7) curso técnico (8) analfabeto (9) não sabe informar <b>Mãe</b> (1) ensino fundamental incompleto (2) ensino fundamental completo (3) ensino médio incompleto (4) ensino médio completo (5) ensino superior incompleto (6) ensino superior completo (7) curso técnico (8) analfabeto (9) não sabe informar
<b>10. Dos 8 anos que compõe o Ensino Fundamental, quantos deles foram cursados em:</b> (1) Escola pública: _____ (2) Escola privada: _____ (3) EJA: _____	<b>11. Dos 3 anos que compõe o Ensino Médio, quantos deles foram cursados em:</b> (1) Escola pública: _____ (2) Escola privada: _____ (3) EJA: _____	
<b>12. Você se mudou para Porto Alegre para vir estudar, tendo que sair da casa da sua família?</b> (1) Sim (2) Não		
<b>13. Atualmente você mora</b> (pode escolher mais de uma opção) (1) com os pais (ou um dos pais); (2) com outros parentes; (3) sozinho(a); (4) com amigos; (5) em casa de estudante; (6) em pensão;	<b>14. Assinale a situação abaixo que melhor descreve seu caso:</b> (1) Não trabalho e meus gastos são financiados pela família (passe para a questão 23); (2) Trabalho e recebo ajuda da família; (3) Trabalho e me sustento; (4) Trabalho e contribuo com o sustento da família; (5) Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento	

(7) com companheiro/a (8) com filhos	da família;
<b>15. Você exerce trabalho remunerado regular?</b> (1) Sim Em qual área? _____. Carga horária semanal? _____ (2) Não	
<b>6. Qual a renda mensal familiar, aproximadamente, em salários mínimos?</b> _____ salários mínimos (Valor do Salário Mínimo = R\$ 724,00)	<b>17. Você tem acesso a Internet em sua residência?</b> (1) Sim (2) Não

**BLOCO B: SOBRE O INGRESSO NO CURSO DE ODONTOLOGIA**

<b>18. Você já iniciou algum outro curso superior?</b> (1) não, este é o meu primeiro curso (2) sim, mas abandonei. Qual curso? _____ (3) sim, e estou cursando. Qual curso? _____ Desde quando está cursando? _____ (4) sim, e já concluí. Qual curso? _____ Quando concluiu? _____	
<b>19. Quanto tempo após a conclusão do ensino médio você ingressou no curso de Odontologia?</b> (1) logo em seguida (direto) ou até meio ano depois      (3) 2 anos depois (2) 1 ano depois      (4) 3 anos ou mais	
<b>20. Este curso é a sua preferência no momento (o curso que você mais queria fazer)?</b> (1) Sim      (2) Não	<b>21. Se não, qual seria o seu curso preferencial?</b> _____
<b>22. Em uma escala de 1 a 5, quão seguro você se sente a respeito da sua escolha pela curso?</b> (Completamente inseguro)      (1)      (2)      (3)      (4)      (5)      (Completamente seguro)	
<b>23. Qual motivo o levou a optar pelo curso de graduação em Odontologia?</b> (pode escolher mais de uma opção) (1) realização pessoal e profissional (2) segurança e tranquilidade no futuro, posição social e conforto financeiro (3) influência de cirurgiões-dentistas parentes ou amigos (4) interesse em atuar na comunidade (5) grande mercado de trabalho (6) profissão fácil de ser exercida por mulheres (7) outro. Qual? _____ (9) não sabe informar	

<b>24. Qual a sua expectativa em relação ao curso de Odontologia?</b>
<b>25. Existe relação do curso de Odontologia com as atividades que você já desenvolve? (1) sim (2) não</b> Se sim, você poderia descrevê-las?
<b>26. Fique a vontade para acrescentar neste espaço o que julgar necessário.</b>

**APÊNDICE B – Instrumento de pesquisa: roteiro para entrevista com os estudantes em situação de retenção**

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES**

Nº de identificação: \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ \_\_\_ \_\_\_

**Bloco 1 – Perfil sociodemográfico**

- 1 – Idade: \_\_\_\_\_ anos
- 2 – Sexo: (1) masculino (2) feminino
- 3 – Exerce atividade remunerada: (1) não (2) sim
- 4 – Se sim, qual? \_\_\_\_\_
- 5 – Se sim, com que carga horária? \_\_\_\_\_ horas semanais
- 6 – Concluiu o ensino médio em escola (1) pública (2) privada

**Bloco 2 – Sobre a escolha do curso**

- 7 – No momento da escolha pelo curso, você conhecia as características da profissão de cirurgião-dentista? Se sim, como buscou estas informações?
- 8 – Em relação ao curso noturno, você conhecia suas características quando optou por ele? (currículo, duração do curso, horário, etc.)? Se sim, como buscou estas informações?
- 9 – Porque você escolheu fazer o curso de noturno Odontologia?
- 10 – Quais eram suas expectativas em relação ao curso?
- 11 – Como foi sua adaptação ao curso (rotina de estudos, colegas, rotinas da universidade)?

**Bloco 3 – Sobre a retenção no curso**

- 12 – Como você percebe seu desempenho acadêmico no curso de Odontologia?
- 13 – Quais motivos você acredita que o(a) levaram à reprovação? Você acha que a reprovação poderia ter sido evitada? Como?
- 14 – Com a relação à reprovação, qual a sua percepção sobre:
  - sua atuação?
  - atuação do professor?
  - atuação da instituição?
- 15 – Como se sente com relação à reprovação?
- 16 – Fique a vontade para acrescentar o que julgar necessário.

**APÊNDICE C - Instrumento de pesquisa: roteiro para entrevista com os estudantes em  
situação de evasão**

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES**

Nº de identificação: \_\_ \_\_ \_\_

Data da entrevista: \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ \_\_ \_\_

**Bloco 1 – Perfil sociodemográfico**

1 – Idade: \_\_\_\_ anos

2 – Sexo: (1) masculino (2) feminino

3 – Exerce atividade remunerada: (1) não (2) sim

4 – Se sim, qual? \_\_\_\_\_

5 – Se sim, com que carga horária? \_\_\_\_\_ horas semanais

6 – Concluiu o ensino médio em escola (1) pública (2) privada

**Bloco 2 – Sobre a escolha do curso**

7 – No momento da escolha pelo curso, você conhecia as características da profissão de cirurgião-dentista? Se sim, como buscou estas informações?

8 – Em relação ao curso noturno, você conhecia suas características quando optou por ele? (currículo, duração do curso, horário, etc.)? Se sim, como buscou estas informações?

9 – Porque você escolheu fazer o curso de noturno Odontologia?

10 – Quais eram suas expectativas em relação ao curso?

11 – Como foi sua adaptação ao curso (rotina de estudos, colegas, rotinas da Universidade)?

**Bloco 3 – Sobre a evasão do curso**

12 – Como você percebe seu desenvolvimento no curso de Odontologia?

13 – Em que momento decidiu sair do curso? Que razões levaram a esta decisão?

14 – Você sentiu necessidade de conversar sobre esta decisão com alguém? E na instituição?

15 – Como se sente com esta decisão?

16 – Como a saída do curso repercutiu para você?

17 – Como esta decisão foi recebida por sua família?

18 – Você acha que a saída do curso poderia ter sido evitada? Como?

19 – Você pretende seguir o curso de Odontologia da UFRGS ou fazer o curso de Odontologia em outra instituição?

20 – Você pretende fazer outro curso e graduação na UFRGS? Se não, em outra instituição?

**APÊNDICE D – Instrumento de pesquisa: roteiro para entrevista com os professores****ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES**

Nº de identificação: \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_ \_\_\_ / \_\_\_ \_\_\_ / \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_

**Bloco 1 – Perfil demográfico**

1 – Sexo: (1) masculino (2) feminino

2 – Idade: \_\_\_\_\_ anos

3 – Regime de trabalho: \_\_\_\_\_

**Bloco 2 – Sobre o tema de pesquisa**

4 – Qual a sua percepção com relação ao curso noturno?

5 – Você acredita que os estudantes estão seguros de sua escolha pelo curso?

6 – O que você pensa sobre:

- motivos levaram a reprovação dos alunos?

- participação dos estudantes nas aulas?

- realização das atividades propostas?

- desempenho dos estudantes na disciplina?

- a saída de estudantes do curso noturno?

7 – Você acha que a reprovação dos estudantes poderia ter sido evitada? Como? E a evasão?

8 – Que estratégias sugere para melhorar tal situação?

9 – O que a instituição pode fazer para melhorar o curso?

10 – Fique a vontade para acrescentar o que julgar necessário.



## APÊNDICE E – Tabela 1

Tabela 1 – Distribuição dos ingressantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo as variáveis demográficas, 2010-2013.

VARIÁVEIS	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>SEXO</b>										
Feminino	19	(65,5)	22	(73,3)	18	(62,1)	19	(63,3)	78	(66,1)
Masculino	9	(31,0)	8	(26,7)	11	(37,9)	11	(36,7)	39	(33,1)
Não informou	1	(3,5)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>IDADE (ANOS)</b>										
17-19	8	(27,60)	7	(23,4)	7	(24,2)	11	(36,6)	33	(28,0)
20-22	6	(20,7)	15	(50,0)	10	(34,4)	8	(26,7)	39	(33,1)
23-25	2	(7,0)	4	(13,3)	5	(17,2)	5	(16,7)	16	(13,6)
26-29	4	(13,8)	2	(6,7)	3	(10,4)	2	(6,7)	11	(9,3)
30-32	4	(13,8)	1	(3,3)	2	(7,0)	1	(3,3)	8	(6,8)
36-38	--	(--)	1	(3,3)	1	(3,4)	2	(6,7)	4	(3,4)
39-41	3	(10,3)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	3	(2,5)
44-51	1	(3,4)	--	(--)	1	(3,4)	1	(3,3)	3	(2,5)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>COR DA PELE AUTOREFERIDA</b>										
Branca	26	(89,7)	23	(76,6)	26	(89,7)	22	(73,3)	97	(82,2)
Preta	1	(3,4)	2	(6,7)	2	(6,9)	1	(3,3)	6	(5,1)
Parda	1	(3,4)	5	(16,7)	1	(3,4)	7	(23,4)	14	(11,9)
Não informou	1	(3,5)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>ESTADO CIVIL</b>										
Solteiro	23	(79,3)	27	(90,0)	25	(86,2)	24	(80,0)	99	(83,9)
Casado/com companheiro	6	(20,7)	3	(10,0)	4	(13,8)	6	(20,0)	19	(16,1)
<b>PRESENÇA DE FILHOS</b>										
1 filho	3	(10,3)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	4	(3,4)
2 filhos	1	(3,4)	--	(--)	2	(6,9)	2	(6,7)	5	(4,3)
3 filhos	2	(6,9)	--	(--)	--	(--)	1	(3,3)	3	(2,5)
Sem filhos	5	(17,3)	30	(100,0)	26	(89,7)	27	(90,0)	88	(74,6)
Não informou	18	(62,1)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	18	(15,2)
<b>IRMÃOS</b>										
1 irmão	11	(38,0)	9	(30,0)	12	(41,4)	16	(53,3)	48	(40,7)
2 irmãos	5	(17,2)	11	(36,7)	5	(17,3)	7	(23,3)	28	(23,7)
3 irmãos	5	(17,2)	4	(13,3)	3	(10,3)	2	(6,7)	14	(11,9)
4 ou 5 irmãos	2	(6,9)	3	(10,0)	2	(6,9)	2	(6,7)	9	(7,6)
7 ou 8 irmãos	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	1	(3,3)	2	(1,7)
Sem irmãos	4	(13,8)	3	(10,0)	5	(17,3)	2	(6,7)	14	(11,9)
Não informou	2	(6,9)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	3	(2,5)
<b>ESTADO DE ORIGEM</b>										
Rio Grande do Sul	28	(96,6)	23	(76,7)	28	(96,6)	26	(86,7)	105	(89,0)
Paraná	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	--	(--)	1	(0,9)
Tocantins	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	--	(--)	1	(0,9)
Rio de Janeiro	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	1	(3,3)	2	(1,7)
Santa Catarina	--	(--)	--	(--)	--	(--)	2	(6,7)	2	(1,7)
São Paulo	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	1	(3,3)	2	(1,7)
Mato Grosso	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
Mato Grosso do Sul	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
Não informou	--	(--)	2	(6,8)	1	(3,4)	--	(--)	3	(2,5)
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>118</b>	<b>(100,0)</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

**APÊNDICE F – Tabela 2**

Tabela 2 – Distribuição dos ingressantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo a Instituição de formação no Ensino Fundamental e Médio, e o tempo entre a conclusão do Ensino Médio e ingresso no curso, 2010-2013.

VARIÁVEIS	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>										
Escola pública	9	(31,0)	13	(43,3)	13	(44,8)	14	(46,6)	49	(41,5)
Escola privada	7	(24,1)	12	(40,0)	11	(38,0)	8	(26,7)	38	(32,2)
Escola pública e privada	12	(41,5)	5	(16,7)	4	(13,8)	8	(26,7)	29	(24,6)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	2	(1,7)
<b>ENSINO MÉDIO</b>										
Escola pública	16	(55,2)	12	(40,0)	12	(41,4)	17	(56,7)	57	(48,3)
Escola privada	10	(34,4)	15	(50,0)	11	(37,9)	12	(40,0)	48	(40,7)
Escola pública e privada	3	(10,4)	2	(6,7)	--	(--)	--	(--)	5	(4,3)
Escola pública e EJA	--	(--)	--	(--)	2	(6,9)	--	(--)	2	(1,7)
EJA	--	(--)	--	(--)	2	(6,9)	1	(3,3)	3	(2,5)
Não informou	--	(--)	1	(3,3)	2	(6,9)	--	(--)	3	(2,5)
<b>TEMPO ENTRE ENSINO MÉDIO E INGRESSO NO CURSO</b>										
Até meio ano	3	(10,3)	1	(3,3)	3	(10,4)	3	(10,0)	10	(8,5)
1 ano	2	(6,9)	4	(13,3)	6	(20,7)	7	(23,3)	19	(16,1)
2 anos	5	(17,3)	7	(23,4)	1	(3,4)	5	(16,7)	18	(15,3)
3 anos ou mais	18	(62,1)	18	(60,0)	19	(65,5)	15	(50,0)	70	(59,3)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>118</b>	<b>(100,0)</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

**APENDICE G – Tabela 3**

Tabela 3 – Perfil socioeconômico dos ingressantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS, 2010-2013.

VARIÁVEIS	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>MUDOU-SE PARA PORTO ALEGRE PARA ESTUDAR</b>										
Sim	6	20,7	8	26,7	11	38,0	8	(26,7)	33	(28,0)
Não	23	79,3	22	73,3	16	55,1	22	(73,3)	83	(70,3)
Não respondeu	--	(--)	--	(--)	2	6,9	--	(--)	2	(1,7)
<b>COM QUEM RESIDE</b>										
Com os pais	17	(58,7)	19	(63,3)	14	(48,3)	19	(63,4)	69	(58,5)
Com outros parentes	1	(3,4)	5	(16,7)	3	(10,3)	1	(3,3)	10	(8,5)
Com os pais e outros parentes	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	1	(0,8)
Sozinho(a)	3	(10,4)	2	(6,7)	2	(6,9)	1	(3,3)	8	(6,8)
Com amigos	1	(3,4)	1	(3,3)	2	(6,9)	2	(6,7)	6	(5,1)
Com amigos em pensão	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(3,3)	1	(0,8)
Em casa de estudante	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	1	(0,8)
Com companheiro(a)	2	(6,9)	2	(6,7)	3	(10,3)	2	(6,7)	9	(7,7)
Com filhos	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
Com pais e companheiro	--	(--)	--	(--)	1	(3,5)	--	(--)	1	(0,8)
Com companheiro (a) e filhos	3	(10,4)	--	(--)	1	(3,5)	3	(10,0)	7	(6,0)
Pensão	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	1	(3,3)	2	(1,7)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	1	(3,5)	--	(--)	2	(1,7)
<b>ATIVIDADE REMUNERADA</b>										
Não trabalha e os gastos são financiados pela família	12	(41,4)	12	(40,0)	11	(38,0)	17	(56,6)	52	(44,1)
Trabalha e recebe ajuda da família	5	(17,3)	11	(36,7)	9	(31,1)	7	(23,3)	32	(27,1)
Trabalha e se sustenta	2	(6,9)	6	(20,0)	3	(10,3)	2	(6,7)	13	(11,1)
Trabalha e contribui com o sustento da família	4	(13,8)	1	(3,3)	3	(10,3)	2	(6,7)	10	(8,5)
Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família	3	(10,3)	--	(--)	2	(6,9)	2	(6,7)	7	(5,9)
Não informou	3	(10,3)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	4	(3,3)
<b>CARGA HORÁRIA DE TRABALHO SEMANAL</b>										
10 – 20 horas	2	(6,9)	3	(10,0)	2	(6,9)	--	(--)	7	(5,9)
24 - 25 horas	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	2	(6,7)	3	(2,5)
30 – 40 horas	13	(44,7)	8	(26,7)	8	(27,6)	8	(26,7)	37	(31,4)
44 – 50 horas	--	(--)	5	(16,7)	5	(17,3)	2	(6,7)	12	(10,2)
Não informou	2	(6,9)	1	(3,3)	3	(10,3)	1	(3,3)	7	(5,9)
Não trabalha	12	(41,5)	12	(40,0)	11	(37,9)	17	(56,6)	52	(44,1)
<b>RENDA PESSOAL (salários mínimos)*</b>										
Até 1 salário	2	(6,9)	--	(--)	5	(17,3)	--	(--)	7	(5,9)
1 a 3 salários	10	(34,5)	15	(50,0)	11	(37,8)	11	(36,7)	47	(39,9)
4 a 5 salários	1	(3,4)	3	(10,0)	--	(--)	--	(--)	4	(3,3)
6 a 8 salários	2	(6,8)	--	(--)	--	(--)	1	(3,3)	3	(2,5)
Não informou	2	(6,9)	--	(--)	2	(6,9)	1	(3,3)	5	(4,3)
Não trabalha	12	(41,5)	12	(40,0)	11	(38,0)	17	(56,7)	52	(44,1)
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>118</b>	<b>(100,0)</b>

Valor do salário mínimo em: 2010 - R\$ 510,00 / 2011 - R\$ 545,00 / 2012 - R\$ 622,00 / 2013: R\$ 678,00.

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

### APÊNDICE H – Tabela 4

Tabela 4 – Distribuição dos ingressantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS segundo a escolaridade e inserção no mercado de trabalho dos pais e renda familiar, 2010-2013.

VARIÁVEIS	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>ESCOLARIDADE DO PAI</b>										
Ensino Fundamental Incompleto	3	(10,4)	2	(6,7)	3	(10,4)	4	(13,3)	12	(10,2)
Ensino Fundamental Completo	4	(13,8)	2	(6,7)	3	(10,4)	--	(--)	9	(7,6)
Ensino Médio Incompleto	1	(3,4)	3	(10,0)	--	(--)	4	(13,3)	8	(6,8)
Ensino Médio Completo	8	(27,6)	10	(33,3)	17	(58,6)	14	(46,7)	49	(41,6)
Ensino Superior Completo	12	(41,4)	12	(40,0)	5	(17,2)	6	(20,0)	35	(29,6)
Curso técnico	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	2	(6,7)	3	(2,5)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	2	(1,7)
<b>INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DO PAI</b>										
Trabalhando	15	(51,7)	20	(66,7)	22	(76,0)	21	(70,0)	78	(66,1)
Aposentado	8	(27,6)	7	(23,3)	3	(10,3)	7	(23,4)	25	(21,2)
Aposentado e Trabalhando	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	1	(3,3)	2	(1,7)
Falecido	6	(20,7)	3	(10,0)	3	(10,3)	--	(--)	12	(10,2)
Outro (benefício INSS)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(3,3)	1	(0,8)
<b>ESCOLARIDADE DA MÃE</b>										
Ensino Fundamental Incompleto	3	(10,3)	2	(6,7)	2	(6,9)	3	(10,0)	10	(8,5)
Ensino Fundamental Completo	5	(17,3)	1	(3,3)	4	(13,8)	1	(3,3)	11	(9,4)
Ensino Médio Incompleto	--	(--)	4	(13,3)	1	(3,4)	2	(6,7)	7	(6,0)
Ensino Médio Completo	13	(44,8)	9	(30,0)	9	(31,1)	13	(43,3)	44	(37,2)
Ensino Superior Completo	8	(27,6)	12	(40,0)	12	(41,4)	9	(30,0)	41	(34,7)
Curso técnico	--	(--)	2	(6,7)	1	(3,4)	2	(6,7)	5	(4,2)
<b>INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DA MÃE</b>										
Trabalhando	16	(55,2)	19	(63,3)	17	(58,7)	15	(50,0)	67	(56,8)
Aposentada	7	(24,1)	5	(16,7)	6	(20,7)	3	(10,0)	21	(17,8)
Aposentado e Trabalhando	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	1	(3,3)	2	(1,7)
Desempregada	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
Do lar	5	(17,2)	4	(13,3)	3	(10,3)	11	(36,7)	23	(19,5)
Falecida	--	(--)	1	(3,3)	2	(6,9)	--	(--)	3	(2,6)
Não informou	1	(3,5)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>RENDA FAMILIAR (SM*)</b>										
1 a 5	16	(55,2)	14	(46,7)	10	(34,5)	15	(50,0)	55	(46,6)
6 a 10	9	(31,1)	6	(20,0)	8	(27,6)	9	(30,0)	32	(27,1)
11 a 15	1	(3,4)	3	(10,0)	--	(--)	--	(--)	4	(3,4)
16 a 20	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	2	(6,7)	3	(2,6)
40 a 50	1	(3,4)	1	(3,3)	--	(--)	1	(3,3)	3	(2,5)
Não informou	2	(6,9)	5	(16,7)	11	(37,9)	3	(10,0)	21	(17,8)
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>118</b>	<b>(100,0)</b>

\*Valor do salário mínimo em: 2010 - R\$ 510,00 / 2011 - R\$ 545,00 / 2012 - R\$ 622,00 / 2013: R\$ 678,00.

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.

## APÊNDICE I – Tabela 5

Tabela 5 – Distribuição dos ingressantes do curso noturno de Odontologia/UFRGS de acordo com a opção pela Odontologia, 2010-2013.

VARIÁVEIS	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>FREQUENTOU CURSO SUPERIOR ANTERIORMENTE</b>										
Não	14	(48,3)	17	(56,6)	16	(55,2)	16	(53,3)	63	(53,4)
Sim, mas abandonou	6	(20,7)	6	(20,1)	8	(27,6)	10	(33,4)	30	(25,5)
Sim e está cursando	2	(6,9)	2	(6,7)	4	(13,8)	1	(3,3)	9	(7,7)
Sim já concluiu	6	(20,7)	4	(13,3)	--	(--)	2	(6,7)	12	(10,1)
Sim, já concluiu um curso superior e o outro abandonou	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(3,3)	1	(0,8)
Não informou	1	(3,4)	1	(3,3)	1	(3,4)	--	(--)	3	(2,5)
<b>CURSO DE PREFERÊNCIA</b>										
Agronomia	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	1	(0,9)
Engenharia Elétrica	--	(--)	--	(--)	1	(3,4)	--	(--)	1	(0,8)
Engenharia	--	(--)	1	(3,3)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
Medicina	3	(10,3)	3	(10,0)	2	(6,9)	5	(16,7)	13	(11,1)
Odontologia (diurno)	--	(--)	2	(6,7)	--	(--)	--	(--)	2	(1,7)
Odontologia	25	(86,3)	24	(80,0)	25	(86,3)	25	83,3	99	(83,9)
Não informou	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>GRAU DE SEGURANÇA NA ESCOLHA DO CURSO</b>										
Completamente seguro	18	(62,1)	14	(46,6)	13	(44,8)	15	(50,0)	60	(50,9)
Seguro	6	(20,7)	12	(40,0)	9	(31,0)	11	(36,6)	38	(32,2)
Indiferente	2	(6,9)	2	(6,7)	7	(24,2)	2	(6,7)	13	(11,0)
Inseguro	--	(--)	2	(6,7)	--	(--)	2	(6,7)	4	(3,4)
Completamente inseguro	2	(6,9)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	2	(1,7)
Não respondeu	1	(3,4)	--	(--)	--	(--)	--	(--)	1	(0,8)
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>29</b>	<b>(100,0)</b>	<b>30</b>	<b>(100,0)</b>	<b>118</b>	<b>(100,0)</b>

Fonte: SOUZA, J. M. Pesquisa direta, Porto Alegre, 2014.